CAPÍTULOS
DA EXPERIÊNCIA
Douglas e Eira Conacher
Tradução: Amadeu António

EIRA CONACHER AQUI JUNTO A LESLIE FLINT

Douglas e Eira Conacher casaram-se em Londres em 1937. Eira escreveu:

"O meu marido e eu não nos conhecemos senão até muito tarde na vida. Douglas tinha cinquenta e oito anos, e era um solteirão consumado; eu tinha trinta e nove anos e estava profundamente envolvida no meu trabalho como Amante de Arte numa escola no Surrey. No entanto, a 12 de Agosto de 1937, alguns meses depois do que pareceu um encontro casual, estávamos casados. Isto sucedeu durante o período de paz inquietante antes da Segunda Guerra Mundial se abater sobre todos nós.

“Douglas tinha servido na Primeira Grande Guerra e conheceu muitíssimo bem os horrores da guerra, e a natureza altamente sensitiva que possuía foi significativamente afetada por esta segunda conflagração. Seguiram-se anos de doença, operações e frustrações, em razão do que se tornou necessário que largasse o seu trabalho de publicação no coração de Londres e procurasse encontrar repouso e paz nas áreas rurais circundantes. Ele tinha um enorme amor pela leitura e lia imenso, mas não me recordo de alguma vez o ter visto ler nada de carácter oculto ou psíquico, nem tampouco nós discutíamos tais temas.

Douglas era sensível à beleza em todas as suas manifestações, contudo, não disposto a ideias fantasiosas. Era franco. A precisão na expressão importava imenso para ele. O meu marido era profundamente religioso, e membro devoto da Igreja de Inglaterra. Os livros que publicava prendiam-se principalmente com a religião ortodoxa e a filosofia. Como este livro trata em grande medida da reencarnação - um dos temas mais controversos—achei necessário mencionar estes factos.

“Tivemos vinte anos de devota companhia, e embora o caminho que tivemos que trilhar, e as lições que tivemos a aprender fossem normalmente muito

difíceis, a partilha dessas penosas experiências aproximou-nos e fortaleceu o nosso amor. Eu li alguns livros subordinados ao tema da vida pós-morte antes da passagem do meu marido, porém, a busca do conhecimento espiritual começou a sério somente algumas semanas após esta crise na minha vida. Devotei períodos à meditação silenciosa, e enquanto escutava música inspiradora tentava sintonizar as frequências mais elevadas dos reinos do espírito que nos rodeiam. Esses contactos trouxeram momentos em que o véu foi ligeiramente erguido, e deixou antever algo da intensa beleza e realidade vívida da vida além das vibrações físicas.

“Durante esse período tive igualmente o privilégio de ter sessões com muitos dos ótimos médiuns da atualidade, o que me trouxe felicidade. A vida adotou uma nova radiância, uma perceção renovada do seu propósito e o esplendor despontou em mim. Aquilo que tinha vagamente percebido antes, tornou-se claro e inteligível. Soube, além da mais pequena dúvida que a morte, longe de ser o término da vida, era com efeito a passagem para a vida, e uma vida em constante crescimento.

“Douglas e os nossos parentes que tinham ‘falecido’ foram maravilhosos pela forma como trabalharam em conjunto para trazer evidências e informação sobre a sua vida e trabalho nos diversos estratos do mundo do espírito.”

"Tive o privilégio de conhecer o Sr. Leslie Flint. . . e de ser convidada para os seus círculos noturnos."

Eira viu-se capaz de conversar com o marido de novo enquanto participava das sessões de Voz Direta conduzidas por Flint com a participação do seu leal "controlador" conhecido como "Mickey," e chegou a obter conhecimento acerca da reencarnação, dos aspetos espirituais da existência mortal e da natureza da vida além da nossa esfera terrestre.

O livro de Eira Conacher é "Dedicado a Leslie e Mickey com o nosso amor." Ela descreveu o “controlador” de Flint, Mickey, como "o nosso mestre de cerimónias" e relatou o que ela e outros frequentadores tinham de conhecimento sobre ele. Ele encarregava-se das diversas condições que prevaleciam na altura da comunicação. As observações divertidas que faz aliviam qualquer tensão que possa resultar, levando-nos a sentir relaxados e felizes. A última vida terrena que Mickey teve foi breve, pois ele foi morto por volta dos onze anos, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, ao atravessar a estrada perto da estação de metro de Camden Town, onde ele vendia jornais. Ele é um grande personagem que adora a todos.

Os frequentadores poderão ter contemplado o significado das múltiplas ocasiões em que o Mickey e os outros comunicadores usavam o pronome "nós" durante a conversa. Nos dois livros de transcrições de conversas em sessões de voz direta do marido provenientes do "outro lado," os comentários de Eira são identificados pela palavra 'Eu'. Um capítulo do primeiro livro é um tributo que apresenta palavras do comunicador Douglas Conacher em apreço pelo Mickey e pelo Leslie, tal como pelo Mickey:.." Por trás de tudo o que

acontece está o Mickey... Ele é, por assim dizer, o compadre com quem todos contraímos uma enorme dívida. Eira ficou igualmente agradecida ao médium.

PREFÁCIO

Douglas (Voz Direta): "Suponho que seja natural e humano supor, como parece à primeira vista, que o nascimento seja o começo da vida. Contudo, ao mesmo tempo, não há comprovação alguma de que o homem possa apresentar em apoio dessa afirmação. O nascimento pode ser o começo de uma nova experiência, de uma nova perceção, de uma nova consciência, de uma nova oportunidade de vida em diferentes circunstâncias, mas não é necessariamente o início. Na verdade, sabemos que não o é.

O nascimento é o mero re-despertar da consciência ou renascimento em determinadas circunstâncias e condições de vida. Aquilo que somos, *somos* antes ou depois da chamada morte. A morte é a maior ilusão de todas. Tanta gente presume que depois da morte não exista nada—que represente o esquecimento; e presume que antes que a vida tenha início na Terra, antes que o nascimento ocorra, exista o olvido. Nada poderia ser mais falso. A vida é constante e contínua; não tem começo nem fim. É como se existissem episódios de que tivéssemos consciência.

"No entanto, há, e até certo ponto sem que tenha plena realização disso, muitos aspetos da vida que o homem não pode trazer à sua consciência, que são igualmente reais, igualmente vitais, tão importantes quanto qualquer vida terrena. Existem condições de vida antes do nascimento do mesmo modo que existem condições de vida após o nascimento, mas uma existência material física não é necessariamente à totalidade e o término de todas as coisas; de facto, é apenas uma de entre inúmeras vidas.

Todas essas experiências são necessárias e essenciais à evolução e desenvolvimento da alma humana. Passa a existir uma vida, que não pode ser eliminada. Pode ser eliminada num sentido físico, ou num sentido consciente, ou no sentido da perceção física—porém, a vida em si mesma é imorredoura. O espírito dinamizador que anima a forma de vida conforme a entendemos num corpo material acha-se sempre presente. Lá por o corpo físico não ter nascido

ou ter falecido isso não altera o facto da consciência espiritual aguarda ter o seu efeito e revelar-se a si própria através de uma forma de vida no corpo físico.

O espírito que nasce no vosso mundo num corpo físico não se torna subitamente consciente nem tem perceção de uma nova vida. Teve conhecimento e consciência de uma nova vida, da vida que há de vir num mundo material, possivelmente durante muito tempo antes. Mas pode não ser capaz de animar, ou pelo menos de se expressar, até que o corpo físico tenha atingido um determinado estágio no desenvolvimento, e o cérebro seja capaz de responder e reagir à força do pensamento do espírito. A questão é que o espírito consciente acha-se sempre ativo, sempre vivo. Só se torna individual quando habita um corpo—na terra, um corpo físico; no nosso lado um corpo psíquico ou espiritual. Mas por detrás dessa diversidade de corpos e graus de consciência existe um espírito sempiterno, que existiu, existe e continuará a existir.

O homem não deve confinar a sua consciência e a sua realização a uma existência física terrena. Isso constitui uma pequena parte do incrível todo do homem. É impossível explicar de forma cabal o que se deseja transmitir, por as próprias palavras não se revelarem adequadas em si mesmas. Contudo, com todo o seu conhecimento, com toda a sua perceção da verdade, possui somente uma fração diminuta da perceção de si próprio.

Na terra o homem tem perceção de muitas coisas que pertencem ao seu próprio mundo, e por vezes apreende algo da verdade e conhecimento do mundo do espírito. Contudo, o homem distingue todos esses mundos, sempre separa essa consciência de vida por não conseguir conceber o facto do mundo terreno ser apenas uma fração do mundo real. Existem linhas divisórias somente devido à falta de compreensão e perceção do poder do espírito, que anima toda a vida a toda a hora nos diferentes estratos da experiência e expressão.

O homem aceita, conforme deve, a sua existência terrena e diz: "Bem, claro que conhecemos esta existência por a experimentarmos a todo instante da nossa vida diária. Conhecemos este mundo, conhecemos esta vida de que temos consciência no dia-a-dia, contudo nada sabemos de um mundo por vir—se é que existirá algum mundo por vir!" No entanto, esse dito 'mundo por vir' existe aqui e agora, convosco. Podem não ser capazes de o ver; podem nem ter

consciência dele. Mas existem muitas coisas de que o homem pode ver certos resultados, de que nada sabe, tal como existem muitos aspetos desta existência material que ele não compreende, mas cujo efeito pode testemunhar.

Ou seja, lá por não ver antes do nascimento, não ter consciência nenhuma da vida anterior ao nascimento, nenhum conhecimento das vidas anteriores a esta que agora está a viver; lá por não ter perceção ou consciência de um mundo que há de vir após a morte física, o homem inclinou-se a presumir que existe unicamente uma vida, quando na realidade existem muitas vidas, ou múltiplas expressões do espírito, através de muitos corpos físicos e psíquicos, que se estendem por eras e eras do que designamos por tempo—pelo passado e futuro. Por outro lado, sabemos que o passado, o presente e o futuro são tudo um. E embora pareçam existir linhas de demarcação, não existem condições de separação exceto aquelas que o próprio homem estabelece através da sua ignorância e falta de compreensão.

Quando o homem compreender que é uma força de animação sob determinadas circunstâncias e condições predominantes naquele particular momento da vida que lhe é comum e natural, e quando perceber que o que existe agora pode muito bem ter existido no passado em diferentes circunstâncias e que há de vir a existir no chamado futuro num novo ambiente e condição, ele perceberá a sua verdadeira natureza. O homem não deve alimentar esse conceito tacanho de que este momento seja o único momento, de que aquele que passou não seja importante, e que aquele que há de vir—se é que virá!—não importe igualmente.

O homem precisa ver-se não como um corpo, mas como um espírito indestrutível e indefinível, que vive e vibra a todo instante com enormes possibilidades e uma mudança incrível muito distanciada de tudo quanto consegue compreende ou abarcar. Claro que há muito que jamais poderão esperar compreender, e que certamente que não lhes podemos transmitir—porém, o homem não devia pensar que esta vida em que dá por si seja o começo e o fim. É, por assim dizer, como não mais que um pequeno grão de areia nos areais da experiência, nas areias da evolução.

Pela sua própria natureza, a vida precisa ser contínua e não pode jamais cessar, deter-se. Toda a vida é feita de movimento e mudança—isso, em si mesmo,

constitui a vida. Se o homem deixasse de pensar, deixasse de abranger, deixasse de energizar, deixasse de se revitalizar a si e aos demais, deixaria de existir. Pela sua própria natureza o homem precisa graduar-se de forma lenta e segura de um nível para outro. Movimento, ação—nisso reside a essência da vida. O expressar e o aprender, o ganho e o desenvolvimento—tudo isso perfaz o homem.

O homem não é uma coisa estática. Tudo quanto for estático não terá existência; em certo sentido, não possuirá vida real. Poderá ter uma coisa qualquer momentânea—expressão, forma ou configuração, porventura—mas isso não será vida. Não é algo que é eterno e vivente—não é algo consequente. Aquilo que o homem é está em constante mudança. Ele poderá não ser sempre capaz de o compreender ou de atrair experiência a si como talvez desejasse; mas, pelo facto de o não compreender ou abarcar não quer dizer que aquilo por que nos esforçamos por dar não exista.

Há muitas coisas de que tiram pleno proveito no vosso mundo—por vezes para bem do homem e outras vezes em seu prejuízo. Estes poderes e forças que existem na natureza e que sempre existiram estiveram ocultas do homem durante séculos. Ele não as percebia; agora obtém benefício delas. Estas não são coisas que ele possa ver enquanto tais, mas ele consegue ver os efeitos delas. Consegue ver o poder que têm por detrás, embora as não consiga entender ou perceber em pleno; constituem forças da natureza. O homem é um animal natural, contudo, ao mesmo tempo é revitalizado por um espírito que, pela sua própria natureza está vivo e é indestrutível.

O homem tem ideias tão vagas com respeito a si próprio; até mesmo aqueles que professam convicção religiosa vivem, muita vez, confusos, e muita vez vivem num estado de transição com respeito a toda a coisa; com todas as suas crenças e conhecimento ainda Oxalá o homem conseguisse compreender a imensa estrutura do seu próprio ser, que não é um estrutura física mas espiritual.

Mas, pela própria natureza do seu ser um espírito, o homem é indestrutível; um deus em embrião, pela sua própria natureza e pelo seu próprio ser. Quase como uma planta delicada que gradualmente se desenvolve, que uma multiplicidade de ervas daninhas têm tendência para sufocar. As ervas daninhas da ignorância e da insensatez, que precisam ser arrancadas, e o serão gradualmente.

O homem há de aprender a prosperar, a expressar-se, a crescer em estatura espiritual, e a superar todos os aspetos mais primitivos do seu ser.

O mundo terreno é um campo de treino e tem-no sido há incontáveis séculos. Milhões e milhões de séculos se passaram e o homem ainda está a aprender e muitas vezes precisa voltar para aprender mais, fazer o bem, e progredir. Mas isso não altera o facto do espírito se expandir a todo instante, mesmo quando o corpo físico por vezes parece incapaz de perceber o poder e a beleza que possui, e a magnificência. Não obstante, o corpo físico é importante enquanto residência temporária por intermédio da qual estes poderes e estas crenças e verdades possam expressar-se.

O homem precisa ser paciente, precisa perceber que não é somente um corpo, que não é algo que nasce apenas, tem existência e a seguir morre. Isso não passa de um episódio na multiplicidade de capítulos da experiência. O homem não se deve encarar como se vê ao espelho, como se vê numa existência. Isso é mera e somente uma parte de si.

Douglas Conacher

CAPÍTULO UM

A REALIDADE DA REENCARNAÇÃO

Foi entusiasmante voltar a estar perto de Londres e prosseguir com as sessões que estava a ter com o Sr. Leslie Flint. Em breve a voz do Mickey fez-se escutar, e após a sua saudação de satisfação e comentários de abertura—bastante pessoais nessa ocasião—escutei a voz do meu marido.

"Finalmente, finalmente! Parece que foi à uma eternidade que falei contigo da última vez. Consegues ouvir-me?

Eu: Consigo e muito bem. Que coincidência não parece tu voltares a falar comigo—após a tua chamada morte física - tão perto do local onde certa vez viveste.

Douglas: Ah, referes-te a Bayswater. Isso conduz-nos uns anos ao passado! Foi quando eu era muito novo. A casa ainda lá existirá?

Eu: Existe, mas converteram-na num bloco de apartamentos.

Douglas: Esse, era um bairro residencial considerado muito bom nesses dias. Suponho que deixou de existir (com ímpeto). Ah, querida, eu não devia dizer isso, considerando que o Sr. Flint mora qui! (riso) Mas naquele tempo era bastante pacífico e sossegado—só se via cavalos e carruagens, sabes?

Bem, minha querida, gostas da tua nova casa?

Eu: "Será muito agradável quando eu me acostumar a viver num aposento.

Douglas: "Eu tenho a sensação de que ainda podes vir a passar por uma outra mudança.

Eu: "Captaste isso do meu pensamento?

Douglas: "Possivelmente. Eu estou constantemente contigo, e sei o que estás a pensar na maior parte do tempo. Eu esperei muito por isto. Haverá alguma coisa que gostasses que eu falasse em particular hoje?

Eu: "Há algum tempo atrás disseste que gostarias de voltar a falar sobre reencarnação.

Douglas: "Esse é um tema tão vasto que careceria de muitas sessões. Creio que a coisa mais importante a realizar em relação à reencarnação é o facto de não ser algo que seja necessariamente essencial em todos os casos; por outras palavras, nem todos encarnam de novo, embora muitos o façam—de facto, a grande maioria. Mas, é claro, precisamos recuar séculos e séculos atrás e perceber que há muitas almas que encarnaram em diversas ocasiões, e que agora não sentem a necessidade de encarnar de novo.

"Temos que aceitar o facto de que, numa vida na Terra, só se pode esperar roçar a superfície da experiência, e muitas vezes é necessário reentrar no mundo da Terra a fim de viver uma nova vida num corpo novo, como num novo ser. Por vezes é essencial que experimentemos certos acontecimentos que só podem ser experimentados em condições muito diferentes daquelas em que nos encontrávamos na Terra anteriormente. Mas pensando bem, eu acho que precisamos lembrar-nos de que existem indivíduos que optam por voltar a fazer um trabalho especial. A maioria dos grandes mestres e profetas da antiguidade eram Almas muito Antigas que optaram por voltar a fazer certo trabalho em certa era, para dar um exemplo e mostrar o caminho a outros que pudessem vir a segui-los.

Eu: "Muita gente não consegue aceitar a reencarnação.

Douglas: "Embora possa parecer bastante estranho, eu não acho que realmente importe. Tem que haver quem tenha uma visão diferente e diferentes estratos de experiência; mas depois, é claro, há muita gente para quem a reencarnação é repugnante e que, em muitos casos, não tem necessidade de reencarnar, nem quererá reencarnar. Há tantas almas na terra que experimentaram muito em vidas anteriores das quais, o mais provável seja que lembrem pouco ou nada em absoluto, o que de certa forma, acaba por ser bom.

As pessoas sempre dizem: "Se pudéssemos recordar isto ou aquilo isso constituiria prova excelente da sua existência, mas já que não lembramos, como haveremos de saber?" Mas a questão está em que muitos casos haveria de ser uma coisa negativa reconhecer ou lembrar vidas anteriores por poder representar uma barreira em vez de uma ajuda. Por exemplo, se recordasses certos aspetos da vida que tenham sido, no teu próprio caso, negativos do ponto de vista de teres cometido algo que não devias de prejudicial para o teu avanço espiritual, haverias—caso o recordasses de forma bastante vívida—de ficar na defensiva na tua encarnação seguinte, e haverias de evitar artificialmente as coisas.

Se quiseres ser boa, ou quiseres viver uma vida que seja boa, ou fazer coisas sensatas, então essas coisas deverão brotar de dentro e suceder naturalmente. Se fizeres as coisas por pensares que as deves fazer—porventura por teres negligenciado um certo aspeto de ti numa encarnação prévia—se as fizeres

contra a vontade, então isso em si mesmo não será bom. Precisa brotar naturalmente do interior, e dos recessos da alma. Muita gente diz: "Ah, bem, se eu soubesse no que falhei da vez passada, poderia evitá-lo." Mas, se soubessem no que tinham errado ou conhecessem ou as falhas que tenham tido, e nesta encarnação estivessem alerta e dissessem para vós próprios: "Agora preciso fazer isto ou aquilo, por ter sido no que errei da vez passada"—o provável é que, com toda a certeza, o fizessem com base no medo, e não naturalmente. E o homem precisa aprender a viver com a sua consciência íntima, a compreensão íntima que tem das coisas que são boas e más.

Eu: A mente subconsciente reterá memórias de vidas passadas?

Douglas: Pode reter, mas infelizmente é invariavelmente muito difícil recobrar memórias passadas. Precisamos forçar-nos; precisamos esforçar-nos duro por reavivar a nossa memória. Creio que por vezes seja possível, mas não em geral. Certos indivíduos são capazes de explorar a fonte do conhecimento dessas coisas.

Eu: Tens conhecimento das tuas encarnações?

Douglas: Tive conhecimento delas durante um tempo, e agora estou a obter um pouco mais de detalhes. Há certas encarnações de que temos pouco conhecimento ou perceção, por em si terem desempenhado parte pouco importante. Suponho que as poderíamos designar coo vidas de formação, de formação da experiência da terra, básicas. Em todo o caso, precisamos retornar à época da encarnação e perceber que éramos, em certa medida, o produto de uma era.

É importante perceber que o que geralmente é aceite como aquilo a fazer, e a perspetiva de vida que se tem nesse período de tempo pode não se enquadrar necessariamente—não se poderia enquadrar—com outra era. Há tanto a levar em consideração. Por exemplo, uma pessoa pode não ser, de acordo com a era em que tenha vivido, uma pessoa tão má quanto possivelmente pensaríamos em retrospeto, por poder ter sido o produto de uma era em que a crueldade fosse o critério aceite. Isto poderá soar a pretexto, mas a questão é que há coisas que não ocorrem na vossa vida atual que eram lugar-comum há cem anos. Hoje vocês não enforcam jovens, mas há cem anos atrás não era coisa inédita enforcar um jovem que furtasse um bocado de pão.

Somos o produto da era em que vivemos, e do nosso tempo e pensamento. A força do pensamento de uma era é de tal modo potente que chega a afetar toda uma vida; afeta toda a humanidade. Uma era é predominantemente como ela pensa, e as pessoas dessa era são produto das mentes de uma geração anterior. Encontramo-nos todos numa era de mudança e evolução, e uma vida individual numa certa era é essencial e necessária. Aprendemos e cometemos erros tremendos e experimentamos o fracasso.

Mas a questão está em que no geral é necessário a um ser humano encarnar numa nova vida e era a fim de contribuir com algo de muito necessário não só à sua própria evolução e desenvolvimento, mas à era em que renasce, igualmente. Existem, evidentemente, exemplos disso—almas que estão muito acima das pessoas do seu tempo. São grandes líderes e mestres, grandes profetas e videntes, que são encarados quer como génios ou pessoas ou que não se enquadram no seu tempo; gente que porventura nem sempre é aceite na era em que vive; que parece não se encaixar. Essas são Almas Antigas que optaram por retornar ou que, em certos casos, foram enviadas de volta.

Mas na realidade ninguém reentra no mundo contra a vontade. Não creio que alguém possa dizer que seja forçado a regressar. A maioria das pessoas deseja voltar a entrar no mundo; sentem a necessidade de experiência, ou talvez sintam a necessidade de fazer um trabalho específico. Tudo é lei e ordem. Tudo é lógico. O que é extraordinário é que as pessoas sempre digam—por exemplo, com respeito ao Espiritualismo, ou à Comunicação ou Reencarnação, ou seja o que for que possa ter que ver com o espiritual e o psíquico—que não é lógico. Com efeito essa realização espiritual é a coisa mais lógica de todas. As pessoas agarram-se ao material que pensam que ele seja o lógico, mas não é; é o mais ilógico.

Eu: "Nós estivemos realmente juntos em vidas anteriores?

Douglas (veementemente): "Ah, tivemos várias encarnações no Egipto; uma na China Antiga; uma que no meu parecer se passou na Roma Antiga; e em certa medida também fomos influentes no final do século XVII e início do século XVIII ao suscitarmos uma nova conceção aos ensinamentos de Cristo, mas essa foi muito difícil por ter sido uma época em que a ortodoxia era muito poderosa. Nós tínhamos uma interpretação e uma perceção da Fé Cristã que tentamos

inculcar e impressionar e trazer à existência, mas foi, é claro, muito difícil. Sabes, a certa altura tivemos uma ligação com a Holanda.

Eu: Creio que nessa encarnação—a fim de salvar a cabeça—me juntei à Igreja Católica e entrei num convento! Tive quadros mentais vívidos de mim nesse período.

Douglas: Pois, foi nessa era que colhemos essa compreensão do verdadeiro Cristianismo, mas as circunstâncias dificultaram-se sobremodo; e se quiséssemos conservar a cabeça sobre os ombros, conforme dizes, se quiséssemos preservar a própria vida, e possivelmente mais tarde fazer algo de valor, precisávamos fingir que aceitávamos a religião ortodoxa. Receio que não tenhamos sido capazes de fazer tanto quando esperávamos.

Mas nós fomos sempre—e isto é uma das coisas que descobri, e possivelmente o mais importante entre muitas outras coisas—sempre tivemos interesse por descobrir a Verdade religiosa. E não me surpreende nem um pouco que eu tenha despendido tanto do meu tempo e esforço na minha última encarnação a propagar o Cristianismo. Aquilo de que me arrependo é de não ter propagado, ou não ter aceite, o que agora sei ser a verdade. Tu e eu estivemos associados à religião em todas as nossas encarnações; sempre fomos investigadores.

Eu: espero que não voltes a reencarnar antes que eu passe para aí.

Douglas: Ah, não, não penso que venha a reencarnar de novo, nem penso que tu o venhas a fazer. Os elos que temos com a terra terão acabado; estou certo disso. Eu não quero regressar, e tenho a certeza de que tu também não. Há tanto que quero aprender deste lado e conhecer e descobrir. O que constitui a maior felicidade aqui é a descoberta incessante, este experimentar constante de coisas novas. A vida jamais deixa de ser maravilhosa. Há sempre algo de novo a descobrir e a compreender. Jamais conheci tanta calma e paz, tanta placidez como a que agora conheço. Sinto-me muito mais em paz do que antes, e o facto de saberes com respeito a isto é fonte de constante alegria para mim.

Essa é a maior bênção de todas, o facto de termos esta comunicação. Mas se quiseres que o faça, e estou certo de que queres, de futuro concentrar-me-ei em encarnações e entrarei tanto quanto puder em detalhes. Pode dar um excelente livro. Pelo menos há de interessar-te. Mas obviamente seria melhor começar pela

última mais inicial que puder recordar com clareza, que teve lugar, claro está no Egipto. Talvez possamos falar disso da próxima vez. Em todo o caso, deve regressar no tempo para te transmitir uma ideia das experiências por que passei. Entretanto, endereço-te o meu amor e faço votos para que te não preocupes, por pensar que tudo vá dar certo.

Mickey (jovial): Adeus. Volte em breve, tia Conacher!

CAPÍTULO DOIS

UM SACERDOTE NOS TEMPLOS DE CARNAQUE

Enquanto o médium e eu trocávamos comentários acerca das notícias, uma voz familiar, clara, e infantil encheu o aposento.

Mickey: Que bom vê-la, Tia! Vem muito a Londres?

Eu: Não, só quando te venho escutar.

Mickey: A sério? Acato isso como um cumprimento! Não vem às compras nem nada?

Eu: Não, Mickey.

Mickey: Espero que haja lojas por lá onde vive, não? Suponho que não faz muitas compras. Gosta de peixe e batatas fritas?

Eu: (a rir) Acho que na minha juventude, mas há muito tempo que sou vegetariana.

Mickey: Céus! E sendo vegetariana não pode comer peixe? Meu Deus! Não aprecia um bom prato de solha ou linguado ou algo assim? (Deixando-me de lado) Ah, bom, então espere!

Douglas: (Juntando-se à diversão) Do que é que ele está a falar? De peixe, não era? O Mickey já devia saber que tu és vegetariana.

Eu: raramente falo nestas coisas, querido.

Douglas: Provavelmente não reparou que tu és, mas é extraordinário o quanto ele sabe daqueles que aqui veem. Bem, querida, tens alguma ideia especial do que queres falar?

Eu: Tenho, prometeste-me falar sobre a tua encarnação mais antiga no Egipto.

Douglas: Mas é claro.

Eu: "Quando foi que ficaste obtiveste conhecimento dessas encarnações?

Douglas: "Isso vem muito gradualmente mas aí, mais uma vez, depende de cada indivíduo e do quão ansioso esteja por assimilar o conhecimento e a experiência, e do quanto deseje conhecer sobre si próprio e sobre o passado. Obviamente, ao aqui chegarmos de início encontramo-nos tão cheios de entusiasmo por esta vida—por fazermos novas amizades, por encontrarmos velhos conhecidos e parentes, etc.—que não pensamos muito a sério em nós próprios no sentido de vidas passadas, mesmo supondo que se saibamos alguma coisa sobre a possibilidade de termos tido vidas passadas. A vasta maioria das pessoas só se interessa pela vida que acabou de deixar. Muito poucas pessoas chegam a ter perceção da existência de algo como reencarnação. Por conseguinte, a maioria leva muito tempo antes de começar a aprofundar-se nas possibilidades do presente e do passado. Com efeito, a maior parte das pessoas está demasiado contente e satisfeita por estar, suponho que se poderá dizer, estática.

Não é senão quando compreendemos esta vida mais a fudo que começamos a perceber que o passado é importante e que invariavelmente tivemos muitas

existências. É quando começamos a conhecer gente, aqui, que alega conhecer-nos, e que relembra experiências passadas que tiveram; que começam a falar-nos de nós próprios, e de como chegamos a conhecer esta ou aquela pessoa, e de como nos sucedeu esta ou aquela experiência—aí percebemos como as nossas vidas estiveram entrelaçadas.

Conheço agora algo que jamais compreendi antes, que é o facto de todos fazermos parte de um grupo-alma. Embora sejamos indivíduos e retenhamos a nossa individualidade e personalidade, é algo que terá evoluído ao longo dos séculos da experiência. Não nos 'tornamos' afiliados de repente. Só o fazemos através da tentativa e do erro, através da experiência; mas só começamos a assimilar isso, e a perceber todo o seu potencial, e no que realmente consiste, e o que realmente terá conseguido quando estivermos capazes de nos ver em retrospeto.

A vasta maioria presume que a nossa vida compreende tudo o que existe do nascimento até à sepultura, ao passo que na realidade, é somente uma de toda uma série de vidas em que tivemos diferentes corpos—sob diferentes condições e em diferentes períodos de tempo—em que teremos tido oportunidade de experimentar muitas coisas que ajudaram a edificar a personalidade individual e o carácter real.

Somos todos produto de experiências, não só de nós próprios, mas também de outros, por nunca podermos viver para nós próprios. Na Terra gostamos de pensar que somos uma unidade independente, mas não somos. Nós somos o produto de todo o tipo de pensamentos, de todo o tipo de influências, de todo tipo de experiências, e seria impossível assimilar tudo num corpo, numa vida.*

Por conseguinte, tivemos muitas, muitas vidas em que fomos homem e mulher, e em que talvez tenhamos sido apenas uma criança que tenha morrido em tenra idade. É muito importante perceber que somente quando tivemos inúmeras experiências podemos realmente começar a ver-nos a nós próprios como indivíduos plenamente maduros.

**(NT: O que indicia uma multidimensionalidade do ser.)*

A recordação mais antiga que tenho—que só me acudiu de modo bastante gradual, por, suponho eu, se achar muito afastado e distanciado no próprio

tempo—é de uma das primeiras dinastias Egípcias e que fui um sacerdote. Quero colocar isto numa perspetiva adequada, mas evidentemente, por mais longe que consigamos recuperar a memória, sempre fui um buscador. Sempre fui alguém ansioso por descobrir e conhecer a realidade da vida; sempre quis descobrir os segredos da vida; sempre tive vontade de conhecer o que nos motiva.

Consigo ver agora que sempre fui atraído pela religião; sempre estive associado com a religião de uma forma ou outra. O que não quer dizer que tenha sido sempre uma pessoa religiosa, por existir toda uma vasta diferença entre ser uma pessoa religiosa no sentido cabal do termo, e interessar-se por religião, ou sequer ter inclinação para isso. Isto poderá parece paradoxal, mas é verdade.

Eu fui um sacerdote nos templos de Carnaque e fui iniciado muito cedo na minha juventude, e isso deve reportar-se a uns 3000 a 4000 anos antes de Cristo. É o que me disseram, não que me lembre da experiência, pelo que só posso repeti-lo como tal, por até agora não ter uma imagem clara disso. Não sei se consegues entender isto, mas eu preciso tentar colocá-lo o melhor que posso—eu fui um filho legítimo de um dos Faraós. Os Faraós tinham muitas concubinas. Suponho que fosse algo que era aceite na altura—mas seja como for, fui um dos muitos filhos, e fui colocado no templo quando atingi os dez ou doze anos. Dedicava-me ao canto e tinha uma voz infantil mas evidentemente uma ótima voz, e foram-me ensinadas as harmonias melódicas e a música em geral.

Tornei-me servente—quer dizer, alguém que serve no altar—mas era um de muitos filhos que, presumivelmente que nas procissões contribuíam para as cerimónias associadas com os templos. Quando me tornei mais velho fui iniciado e ingressei no sacerdócio. Eventualmente tornei-me sacerdote e nessa encarnação vivi até atingir uma idade muito avançada. Também detive um enorme poder em virtude de ter ingressado no sacerdócio por tanto temo, e por o sacerdócio e a casa real estarem tão estreitamente ligados. Não creio que as pessoas compreendam isso em pleno, mas é verdade. Isso ocorreu num reinado em que houve muitas guerras.

Eu: Quando não haviam muitas guerras?

Douglas: Houve períodos de uma relativa paz, mas esse era um período muito beligerante. Grassavam muitas guerras, mais ou menos significativas, de fronteira, todo esse tipo de coisa. E parte do meu trabalho consistia em visitar os exércitos—estou a referir-me aqui à minha meia-idade—levando comigo réplicas dos deuses e uma comitiva de serventes e sacerdotes e gente ligada aos rituais e às cerimónias.

O sacerdócio detinha muito poder, muito mais do que as pessoas talvez consigam entender, e era necessário que certas secções do sacerdócio estivessem ligadas aos exércitos. Não constituíam propriamente forças de combate, mas estavam presentes para dar força—espiritual, conforme se diz—aos soldados, em especial àqueles que detinham o comando de vastas quantidades de homens. Ei visitei muitos locais; fui à Síria, à Assíria, e a muitos outros lugares que o tempo acabou por obliterar por completo.

Existiam muitas raças entrecruzadas entre si, e muitas secções diversificadas de raças Egípcias. Com efeito, pelo que consigo recolher, a raça Egípcia—ou seja, no início—era uma raça nómada. Mas estou a recuar demasiado no passado anterior às minhas experiências do que me foi revelado. Evidentemente, do que me lembro, sempre estive muito na religião ou associado à religião. Bem, não me poderás compatibilizar com a oposição, mas a questão está em que sempre tive interesse pela religião. Por outras palavras, suponho que desde tempos imemoriais—desde que me tornei indivíduo em absoluto—sempre tive curiosidade por conhecer mais sobre religião e o que existe por detrás dela, sobre a vida depois da morte, e a comunicação.

No início do período Egípcio de que falo, a comunicação era uma parte muito importante da cerimónia do templo. Não fazia parte das cerimónias públicas; estou agora a falar de uma cerimónia particular e muito pessoal. Era uma espécie de sessão em que as crianças—estranhamente, jovens—eram usadas como médiuns. Talvez isso se devesse à sua pureza de espírito e falta de experiência em relação ao mundo exterior. Além disso notamos que muitos fenómenos ocorrem em torno das crianças—fenómenos poltergeist, etc. As crianças, em especial em certas idades, emanam uma certa coisa que conduz bastante aos fenómenos psíquicos, e era coisa comum os jovens serem utilizados

muito cedo na vida como instrumentos, e evidentemente eu colhi uma certa experiência nesse sentido.

Na Roma antiga, onde tive outra experiência mais tarde, eu opunha-me fortemente à religião. Isso é a constante luta, se quisermos, e a constante batalha travada no íntimo—intrínseca à busca. Mas, é claro, jamais poderemos assimilar conhecimento se estivermos sempre de um lado da cerca, a favor de uma fação.

O eu é extraordinário é termos que experimentar tantas coisas por formas tão distintas. Precisamos estar a todo instante—não exatamente em guerra connosco próprios, nem com a vida no geral—mas precisamos estar sempre em busca e a pesquisar, e por vezes a erguer oposição por essa oposição nos poder atrair algum aspeto novo do conhecimento.

É por isso que acho ser tão estúpido as pessoas aceitarem cegamente aquilo de que não têm necessariamente provas nem evidências. Elas aceitam-no literalmente sem o procurarem dissecar ou criticar, ou analisar, nem abrir o espírito a um novo pensamento, a novas ideias. A verdade está em constante mudança. Não quero dar a entender que deixe de ser a verdade, mas a questão está em que há sempre um aspeto novo da verdade; há sempre algo de novo a aprender, a obter, alguma experiência nova a descobrir, etc.

Eu: Como tu foste sacerdote nesse período vetusto Egípcio, suponho que não terei estado contigo nessa encarnação.

Douglas: Nessa encarnação tu não figuraste comigo porque os sacerdotes não casavam, mas isso não altera o facto de eles terem relações ilegais!

. No período da encarnação em Roma de que eu estava a falar, no tempo de Nero e dos primeiros Cristãos, eu não me opunha aos Cristãos, porém, não acreditava no Cristianismo. Certamente que me ressentia em certa medida da infiltração desse pensamento nos assuntos de Roma e em particular na área da política, por ter começado a influenciar a política, por estranho que pareça falar disso agora.

Houve enorme quantidade de gente situada em lugares de cimeira que aceitava o Cristianismo, embora não o declarassem em público nesse período. Perdi um ou outro amigo muito chegado nessa altura por causa da doutrina Cristã, por lhes ter alterado o modo de vida e o pensamento, e ter provocado uma rutura.

Eu fui um indivíduo bastante guerreiro nesse período. De facto, detive uma elevada posição nos exércitos de Roma. No período de que falo em Roma—depois de me ter retirado por estar velho demais para o serviço militar—mandei construir uma vila muito bonita que se tornou a nossa casa, e nessa época tu foste minha esposa e tivemos cinco filhos.

Eu: (A rir) E onde param eles agora?

Douglas: Ah!—perguntas onde param esses cinco filhos! Partimos do princípio, entendes, ou pensamos puramente com base na relação física. Isso é algo que precisamos clarificar. Falamos de uma vida em que fomos casados e em que tivemos filhos, e por uma primeira vez, tanto quanto me é dado saber, tivemos os laços estreitos de família. Mas precisas ter em mente que após 2000 anos se deram muitas transformações em nós, e que os laços que foram tão robustos no sentido da família, ou no sentido material, sofreram uma transformação.

O que não quer dizer, todavia, que ainda não existam esses laços e afetos e o amor, por o amor só aumentar. Só que com o incremento que o amor sofre e o incremento do afeto sucede um conhecimento renovado e uma compreensão mais nova, de que fazemos todos parte uns dos outros de tal modo que as relações físicas, ou os aspetos físicos das relações, não mais carregam o mesmo sentido.

Marido e mulher, filho e filha, etc., deixam de ter o mesmo significado após um período prolongado de tempo aqui. São importantes, mas aqui é uma visão mais alargada da mente e do espírito que nos une. Tive conhecimento de gente que disse: "Ah, eu tive três maridos; quando for para o seu lado, com qual irei ficar?" É bastante possível que a pessoa em questão não fique com nenhum deles, assim como poderá suceder que venha a viver num sentido comunal. Mas precisamos divorciar-nos do aspeto físico das relações e colocar tudo um plano

mental ou espiritual, e aí percebemos que as qualidades da diversidade de pessoas são o fator de importância.

Não É que amemos mais este marido do que aquele. O amor é algo que é fluído, e quanto mais amarmos mais esse amor aumenta; quanto mais der de si, mais abrangerá e tenderá a congregar todos os que estiverem em questão. Nesta conceção mais alargada das coisas, precisamos compreender que o amor é o fator predominante por detrás de toda a vida. O amor é de tal modo abrangente que só pode ser verdadeiramente percebido e compreendido quando deixar de ser demasiado pessoal do ponto de vista da possessividade.

É importante perceber que, embora tu e eu venhamos a estar juntos quando estiveres aqui, será num plano mental e espiritual muito mais elevado. E em consequência de tua vinda, serás apresentada a vais chegar a conhecer muitas pessoas há muito associadas a nós, e começarás a visualizar as coisas mais claramente e a apreciar as coisas de modo mais cabal. Tornar-te-ás parte deste grande todo, porque, conforme eu disse antes, todo espírito é um só espírito, e embora sejamos indivíduos na medida em que temos personalidade e carácter individuais—que é um acúmulo de séculos de aprendizado e de experiência—não obstante somos todos uns parte dos outros.

O meu progresso é, em certo sentido, o teu progresso. Quanto mais eu progredir mais tu progredirás por causa do amor e da afeição que tenho por ti, e devido a que a força que te trago te habilite a aproximar-te e a assimilar, conforme hás de fazer quando para aqui vieres, mais ainda do que provavelmente poderias se não tivéssemos estado juntos, ou, por exemplo, nunca nos tivéssemos conhecido. Mas por vezes as vidas das pessoas são unidas ao longo de séculos, ao longo de muitas encarnações, e tornámo-nos verdadeiramente um só espírito no sentido lato da palavra.

É necessário que nos livremos do "eu" e nos consideremos parte do todo maior—parte do plano divino, do espírito divino. A maioria das pessoas alimentam falsos valores com respeito a elas próprias e à religião, em particular. Reporto-me à ideia que as pessoas têm quando aceitam a religião, qualquer que seja o credo ou dogma, de que são pessoas e vão ser completamente salvas ou curadas, e numa forma de vida em que desempenharão parte muito importante.

Essa gente não parece ser capaz de avaliar que a única maneira de descobrir a nossa verdadeira identidade passa por a perdermos. É não ser salvo nesse sentido que importa. Trata-se de termos dentro de nós a capacidade de nos salvarmos pelo desejo da verdade, pelo desejo de conhecimento; pela aceitação que movemos, no entanto, e ao mesmo tempo, pela rejeição que movemos. Para apreciarmos o branco precisamos conhecer o negro, e uma condição intermédia de cinzento.

Todas as nossas vidas são unidas na medida em que somos parte uns dos outros, e quando uma pessoa fracassa, embora a outra se tenha alçado a uma grande altura, de bom grado descerá ao nível da outra a fim de a ajudar. Não poderemos alçar-nos nem concretizar nada até que nos esqueçamos de nós através do amor e do serviço, e aceitemos o facto de que todos fazemos parte do grande plano; todos somos parte do espírito de Deus. Somos todos o mesmo espírito, embora nos manifestemos em aspetos diferentes; em diferentes períodos de tempo, em diferentes corpos, e em circunstâncias diversas.

É o mesmo espírito que anima a vida toda, e é esse mesmo espírito e a unidade do espírito que torna todas as coisas tangíveis, e todas as coisas realizáveis, possíveis. E certamente que é esse espírito divino que nos leva a cada um a perceber o nosso potencial e as possibilidades que nos assistem.

Não devemos nunca perder de vista o facto de que, embora sejamos indivíduos, não poderemos ascender sem que os outros ascendam igualmente, e o facto de nos ajudarem e de nós os ajudarmos é a resposta para todos os problemas e toda a confusão. Não devemos pensar nunca que dispomos de todas as respostas. Aprendi tanto durante o período em que aqui estive. A religião, propriamente entendida e propriamente aplicada em todo o seu sentido, é a resposta. Contudo, não religião no sentido tacanho da crença; não na forma que muitos quereriam que adotássemos; que muita vez pode suscitar confusão e desespero. Precisamos ter sempre o espírito aberto à livre aceitação, ou rejeição caso se faça necessário—não no sentido de ficarmos atados, acorrentados. Preciso terminar, mas havemos de falar acerca destas coisas numa outra altura.

CAPÍTULO TRÊS

SACERDÓCIO EM PÁDUA - REMÉDIOS E CUIDADOS AOS POBRES

O Sr. Flint e eu estivemos a conversar, e não nos demos conta de que o Mickey estava à espera de abrir a sessão.

Mickey: Vocês têm estado a tagarelar há muito tempo—você e o velho Flint não conseguem ficar-se pela metade!

Eu: (A rir) Tudo ajuda, não é, Mickey?

Mickey: Bem—é verdade. Estou somente a gozar! Estava ansioso por a ver. É tão interessante—pelo menos o seu marido é! (riso) Vai escrever mais algum livro?

Eu: Isso depende do Douglas.

Douglas: (Assumindo um tom de ressentimento): É tudo deixado para mim!

Eu: Não parece difícil, não?

Douglas: (De modo mais avivado): Não, de todo! Embora eu admita que no que me toca—por vezes, de qualquer modo—é difícil fazermos sempre aquilo que desejamos. Toda a questão assenta o facto de toda a gente dispor de livre arbítrio e ninguém tem o direito de interferir com isso. Podemos fazer sugestões, dar conselhos, recomendações—mas jamais podemos forçar alguém a fazer algo caso isso vá de encontro à sua natureza ou desejo. É aí que somos frustrados. Cada um precisa trabalhar a própria salvação o seu próprio jeito. Percebo isso cada vez mais. Um grande mestre, um grande profeta—Cristo, por exemplo—vem ao mundo, dá o exemplo, delega-nos uma doutrina e traça-nos um modo de vida, e com efeito muito nos dá que podia ser a nossa salvação. Mas, se optarmos por o ignorar e pretendermos ir na direção oposta, isso não poderá ser forçado. Podemos ser orientados, porém, não forçados. A vasta maioria das pessoas interessa-se por si própria, só se interessa por coisas materiais; não se interessa pelas coisas do pensamento nem do espírito. E quanto aos poucos que se interessam, a sua voz clama no deserto.

Só podemos tentar ao máximo colocar esta verdade diante das pessoas e esperar que a aceitem ou a investiguem; não a podemos forçar. Em todo o caso, isso de nada valeria. Se uma pessoa fizesse alguma coisa sem a vontade a escorá-la, sem qualquer desejo proveniente de dentro dela, a coisa seria inútil e desnecessária. Precisa brotar de dentro. Enfim, de que vamos falar?

Eu: Eu tinha esperança de te ouvir falar mais sobre as tuas encarnações. Da última vez contaste-me sobre uma das primeiras encarnações em que foste sacerdote.

Douglas: Lembro-me muito bem disso.

Eu: Pensava que tínhamos tido duas encarnações juntos no Egipto.

Douglas: Pois, estou certo de que tivemos duas, e há a possibilidade, praticamente a certeza, de termos tido uma terceira. Só que é tão vaga; não consigo recuperá-la de todo. Claro que tivemos muitas. Tivemos uma encarnação na Itália durante o que foi chamado de período do Renascimento.

Eu: "Podes-me falar sobre isso?

Douglas: "Sim, eu fui um padre de novo. Parece que sempre procurei a experiência religiosa. Eu fui um padre desde aproximadamente a idade de dezoito anos e, até onde eu consigo reunir as ideias, eu vivi até ser muito velho, mais de oitenta anos. Vim de uma família nobre, e na minha juventude fui muito perturbado mentalmente com respeito a toda a questão do viver da época. Como eu era de uma família da alta, foi-me dada toda a oportunidade de fazer tudo o que quisesse fazer.

Mas toda aquela pobreza que via à minha volta me afligia tanto onde vivíamos—que nesses dias era muito mais agravada do que poderás possivelmente imaginar—que me decidi a usar o riqueza e poder de que pudesse dispor para ajudar os pobres. Com isso logo angariei descrédito da parte daqueles da minha posição. Eles não gostavam disso. E, em consequência, ao perceber que me

metera numa situação impossível, deixei a família e ingressei nas Ordens Sagradas. Isso aconteceu em Pádua. Consegues ouvir-me?

Eu: Muito bem.

Douglas: Estava sempre interessado nos pobres e estudava medicina. Aprendi o que havia a aprender sobre medicina nesses tempos. Interessava-me muito por ervas e as suas propriedades curativas. Era meu dever cuidar dos meus irmãos, e dos pobres que nos acudiam em busca de auxílio, dos doentes e em sofrimento, e conceder alívio aos moribundos.

Esse foi um período muito interessante da minha vida, e é claro, fui celibatário e não me envolvi de forma nenhuma com o sexo oposto. E embora te tivesse conhecido em jovem, e tivesse sido planeado que devêssemos casar, voltei costas a tudo na vida, inclusive o amor que tinha por ti, a única coisa que constituía uma tentação para mim, para manter o meu modo de vida. Porém, as inclinações religiosas que tinha e o desejo de servir foram mais fortes, e de certo modo também tinha vontade de renunciar ao mundo, porque embora tenha ingressado naquela Ordem, o meu trabalho prendia-se muito mais com as pessoas, e eu andava de lugar em lugar.

Tive um período de tempo em que tive uma dispensação especial de atuar em benefício da Ordem, e de ir de local em local pregar o Evangelho, curar os doentes e em sofrimento, e esforçar-me por obter conhecimento assim como escrever. Tornei-me numa espécie de escritor e escrevi uma certa quantidade de volumes que, lamento dizer, foram destruídos. Alguns anos após o meu falecimento irrompeu um fogo e o mosteiro em que se encontravam foi destruído. Viajei por toda a Itália e pela França e Espanha. Despendi muito tempo a aprender línguas por achar que era importante, se quisesse empreender o trabalho que me tinha sido pedido, conhecer tantas línguas quanto possível. E cheguei a dominar pelo menos seis línguas para além do Latim.

Eu: Que maravilha!

Douglas: Mas tu casaste-te sabes, segundo vim a descobrir, por ter ouvido—sempre se chega a saber das coisas. Em todo o caso, durante os meus primeiros anos eu trabalhei próximo de Pádua, e na própria região de Pádua. Tu casaste com um homem muito rico e tiveste muitos filhos, e morreste relativamente jovem—por volta dos trinta. Chamavas-te Helena nesse período, e eu Rodrigo.

Eu: Quão interessante!

Douglas: O que é engraçado é que embora eu fosse Italiano de nascimento, a minha mãe era Espanhola e casou-se com um nobre Italiano, e foi-me atribuído um nome Cristão Espanhol entre muitos outros, mas era referido Rodrigo.

Eu: terá sido um período muito agradável de se viver?

Douglas: Não. Se fosses uma pessoa rica e de posição, não era propriamente um período desconfortável por seres capaz de te rodear todos os luxos desse tempo. Mas grassava tanta pobreza e doença, e não havia cura para muitas dessas coisas. Eu interessei-me imensamente pela medicina e fiz dela um estudo aprofundado. Come efeito eu cheguei a obter curas de que antes nunca se tinha ouvido falar. Costumava andar a cavalo por toda a Europa—bem, pelo menos grande parte da Europa—e fui morto. Isso poderá chocar-te como estranho, embora eu tenha atingido uma idade avançada e devesse morrer por causas naturais e idade avançada, fui morto num acidente de queda de telhado de ardósia sobre a minha cabeça.

Eu: Ah, meu amor!

Douglas: Sabes que tinha enorme consideração e respeito pelo Francisco. Sentia-me bastante atraído por ele.

Eu: Foi teu contemporâneo?

Douglas: É claro, e eu estive indiretamente associado com ele. Encontrei-o em diversas ocasiões. Ele teve experiências psíquicas maravilhosas. Ele foi definitivamente psíquico desde o ponto de vista de ser clariaudiente e por vezes

levitar o corpo. Ele teve experiências espirituais grandiosas coo de facto tiveram muitos dos irmãos.

Quando renunciamos ao mundo material, e nos encerramos na quietude e na paz de um santuário e refletimos o tempo todo em coisas da mente e do espírito, tornamo-nos mais percetivos para com as coisas do espírito, e habilitámo-nos a superar muitos dos inconvenientes do corpo. É uma coisa extraordinária. Claro que havia muitas coisas que se passavam nesses tempos nos mosteiros e nos retiros por entre alguns dos irmãos que na minha opinião não eram de grande valor; achava-os uma coisa má. O castigo, o uso da penitência e assim, não adiantava de nada tanto quanto me era possível ver, embora no caso de alguns sem dúvida era considerado uma enorme bênção e ajuda.

Jamais presenciei diretamente muitas coisas; de facto tive alturas em que penso que terão ficado bastante contentes com o facto de eu deixar a Ordem e partir nas minhas viagens. Embora por natureza eu fosse temperamental, aprendi a subjugar isso. Mesmo assim, fui bastante direto e havia muitas coisas de que eu não gostava e procurei, na medida do que podia, alterar. Mas regras são regras e regulamentações são regulamentações, e era muito difícil.

Alguns dos irmãos mais velhos—estou afalar de quando era um jovem—realmente pensavam que eu era impetuoso e demasiado ansioso por fazer mudanças. Com efeito por vezes pensavam que eu não era tão espiritual quanto deveria ter sido. A ideia que tinham da espiritualidade era a de subjugar a carne. Eu acreditava na subjugação até certo ponto, mas ao mesmo tempo penso que terão ido a tais limites que ma parecia um pouco disparatado. Nem sempre eu era capaz de os levar a compreender o meu ponto de vista e de vez em quando metia-me em apuros com eles. Mas eles gostavam de mim, e respeitavam-me, e também sabiam que eu era altamente útil com respeito aos remédios.

Quando olho para trás agora - e eu recordo essa encarnação porventura com mais clareza do que muitas—consigo ver que fui uma pessoa de espírito forte e vontade forte, no sentido certo, creio eu. Mas os irmãos por vezes ressentiam-se disso. Contudo, também consigo ver o lado engraçado da coisa, e é claro, encontrei muitos dos irmãos deste lado e eles também conseguem perceber os

equívocos e os erros. Isso é uma outra coisa que me leva a perceber como hoje, embora tenham sucedido muitas mudanças até mesmo nas ordens religiosas, e nas ideias relativas à conduta etc., que ainda há muito a melhorar, e demasiada estupidez, também.

Se tu pudesses ver como eu vejo, e eu vejo mesmo. Muita vez vou até algumas dessas Ordens, esses locais onde as pessoas se congregam na quietude e por conseguinte afastadas do mundo, e por vezes parece que a muitos títulos uma forma de vida sem sentido. Eu sei que há muitos que empreendem um bom trabalho, e muitos que fazendo aquilo que fazem, estão a conquistar muito para si e para os outros. Mas há muito mais que não possui qualquer valor. Precisamos lembrar que somos colocados na vida para servir à humanidade, e não para tomar, nem para desistirmos ou nos retirarmos, não para viver de forma egoísta, como efetivamente alguns desses fazem sem o perceberem, simplesmente por se interessarem demasiado consigo próprios.

Eu: Encaras essas encarnações na forma de visualização no éter? Falaste-me um pouco acerca disso.

Douglas: Na maioria dos casos. Se quiser sintonizar um determinado período de tempo consigo fazê-lo, mesmo que nada tenha que ver comigo próprio. A questão está em que tudo quanto tenha ocorrido que possua algum valor real, ou qualquer acontecimento significativo—não quero necessariamente dizer guerras porque essas são o que melhor se esquece e quando deixamos de pensar nelas, deixam de existir—mas se quisermos entrar num período diferente de tempo, ou desejarmos regredir na memória, podemos fazê-lo.

Se podemos avançar no tempo, não haverá razão para pensar que não possamos regredir. O que aconteceu ainda existe, num certo sentido, mas à medida que o tempo avança e os seres humanos avançam na sua experiência aí, o que está na retaguarda, ou no passado, torna-se menos e menos importante e vago. Mas ainda existe, se quisermos aplicar-nos a fim de o percebermos. Porque, se estivermos num aposento e nunca tivermos ido a outro aposento e não soubermos da sua existência, isso não quer dizer que não exista; e até que sejamos levados a esse aposento, não saberemos como é, nem conhecemos o mobiliário, etc. Por outras palavras, existe muita coisa de que nada sabemos ou

que não desejamos conhecer nada a respeito, e em consequência poderemos dizer que não existe. Mas existe.

Eu: Será que olhar para trás te atormenta?

Douglas: De todo, por aprendermos com isso, e percebemos ser uma excelente coisa podermos desfrutar dessa capacidade de aprender com o passado. Aprendemos automaticamente do passado, em particular com os erros que cometemos, as coisas de que mais nos arrependemos, as coisas que provocaram a maior infelicidade. Essas coisas são, num certo sentido, de lamentar na altura porque todos querem gozar de saúde, por exemplo, e todos querem que a vida seja tranquila e agradável. Naturalmente que queremos que a vida seja assim, mas a questão é que aprendemos com o sofrimento.

Não é senão até termos sofrido que somos capazes de apreciar o sofrimento dos outros, e na evolução da alma humana precisamos passar por muitas vicissitudes, muita complexidade intrínseca à vida. Precisamos experimentar todas as coisas. Precisamos ser homem e mulher. Não podemos tornar-nos uma pessoa completa até que tenhamos suportado todas as coisas e experimentado todas as coias comuns a todos. Somente então poderemos começar a deixar o mundano e material e alçar-nos acima dessas coisas e tornar-nos num ser humano mais perfeito, numa alma mais completa.

A alma de passar por todas as experiências, Precisamos sofrer; precisamos ter alegria e felicidade; precisamos passar por toda a diversidade de experiências que as vidas podem proporcionar. As pessoas deduzem mal que uma vida material, um corpo material—do nascimento à sepultura—seja o tudo na finalidade da vida, ao passo que é apenas um incidente.

Eu: Pensa-se que devamos ser capazes de aprender o resto no teu lado.

Douglas: Bem, e aprendemos; não estou a sugerir que possam aprender tudo no vosso mundo, porque é claro que não aprendemos. É o campo de treino; a base de formação, o terreno de plantio das sementes. Mas o verdadeiro desabrochar e da fruição plena só pode ter lugar aqui. O homem precisa perceber que é muitos em um—não um mas muitos, e no entanto um e o mesmo.

É o mesmo espírito a animar as diversas condições da vida em diversas vidas, a apresentar-se a uma nova realização e compreensão, e a tornar-se num todo perfeito. Somos todos parte de uma fonte divina de luz e vida; somos todos parte do grande plano. Percebemos somente uma pequena percentagem dele, um pequeno lampejo; mas é esse lampejo que torna possível a plena luz no seu devido tempo. Quando nós próprios tivermos tornado possível com os nossos pensamentos e atos e o nosso crescimento espiritual, aí tornámo-nos iluminados pela experiência gradual.

Falar-te-ei mais numa outra altura acerca de outras experiências, mas há muito que eu gostaria de ser capaz de te dizer com respeito a esta vida particular que eu creio ser de especial interesse. Da próxima vez quero falar-te da minha vinda para Inglaterra — para Glastonbury.

CAPÍTULO QUATRO

UMA VISITA À GLASTONBURY DO SÉCULO XIII

Mickey: (Interrompendo a conversa): Estou sempre ansioso pela sua visita, Titia.

Eu: Quanta simpatia da tua parte, Mickey.

Mickey: Você é um prato, não?

Eu: (A rir) Ou tu não o digas.

Mickey: Mas é verdade que é. Eu gosto de si.

Eu: Ah, que bom ter alguém que gosta de mim.

Mickey: Todos quantos a conhecem gostam de si. Certa gente é estúpida. Eu podia dizer muita coisa—mas acho-a simpática!

Eu: Vou estimar essas palavras de amabilidade, Mickey.

Douglas: Olá, minha querida! Eu estava a escutar aqui o nosso jovem amigo. Na verdade, quendo digo "jovem" amigo, depende muito do que entendemos e do que queremos dizer com "jovem." Referimo-lo como nosso jovem amigo por ele

ter vindo para o nosso lado da vida como uma espécie qualquer de réplica do que ele foi na terra. Mas é claro que ele é uma pessoa muito, muito mais velha e sábia. De facto, é bastante adulto.

Quando retornamos à terra, em certa medida somos afetados pelas condições terrenas e assumimos, ainda que temporariamente apenas, o nosso velho aspeto, na medida do possível, muita vez para fins de reconhecimento e de comprovação. Mas ao fim de algum tempo afastados da terra progredimos e aprendemos bastante; o nosso espírito abre-se, e consequentemente somos influenciados por toda a sorte de pensamentos e ações, condições e ambientes; progredimos muito mais e em muitos aspetos mudamos bastante em relação ao nosso velho aspeto conforme conhecida na terra.

Penso que muita gente terá inclinação—até mesmos os Espiritualistas que professam entender esta verdade—têm inclinação para esquecer que com a passagem do tempo, e a mudança da experiência, nós devemos sofrer uma alteração. Por exemplo, as pessoas voltam aqui e comunicam e esforçam-se por dar provas disso com base em memórias e experiências passadas, mas com frequência isso representa um esforço—e na realidade por vezes pode ser uma experiência desagradável, por terem deixado tanto no passado que sem dúvida certa vez terá sido importante—mas que não mais tem o mesmo sentido, e decerto não é grande valia.

A única coisa que realmente conta para nós, com respeito ao passado, às nossas vidas terrenas, são os momentos de afeto, de amor e de encarecimento que temos pelas pessoas, e claro, pelos melhores aspetos da nossa natureza, que ocasionalmente brilham por entre a escuridão do materialismo, conforme vocês poderão dizer, em que estivemos certa vez imersos. Mas há muitas, muitas coisas que dizem respeito à velha forma de vida, que temos todo o prazer em esquecer, mas por vezes quando comunicamos, torna-se-nos necessário reviver as coisas materiais temporariamente como meios evidenciais.

Por vezes quando venho até ti, observo em retrospetiva a minha própria vida e vejo-a como um padrão, como uma espécie de tapeçaria em que dei uns pespontos. Mas o pleno efeito só poderá ser visto quando aqui nos encontrarmos, onde podemos ver a coisa toda com todos os seus matizes, sombras e momentos mais luminosos. Percebo demasiado bem que não se pode ter luz sem sombra, e que não podíamos apreciar a luz a menos que

tivéssemos as porções escuras que as mostrasse em relevo. Se o padrão fosse todo composto todo por luz seria de pouco valor. Há certas coisas que ocorrem e que precisam ocorrer, e sem esse padrão não poderíamos evoluir.

Outros têm na sua composição o que é geralmente designado por mal. Este não é um termo que me agrade, mas é termo que opera, uma vez que retrata certos aspetos opostos ao bem, que me parecem ser essenciais. Se vivêssemos num mundo perfeito (na medida em que pudermos compreender o significado do termo perfeito) haveria de ser, pela própria natureza da coisa, um tipo de existência inútil, amorfa e nebulosa.

Bom, isto poderá chocar certas pessoas, em particular aquelas de mentalidade religiosa, ou mesmo aqueles que gostam de se considerar como de inclinação espiritual. Mas penso que se conseguirmos analisar isso a fundo, creio que seja vital e importante que as pessoas percebem que precisam ter, em certa medida, luz e sombra, como numa fotografia. Se a fotografia não tivesse destaque, se não tivesse profundidade nem sentido, se não possuísse forma nem contornos, também não o teria a vida humana.

Eu acho que devemos ver-nos como um produto da mente infinita, e ao mesmo tempo são-nos dadas, à semelhança de um artista—se quisermos—uma série de cores, são-nos dados os pinceis, são-nos dadas as telas e somos deixados entregues à nossa sorte, à nossa intuição, à nossa inclinação, à nossa própria habilidade—e mesmo quando possuímos essa habilidade fica a nosso cargo superar, alcançar, produzir algo nesse aspeto mais recôndito do ser. E todos têm a capacidade no íntimo de superar, de alcançar, e de produzir algo a partir do próprio âmago—de ser criativo.

Mas a coisa passa por ser criativo com a nossa própria alma, ser criativo com o nosso próprio ardor, e perceber que em nós reside a possibilidade de um poder e uma capacidade espantosa, de uma conquista formidável. Penso que Cristo tenha tido conhecimento disso; penso que todos os grandes profetas e os grandes mestres devam ter tido conhecimento do facto de que dentro de nós residia a grande possibilidade de superar e de realizar.

Estou absolutamente certo de que o verdadeiro significado da vida do Cristo está no exemplo que ele estabeleceu; a realização que ele próprio alcançou foi o facto dele próprio perceber o que era possível para toda a vida humana. Por

outras palavras, que nós próprios, se me for permitido usar a expressão, somos os nossos próprios salvadores.

Eira: Querido, poderei interromper-te um pouco? Vais contar-me mais acerca daquela encarnação em que és um monge? Disseste que gostarias de me contar mais sobre isso. Tu estavas de volta a Inglaterra, a Glastonbury. Eu fiquei tão empolgada. . .

Douglas: É verdade, eu desviei-me mas, pelo que peço que me desculpes

Eira: Pois é, foi muito interessante, mas tu disseste que gostarias de terminar essa história da vida que tiveste no início do período do renascimento.

Douglas: Eu vim para Glastonbury e aí fiquei durante um tempo, por duas razões: Uma, que se deveu ao interesse que tinha por visitar outros países. Queria ver como os irmãos estavam a sair-se, não só em Inglaterra mas noutros locais, em dois outros países. Mas além disso—não sei se mencionei isto—eu tinha interesse por aquilo a que chamam "química." Na realidade tinha interesse por muitas coisas, tinha muito interesse pela medicina...

Eira: Pois. Fala-me lá sobre isso. . .

Douglas: Tinha interesse em ver e em descobrir os novos processos por que poderíamos ser capazes de curar, e tinha ouvido falar em determinadas ervas, certos produtos que estavam a ser produzidos pelos monges de Glastonbury. Eu entendi que existiam outras fontes naturais em que podíamos recorrer para produzir várias. . . penso que na gíria moderna se poderá chamar de drogas conforme dizem na vossa terminologia, e tinha interesse em conhecer outros da mesma opinião que também tivessem interesse pela astrologia. Eu sei que poderá soar estranho mas eu tinha interesse por coisas tão diversas . . . e tinha ânsia por descobrir mais acerca da vida das pessoas de diferentes países e vim até Glastonbury por diferentes razões.

Eira: Como foi que aqui chegaste? Atravessaste? Deve ter sido uma viagem cheia de acontecimentos.

Douglas: Por água. Bem, foi e não foi. Suponho que em comparação com os meios de comunicação e de transporte de hoje, na Inglaterra e no mundo ao redor, chegar até à Inglaterra nesses tempos era no mínimo acidental, mas de

qualquer modo eu sempre gostara de peregrinar e de viajar, e caminhar foi coisa que nunca me preocupou, de modo que lá percorri o meu caminho a pé até França, até Calais.

Eira: Ah, não sabias andar a cavalo?

Douglas: Não digo que não tenha sabido montar, embora fosse verdade que na altura em que lá fui. Porque mencionaste isso do cavalo?

Eira: Por teres dito que nesse tempo andavas muito a cavalo.

Douglas: É verdade. Mas isso também dependia das circunstâncias e da situação, e eu não acho que seja fácil explicar, ou sequer fácil de compreender, mas a questão está em que um só cavalo não chegava para se empreender uma viagem dessas, a menos que se gozasse de uma enorme oportunidade para descansar, e era coisa comum mudar de cavalo, mas para percorrer distâncias muito longas habitualmente eu caminhava. Isso poderá parecer-te excêntrico, mas ao mesmo tempo, dependendo das circunstâncias, eu caminhava, ou cavalgava e por vezes percorria longas distâncias a cavalo, que talvez levassem semanas. Mas eu viajei até Inglaterra e eventualmente fiquei algum—penso que foi na Salisbúria—e aí por volta de um ano ou dois em Glastonbury. Além disso havia uma estranha forma de impressão que jamais fora conhecida antes.

Claro que não era como a que sabes que nesses dias os manuscritos eram todos feitos à mão, mas havia lá um monge que tinha produzido uma forma de impressão—evidentemente que não era como a impressão que vocês entendem existir hoje, mas era um indivíduo dotado de mentalidade científica que procurava produzir um tipo de método que foi, em certa medida usado. Não sei se algum desses manuscritos—que dificilmente se poderia chamar de livros, embora fossem cozidos—ainda existirá. Claro que, conforme todos estarão cientes, Caxton produziu a primeira máquina de impressão na Inglaterra mas eu não tinha nenhum desses manuscritos ou livros que existiam sob a forma de livros, por os livros não abundarem, mas quando existiam a sua edição original era preservada e reimpressa. . .

Eira: Pois: Quererás lançar alguma luz acerca da origem do Santo Graal, querido? Terás ouvido alguma coisa acerca disso quando lá estiveste?

Douglas: Claro que essas coisas brotam de verdades, mas à semelhança de todas as verdades, após a passagem dos séculos, muito lhes é acrescentado e subtraído e de facto acaba por se tornar como as histórias que andam na boca de todos, e pela altura em que voltar às vossas mãos, terá mudado muito do original. Mas existem verdades fundamentais nessa lenda espiritual do Santo Graal, só que receio que seja muito diferente da história contada.

Eira: Não pensas que José de Arimateia tenha trazido o Cálice em que Cristo tenha bebido na Última Ceia?

Douglas: Não, não.

Eira: É muito anterior a tudo isso, não é? É muito antiga, mística.

Douglas: Não resta dúvida de que existiram muitas almas que, nos primeiros anos de formação da religião e Igreja Cristã, que viajaram por todo o mundo então conhecido, que se estabeleceram e que criaram grupos e igrejas. Mas é claro, muito lhe foi acrescentado e foi tornado lenda e foi mais ou menos aceite como facto. Contudo, existiram homens notáveis nesses tempos, especialmente quando se considera que nesses tempos e nesses locais a vida de um homem atingia a duração de uns quarenta ou quarenta e cinco anos, talvez cinquenta anos, embora em circunstâncias excecionais houvesse quem atingisse os oitenta, mas isso era bastante excecional.

Grassava tanta doença e tanta enfermidade em grau variado, muito do que era devido evidentemente à falta de condições de higiene vigente e à falta de conhecimento. Eu tinha um enorme interesse pela medicina. Eu estudei e fiz experiências e realmente percebi que à minha maneira atingira, sem dúvida, bastante, mas muito do que descobri e deixei para trás foi usado durante séculos, e sem dúvida que ainda é usado em certos casos.

Eira: Pois. . . disseste que os teus livros foram queimados (falam ao mesmo tempo).

Douglas: Pois, não obstante muitos doesses remédios e dessas coisas eram memorizadas pelos monges, e como eu viajei muito, muitas das minhas ideias foram copiadas noutros mosteiros por outros monges que estudavam medicina e que trabalhavam as minhas teorias e que conheciam alguns dos meus

produtos. A questão está em que muitas das coisas que eu descobrira foram guardadas durante séculos, e estou certo de que ainda estejam.

Eira: A que Ordem pertencias? Lembras-te da Ordem de que fazias parte? Eras o abade ou prior? Não era Beneditina? (Dominicana, conforme ele veio a dizer numa outra sessão.)

Douglas: Comecei por ser um irmão, mas eventualmente tornei-me no que vocês chamam de prior.

Eira: Nós temos uma numa pequena aldeia próximo de Eastbourn. . . Mas tu disseste que te encontraste com um Francisco, mas não te referias ao São Francisco, referias?

Douglas: Não, mas ainda assim tinha uma enorme simpatia pelos Franciscanos porque eles tiveram enormes problemas e dificuldades sem dúvida por causa dos pontos de vista que defenderam nos primeiros dias, e tiveram muito que combater. Não diria que certas Ordens não gostassem deles, mas não se regozijavam com eles. O São Francisco, no seu tempo, embora fosse amado pelos seus próprios irmãos, tinha muita. . . não vou usar a palavra "oposição" mas não era inteiramente da confiança de muitas das outras fações. Sabes, suponho que. . .

Eira: Ele não era ortodoxo. . . era?

Douglas: Não. E a questão está nisso. . . detesto ter que o dizer, para não fugir à verdade, mas as "guerras" que se travavam entre as diferentes Ordens havia uma certa dose de mesquinhez e de inveja, por estranho que pareça. Mas lá está, isso remonta a séculos atrás, contudo percebe-se que a natureza humana não mudou muito. Uma pessoa pode ser muito sincera na sua crença e na sua religião e esforçar-se por a seguir à letra—mas isso não altera o facto do elemento humano se achar presente e de nos depararmos com a mesquinhez e o desagrado associado quando as pessoas diferem nos pontos de vista que defendem.

Eira: Pois. Voltaste para a Itália?

Douglas: Voltei. Fui à Itália, à Espanha à Alemanha, conforme agora é chamada, e a muitos outros países.

Eira: Foi uma encarnação meio interessante, não?

Douglas: Provavelmente foi uma das mais úteis e proveitosas. Também acho que nesse período de tempo talvez tenha alcançado porventura mais do que até então ou depois. Eu consigo ver-me com toda a clareza como se—eu sei que não me posso comparar a um diamante—mas o diamante tem toda uma variedade de facetas e ângulos que constituem a totalidade. Penso que todas as vidas humanas se lhe assemelham. Cada encarnação constitui uma faceta, e nós somos multifacetados. Não é senão até que tenhamos tido muitas encarnações que nos tornamos mais ou menos perfeitos; por pensar que nos assemelhamos a um diamante por lapidar.

Eu vejo-te a uma luz tão diferente agora, sabes, sem com isso querer dizer que tenhas mudado—que num certo sentido é evidente que mudaste—mas vejo-te de forma diferente daquela com que te recordo desta presente encarnação que tivemos, mas como te vejo em outras. Vejo-te como uma alma muito mais perfeita. Não sei como explicá-lo. De uma coisa estou certo, a de que fomos reunidos com um objetivo real, e que sempre haveremos de estar juntos e que haveremos de crescer juntos, mental e espiritualmente, tornar-nos mais um só, embora retenhamos até certo ponto o nosso carácter e personalidade individual em todo o processo.

Deste lado, consigo ver o quadro mais completo das nossas vidas do que alguma vez antes. Também quero que fiques certa de que, independentemente do desenvolvimento mental e espiritual que alcancei, independentemente das experiências que tenha tido e ainda possa ter, a despeito de toda a evolução que deva ocorrer em todo ser humano—e em mim próprio em particular neste exemplo—isso não nos separa, mas aproxima-nos um do outro. Quanto mais conhecimento atinjo maior a perceção tenho e mais isso nos une.

Eira: É bom saber isso, querido. De que encarnação me irás falar a seguir?

Douglas: Não sei; há tanto a contar-te, mas obviamente preciso contar-to ao meu próprio modo, obviamente, e estou a tentar recaptura-lo na minha memória. É sempre difícil, entendes, e nem sempre é possível voltar a contar a toda a pressa. Quando me falas de fulano ou beltrano isso quebra a tendência do meu pensamento, e eu preciso voltar a pensar de volta. O melhor é eu dar-to

a conhecer conforme o que sinto as impressões que tenho e conforme a memória me ajuda. (...) Em breve, muito em breve. Adeus.

Eira: Adeus, querido.

CAPÍTULO CINCO
A VIDA DO ESPÍRITO

Mickey estava com humor para conversar, e estava intrigado com a minha nova habitação.

Mickey: (Após a saudação habitual): Como está a dar-se com essa casa, Tiazinha? Aquela mulher maluca já se foi?

Eu: Eu mudei-me de lá. Atualmente estou a residir num quarto e sala.

Mickey: Quarto e sala? Tudo num só aposento? Sem instalações de cozinha?

Eu: Ah, tenho, na verdade. Tenho um fogão zinho pequenininho.

Mickey: Santo Deus! A sério? E dispõe de água para lavar, lá? Gosta realmente de viver num só aposento?

Eu: Acontece precisar viver assim, de momento.

Mickey: (Preocupado) Não está tesa, está?

Eu: (A rir) Vou seguindo em frente!

Mickey: Precisava dispor de um bom apartamento moderno apetrechado com todas as conveniências.

Eu: Eu pensava que essas coisas materiais não tinham importância.

Mickey: Elas têm importância até certo ponto. O modo e as condições em que se vive são da maior importância. Se dispõe de paz de espírito e sossego. . .

Eu: Disponho.

Mickey: Num só aposento? (Com vivacidade) estou a ver a ideia, assim não tem tanto que arrumar, não é?

Douglas: (Em socorro dela): Que é que se passa?

Eu: O Mickey tem estado a brincar comigo com respeito ao aposento em que estou a viver.

Douglas: Isso é suficiente, não? Realmente não necessitas de muito mais. Mas suponho que um outro aposento, e uma pequena cozinha e quarto de banho seria ótimo.

Eu: Talvez de futuro.

Douglas: Aqui não necessitarás de cozinha nem de banheiro.

Eu: (No gozo): Não precisarei de banheiro?

Douglas: É claro que não. Vivemos num ambiente em que toda a atmosfera é de tal modo pura, fresca e limpa, e a própria condição do viver é tão perfeita que jamais nos sentimos sujos, nem nos chegamos a sujar. Não temos as condições que necessitem de muitas das coisas consideradas vitais e necessárias na terra.

Tudo aqui constitui um estado de espírito afinal, e se pensarmos de modo correto, então estaremos perfeitamente. Aqui atraímos a nós toda a sorte de coisas que pela sua própria natureza tornam a vida numa coisa belíssima. Mas lá está, como habitualmente te tenho dito, torna-se extremamente difícil explicar e descrever de modo preciso tanto do que se quer transmitir. Na medida do que consigo compreender do significado do termo perfeição, as condições de vida em que existo são perfeitas.

Aqui não sentimos necessidade de tomar banho. Claro que poderemos fazê-lo se o quisermos. Podemos tomar banho e podemos participar numa forma de

desporto se preferirmos. Essas coisas dependem da necessidade que sentirmos. Muito depende do indivíduo. Uma pessoa que sinta a necessidade de certas coisas, após um tempo aqui, as satisfará e disporá delas para delas desfrutar. Isso é temporário até nos ajustarmos e começarmos a pensar diferentemente e a ver diferentemente, e a perceber que certas coisas não são mais necessárias. Gradualmente atingimos um ponto em que muitas das coisas que certa vez pareceram importantes e necessárias não o são mais.

Conquanto sintas necessário comer e beber, ou tiveres o desejo de certos tipos de comida e bebida, essas coisas existirão para ti. Mas a vasta maioria das pessoas cedo começa a perceber que essas coisas não mais são necessárias por o corpo que habitarmos ser, pela sua própria natureza, diferente. Por outras palavras—mas eu sei que isto poderá parecer estranho e até mesmo contraditório—o corpo é aquilo que pensares, nem mais nem menos.

Existe aqui todo o tipo de frutos e de vegetação. Muitas das coisas que consideras necessárias e que fazem parte da vida do vosso lado existem aqui. Mas à medida que avançares através de diversos estados, também essas coisas gradualmente deixarão de ser importantes para ti, e deixarão de existir para ti.

Eu: Contudo não deixam de ser reais?

Douglas: Sim, porém, só são reais sob determinadas condições. Precisas tentar ver as coisas desta maneira—[aqui] estás a viver num mundo que é um mundo de pensamento, um mundo criado fundamentalmente pelas forças do pensamento. Isto aplica-se mesmo à própria natureza e a muitas das coisas que a natureza fornece. De facto, podíamos voltar atrás, se soubéssemos como, no próprio tempo até à criação. Qualquer coisa criada—qualquer que seja—constitui um estado de consciência, um estado de perceção que se solidifica com o homem. O homem cresceu no mundo e o mundo cresceu com o homem. Certamente a coisa toda representa um estado de espírito. Retira o estado de espírito, e o homem deixará de existir.

É somente a consciência e a perceção das coisas que respondem por isso, pelo que o homem *seja*. A questão toda está em que é somente por estares a viver numa determinada condição vibratória, ou ritmo, se quisermos, que te tornas

solidificada. O nosso aspeto físico é uma forma solidificada em harmonia com as próprias condições sob as quais existimos no mundo. Mas fundamentalmente é ainda uma condição ou estado mental, e é somente uma de entre milhões de condições que tais no espaço.

À medida que te elevas em estatura mental, compreensão mental, apreciação mental, à medida que avançares com uma visão mais ampla e uma perceção mais ampla das coisas, também as limitações de cada mundo em que possas existir recuam e se tornam menos importantes. À medida que avançamos, teremos os olhos abertos para mundos mais novos, para condições mais novas, para novas configurações das vibrações. Por outras palavras, somos o que somos por causa da consciência que temos das coisas que o homem por meio de inúmeras eras trouxe à existência.

O mundo em que vives hoje, é obviamente muito, muito diferente daquilo que era à milhares e milhões de anos. Por exemplo, têm mares, agora, onde outrora existiu terra; têm terra seca atualmente onde existiram mares; e têm vastas áreas que produzem vegetação que certa vez não produziram forma de vegetação nenhuma. Não há dúvida de que o próprio homem mudou ao longo de gerações de algo que era inteiramente diferente do homem de hoje.

Eu: Mas o espírito sempre existiu?

Douglas: Existiu; existiu por ser o único que é vida. Vida e espírito são um na medida em que o espírito é a parte fundamental do homem e a sua única parte que realmente continua a existir. Só que existe sob condições diferentes ao longo de gerações e gerações, e em circunstâncias diferentes. O mundo terreno conforme o conhecemos é velho, mas no tempo é novo.

Eu: Certas pessoas pensam que estamos a chegar ao fim de uma era.

Douglas: "Bom, a vida está sempre a chegar ao final de uma era e a começar uma nova. Num certo sentido, é verdade, mas não sou daquelas pessoas que pensam que o mundo terreno vai chegar ao fim.

Eu: Quero dizer, esta ordem de coisas.

Douglas: (A rir) Eu diria que essa desordem de coisas vai mudar de uma forma ou de outra. O que vai acontecer—e tenho a certeza de que tenho razão nisto—é que seres de outros mundos, ou de outros planetas, vão dar-se a conhecer muito em breve. Por outras palavras, eles vão chegar de tal maneira à Terra, que o homem vai perceber plenamente a realidade viva dos povos de outros planetas. Aí, creio que a terra vai mudar, mas não até então.

O que é extraordinário é que tentativas têm vindo a ser feitas da parte do homem por entrar em órbita e chegar a outos planetas e em certa medida ele deverá fazê-lo e eventualmente será bem-sucedido. Mas o que ele não sabe é que povos de outras esferas, outros planetas distantes, muito mais avançados que as nossas, em breve se darão a conhecer à humanidade na terra, e isso irá ser a salvação da terra.

Eu: Creio que os "discos voadores" estão a ser seriamente analisados e investigados cientificamente, agora.

Douglas: Não professo ser capaz de explicar o aspeto científico, mas os "discos voadores" são uma realidade, e esses seres de outros planetas—que não se acham tão afastados do homem, em certos sentidos—serão reconhecidos como seres humanos. Porém, serão de uma estatura e natureza muito mais alta, de uma experiência muito mais elevada, e muito mais evoluídos e desenvolvidos. Esses seres eventualmente dar-se-ão a conhecer; esses "discos voadores" não passam de tentativas iniciais de contacto.

Toda essa questão da comunicação com os chamados mortos—tal como a tua vinda falar comigo—tornar-se-á facto aceite, e muitas das religiões, senão todas as religiões conforme conhecem a religião atualmente, serão não existentes. No futuro não tão distante assim, prova e evidência de identidade chegará através de meios científicos, por um modo altamente científico com respeito à comunicação, não só entre o nosso mundo e o vosso mas igualmente de outros mundos de outros seres.

O homem tem alguns choques a chegar mas eles vão ser muito interessantes e esclarecedores. Estou certo de que o mundo vai conduzido à perceção de que durante séculos e séculos o homem tem vindo a viver num falso paraíso. Ele certamente tem vindo a viver num mundo de sentido muito tacanho, sem

perceber que a toda a hora outros povos noutros mundos também têm vindo a viver e a progredir e que progrediram a um ritmo maior.

Novos métodos serão aplicados cientificamente que irão provar isso, e isso, creio eu, é o mais importante. Não creio que o homem perceba isso. De facto, muitas coisas estão a ser mantidas em silêncio. Certo é que na Rússia certos cientistas estão já a aceder a essas fontes e eles sabem muito mais do que de momento têm permissão para dizer. A prova científica da vida noutros planetas vai ser revelada, porventura dentro de cinco a dez anos.

Eu: A tua voz hoje está formidável, querido—tal como a recordo de quando estavas na terra.

Douglas: A sério? Não tenho nenhuma pista para isso. Sinceramente, as coisas variam bastante na comunicação e temos que estar gratos por cada oportunidade. É muito difícil para mim aferir o resultado da minha voz desse lado.

Eu: Muito bem. Não acha, Leslie?

Douglas: É, maravilhosa. Tão boa quanto sempre a conheci.

Douglas: Não sei se a minha voz alguma vez soará como costumava ser. Já reproduziste alguma dessas cassetes às pessoas que me recordam a ver se me reconhecem?

Eu: Já as pus a tocar muitas vezes para muita gente, só que àquelas que te recordam muito bem, ainda não. Por falar nisso, vais prosseguir com as tuas encarnações?

Douglas: Desculpa. Devia tê-lo feito hoje. É importante e interessante discutir acontecimentos passados na terra, e de certo modo pode ser de mais-valia. Não quero que penses que não tenha ânsia de o fazer, mas é que há muitas outras coisas. De tempos a tempos variarei nas minhas conversas; creio que isso seja melhor. Também mencionarei o facto de que há alturas em que é mais favorável falar de certas coisas em vez de outras, por causa de certas condições. Por vezes quando venho é como se o canal estivesse mais desobstruído ara a discussão de certas coisas em vez de outras. Por vezes torna-se mais fácil recuar, e outras

vezes é mais fácil avançar. Isto poderá soar estranho, mas lá está, conforme tenho dito tantas vezes, o tempo é uma ilusão.

As pessoas supõem que o passado já tenha acontecido, que o presente está a decorrer, e que o futuro ainda não ocorreu. Mas, na verdade, é claro, o futuro já existe em estado embrionário, ele já está a começar a mover-se, já está a tomar forma. Um dia vou tentar explicar isso. O que aconteceu e o que está a acontecer neste momento já está a formar o que vai acontecer no futuro próximo. Se as pessoas pudessem perceber isso! Os pensamentos e as ações de ontem e de hoje estão a formar as coisas que irão suceder amanhã ou logo após. É nisso que reside o perigo, em particular entre os políticos e os estados de espírito daqueles situados em altos cargos.

Os pensamentos e os atos dessa gente já estão a moldar as tragédias do amanhã. É por isso que é tão importante que o que quer que pensemos e façamos seja pelo bem. Quando imperam maus pensamentos e maus atos a segui-los, aí coisas piores sucedem-lhes em consequência. É a sequência natural dos acontecimentos; não pode ser contornado. O homem, e mais ninguém, é responsável por tudo o que acontece no vosso mundo—de bom, de maus ou de indiferente.

As pessoas sempre dizem: "Por que motivo Deus permitirá isto? Porque permitirá Deus aquilo? Se existe Deus, porque razão não detém Ele isto?" Mas não há a quem culpar senão a eles próprios. O homem cria para si próprio todos os males que sucedem na ida. O homem cria a enfermidade; o homem cria a doença; o homem cria as guerras; a intolerância gera todas as coisas temíveis que sucedem ao homem. Até que o homem aprenda a pensar de modo diferente e, em consequência, aja de modo diferente, ele ver-se-á assediado por toda a sorte de males. Não há dúvida quanto a isso. Em todo o caso, da próxima vez procurarei falar sobre outras coisas importantes. Estou tão contente por estares de volta por agora podermos retomar as nossas conversas.

CAPÍTULO SEIS

UMA ENCARNAÇÃO FEMININA NO TEMPO DA REVOLUÇÃO FRANCESA

Mickey: (Avivado) Que posso fazer por si?

Eu: Ah! Tens muitas visitas por aqui hoje, Mickey?

Mickey: Tenho bastantes. Incluindo o seu marido, é claro.

Eu: Ele jamais me deixa ficar mal.

Mickey: Ele é um homem bom. Calculo que deva ter muitas saudades dele.

Eu: Eu mantive-me em estreito contacto com ele.

Mickey: Ele deve ter sido mais velho que a senhora, embora agora seja novo. (Revertendo para o seu idioma Cockney) Você foi o braço direito dele, não foi? Ele dependeu bastante de si.

Eu: E eu dependi dele também.

Mickey: ele certamente mudou muitas das ideias que tinha. Ele não teria aprovado isto, teria?

Eu: Não, embora ultimamente ele estivesse a alterar um pouco as perspetivas que tinha.

Douglas: (subitamente juntando-se à conversa) Que é que estás a dizer acerca de mim? Penso que escutei o meu nome mencionado e presumi que estivesses a falar de mim.

Eu: Eu disse que tu mudaste um pouco nas ideias que tinhas antes de passares.

Douglas: Penso que isso seja verdade. A certos títulos eu mudei as perspetivas que tinha. Eu não estava tão tacanho, digamos. Terás alguma coisa em mente que queiras discutir hoje?

Eu: Talvez tenhas alguma coisa que gostasses de dizer.

Douglas: Há muitas coisas mas a dificuldade está em saber como traduzi-las por palavras.

Eu: Interesso-me pelas várias encarnações. Consegues lembrar tanto do passado como à China antiga?

Douglas: Isso devo admitir foi há muito tempo. A dinastia Chinesa da qual éramos participantes situa-se tão distante no tempo que foi uma das primeiras. Olhando para trás, tanto quanto eu tenho sido capaz de reconstituir, deve ter sido a nossa mais antiga encarnação. Pode ter havido outros antes, mas se assim foi não me lembro delas. Embora me tenham dito que tenhamos tido uma encarnação no que é hoje denominado Atlântida. Mas eu não tenho a menor lembrança ou recordação dela. Se em alguma ocasião posterior eu descobrir algum detalhe ou qualquer coisa que possa esclarecer-te, eu fá-lo-ei.

Eu: De que modo o espírito seleciona um corpo para a encarnação?

Douglas: Não creio que possamos dizer que um espírito deste lado selecione um corpo enquanto tal, porque o corpo, num certo sentido, ainda não existe para que possa ser selecionado. O que suponho que se deveria dizer é que se seleciona o ambiente e a paternidade. Isto poderá soar muito esquisito mas precisamos clarificar muita coisa quando falamos de encarnações, em particular tentar clarificar essa questão do nascimento e de como nascemos, e, é claro, o motivo por que renascemos. No primeiro exemplo precisamos compreender que embora sejamos indivíduos num certo sentido—quer dizer, edificamos determinadas características e possuímos personalidades distintas—fazemos todos parte fundamental do mesmo espírito.

Quando sentimos a necessidade, conforme aconteceu no passado, de voltar à terra, precisamos decidir, ou pelo menos precisamos ter alguma ideia quanto ao que provavelmente será o melhor ambiente para nascer. Por exemplo, se achássemos ser necessário conhecer a pobreza e sofrimento e luta, aí optaríamos obviamente por pais que vivessem, pelas próprias circunstâncias, na pobreza. Não faria qualquer sentido escolher pais de elevada estirpe e capacidade que gozassem de abundância de bens mundanos.

O corpo físico em tal circunstância pode ainda nem ter sido trazido à existência, nem a semente possivelmente implantada, quando o decidimos. Por vezes é necessário decidir onde e como, e é claro, a raça. Lá por termos tido uma encarnação na Inglaterra, da vez seguinte não sentimos necessariamente a

necessidade de retornar por intermédio de pais Ingleses. Podemos decidir, por exemplo, fazer parte de um contexto Chinês ou Japonês. Poderá ser necessário saber como é a vida sob determinadas condições num outro pais e num outro período de tempo.

A nacionalidade em si mesma, embora importante no aspeto geral das coisas, não é tão importante quanto nos é dado perceber com esta perspetiva mais abrangente. Num contexto material é importante, e além disso, se quisermos experimentar certas coisas ou desejarmos tentar realizar um determinado trabalho de natureza espiritual que venha a elevar todo o mundo, caso seja possível, mas em especial essa nação que tivermos escolhido.

Por exemplo, muitos dos grandes mestres e profetas do passado são Almas Antigas que optaram por regressar em diferentes períodos a diferentes nacionalidades. É por isso que se verifica o mesmo fio a correr ao longo das doutrinas de muitos dos grandes profetas de muitas nações. A estrutura principal está lá; a fundação principal está lá.

Muita gente diz: "Muitos dos ensinamentos do Buda são bastante parecidos aos de Cristo." Ou então; "Muitos dos ensinamentos de Cristo não são inteiramente diferentes dos ensinamentos de Maomé," etc. Bem, é claro que todos esses grandes mestres fazem habitualmente parte do mesmo espírito. Com isso não quero dizer que sejam o mesmo indivíduo, o que é inteiramente diferente.

Mas é que existe algo—de que, possivelmente as pessoas na terra não têm a menos ideia—como espírito-grupo, assim como espírito universal. Muitos desses grandes mestres e profetas fazem parte do mesmo grupo que vêm de uma esfera muito, muito elevada, de um estágio de existência muito avançado, e optaram em diferentes períodos da história por retornar sob um aspeto diferenciado. Em muitos casos nascera, de pais humildes nos estratos ditos mais baixos da vida material. Ou então, se de pais de posição elevada, terão renunciado cedo na vida à herança e poder mundano.

Eu: A fim de tornar o teste tão árduo quanto possível?

Douglas: Não só isso; há diversos fatores. Quando uma criança nasce no que é chamado de boa linhagem, e é enviada às melhores escolas ara ficar com o espírito a abarrotar de conhecimentos e informação—muito de quanto sem

dúvida se presta a um grande serviço—muito disso pode contrariar diametralmente os ensinamentos espirituais e a consciência espiritual, e provar ser uma barreira em vez de uma ajuda. Se o espírito de uma pessoa for desenvolvido dentre de determinadas linhas através de uma certa educação isso produz, pela sua própria natureza, preconceito; dá corpo a toda sorte de coisas que poderão entravar o canal da inspiração divina.

O espírito dos grandes mestres do passado estavam abertos e recetivos, e não desordenados por fortes noções e ideias preconceituosas inculcadas pelo s pais e professores. Poderão, é claro, ter tido uma formação religiosa. Em especial nos tempos antigos, o espírito dos jovens era recheado de convicções e instruções religiosas; mas aqui de novo, embora muita coisa tenha sido acrescentada de importância, a estrutura base de todas essas doutrinas foi muito similar. Cristo foi criado no sentido ortodoxo, sem dúvida, de Judeu; mas a questão está em que o espírito dele não estava recheado de 'ismos' nem de convicções e opiniões fortemente vincadas. Tinha um espírito flexível, e obteve aquela inspiração divina e aquele contacto maravilhoso com Deus.

Pela própria simplicidade da sua natureza, os grandes profetas abriram os canais que tornaram possível que a verdade se infiltrasse pelo mundo; além disso, o poder que também possuíam, de natureza psíquica e espiritual, habilitou-os a evidenciar as suas crenças. Hoje no vosso mundo não há ninguém que realmente pratique do mesmo modo e seja capaz de demonstrar a mesma convicção de modo que prove o seu ponto de vista, ou comprove o seu conhecimento, na medida em que os grandes profetas o fizeram. A Igreja, é claro, não o faz; não tenta sequer fazer por demonstrar, conforme Cristo fez, o Seu conhecimento.

Cristo foi capaz de realizar o que o mundo agora designa por milagres, que para Ele não eram milagres. Era, milagres para os discípulos dele e para aqueles que os testemunhavam por os não compreenderem. Cristo compreendia a lei natural. Ele compreendeu o poder existente que podia ser comandado e usado; poder esse que ainda existe e que sempre existiu.

Se ao menos as pessoas compreendessem a espantosa vitalidade e poder que existe no éter, por cujos meios, quando se compreende as leis naturais e espirituais, somos capazes de produzir o que tem o aspeto de ser um milagre.

Para aqueles como o Cristo essas coisas eram normais, coisas naturais, e foram-lhe dadas sob orientação. Ele estava sempre cercado de espíritos de elevada ordem e Ele era capaz de obter sabedoria, poder e conhecimento deles.

Cristo pode caminhar sobre as águas, Cristo conseguia ressuscitar os chamados mortos porque, conforme devias saber, quando uma pessoa está morta para todos os efeitos externos isso não sucede necessariamente em todo o sentido do termo. Por vezes leva vários dias ao espírito a separar-se do corpo e se o cordão que une os dois ainda se achar intacto há sempre a possibilidade, sob determinadas condições, dessa pessoa—ainda que seja apenas temporária—de ser trazida de volta à vida.

Há muitos casos em que as pessoas à beira da sepultura foram encontrados ainda com vida. Isso não é milagre nenhum. É algo que tem que ver com a lei natural, pois, até que o cordão que liga o espírito e o corpo físico seja completamente rompido, até que o espírito seja libertado da emanação da aura do corpo, até que se tenha rompido por completo, há sempre a possibilidade do indivíduo não estar completamente morto no sentido de estar morto para o corpo material e morto para o mundo material. É por isso que nunca é coisa boa proceder ao enterro ou à cremação muito de repente; pelo menos devem deixar passar quatro ou cinco dias.

Eu: Pois claro, mas voltando às encarnações, querido—é meu entendimento que nós por vezes voltamos no sexo oposto.

Douglas: Isso é bastante oportuno. É bastante óbvio que assim deva ser. Quer dizer, o sexo, pela sua própria natureza, é puramente concorrente. Com efeito, num certo sentido—bem sei que isto poderá soar absurdo superficialmente—não existe tal coisa. Existe, puramente numa base física; pode-se dizer que este seja um homem e esta uma mulher. Mas não é tão fácil quanto isso. Há tanta ênfase colocada na questão do sexo e na atitude da mente para co o corpo, mas um certo sentido, o corpo é a coisa menos importante. É importante que se deva cuidar dele e assim, porém, é aquilo que somos no íntimo, aquilo que somos enquanto espírito individual, o que realizamos, aquilo em que nos tornamos, as lições que aprendemos, que importa. Claro que eu já fui mulher.

Eu: Consegues recordar uma encarnação feminina que tenhas tido?

Douglas: Eu tive uma encarnação feminina na França do século XVIII. É evidente que nessa ocasião eu era uma pessoa de alguma posição e riqueza. Suponho que era importante que eu devesse aprender certas lições, por eu ter estado demasiado envolvida na Revolução Francesa, embora tenha tido a sorte de escapar às consequências da revolução. Por outras palavras, não fui guilhotinada. Fui capaz de fugir para a Áustria no próprio limiar da catástrofe.

Estive muito ligada à Corte Francesa, e conheci intimamente e muito bem a família real. Eu era Austríaca de nascimento mas vivi em Paris por ter casado com um Francês, e tive diversos filhos. Consigo ver agora que existiu um propósito no facto de ter vivido na França e aprendido as lições que lá aprendi, porque embora tenha sido levada a um contacto com certas pessoas das classes altas, sempre tive enorme compaixão pelos pobres, e aquilo que podia fazer para alívio dos pobres, eu fiz.

Na verdade, penso que posso dizer que fiz muito mais do que muitos dessa era e tempos, quando era coisa banal aceitar a pobreza. Pesava-se que era algo que nada poderia fazer nada a respeito, mas sempre achei que algo devia ter sido feito. De facto, tive muitas discussões com a Maria Antonieta sobre isso, mas ela tinha muito pouco tempo para os pobres.

Era algo sobre o que ela nada conhecia de verdade. Eu costumava atrair a atenção dela para isso e sempre dizia que bem que poderia ser que a qualquer momento, devido à situação de pobreza que grassava, algo poderia acontecer. Mas jamais sonhara com nada de tão drástico quanto a revolução. Sempre achei que algo devia ser feito, ou quem saberia o que poderia suceder se as pessoas se descontrolassem? Claro que não fui, por forma nenhuma, tão útil quanto poderia ter sido, mas fiz o que podia—certamente muito mais do que muitas das pessoas do povo na posição em que eu me encontrava na altura.

Embora tenha dito que escapei, isso sucedeu por acidente, em vez de desígnio, por ter sucedido eu ter iniciado a minha viagem para a Áustria apenas uns dias antes de a revolução rebentar. Vi-me em segurança do outro lado da fronteira no momento em que estalou e, é claro, ciente do que estava a suceder em França eu não retornei; teria sido insensato fazê-lo. Menciono isso por ter interesse. O provável é que se não mo tivesse lembrado, ou perguntado com respeito a encarnações femininas, eu o não tivesse recordado. Os meus filhos

morreram muito novos, como de facto era coisa bastante comum nesses dias. Havia muito pouca atenção e conhecimento médico. Eu tive três filhos, um dos quais viveu até aos dezasseis anos; os outros dois morreram na infância.

Eu: Quão extraordinário lembrar detalhes assim!

Douglas: Tu e eu estivemos muito associados, mas a questão está em que — é importante que as pessoas percebam que embora haja muitos casos de pessoas que vêm juntas uma e outra vez através do renascimento sob diferentes circunstâncias e diferentes alturas, não se deve nunca dar demasiada importância ao aspeto físico ou material. O que é importante é o progresso espiritual que é conseguido por esses indivíduos ao longo do próprio tempo.

Há pessoas que dizem: "Ah, a ideia da reencarnação não me agrada, e ter que voltar e porventura conhecer e casar algum outro homem ou mulher, conforme for o caso, mas entende, nós não colocamos nenhuma ênfase nem damos tanta importância ao lado puramente físico. O que importa é que só podemos esperar alcançar alguma elevação efetiva quando tivermos passado por muitas, muitas diferentes condições e fases de vida; quando nos tivermos tornado nisto e naquilo, ainda que temporariamente num corpo terreno.

Precisamos encarar o corpo terreno e a vida terrena por aquilo que ela é na realidade. Os corpos terrenos em si não passam das urnas que alojam a alma, que aloja o espírito individual que está sempre a avançar e a experimentar. O mundo espiritual é a escola em que precisamos aprender as lições. Não passamos de alunos e avançamos de classe para classe de acordo com a nossa evolução e desenvolvimento. Se não aprendermos tudo quanto for necessário numa classe, aí não poderemos passar para uma classe superior; ainda precisaremos ficar, ou regressar de volta no termo seguinte à mesma classe.

Precisamos ter em mente que por vezes os instrutores durante esse período particular, que nós pensamos que eram excelentes instrutores, podem em si mesmos não sê-lo necessariamente sempre. Podemos ser suficientemente desafortunados para ser levados a um contacto com maus instrutores. É possível sermos induzidos em erro e não percebermos que o esforço feito para retornar e experimentar uma vida nova tenha sido desperdiçado, mas ainda não termos aprendido algumas das lições necessárias, e retornarmos de novo. Por vezes precisamos esperar centenas de anos antes de retornarmos; numa outra ocasião

pode praticamente dar-se um renascimento numa questão de momentos ou horas.

Essa coisa do tempo é sempre um problema. Precisamos sempre perceber que, em grande medida, é uma ilusão. Claro que é de importância vital na Terra, assim como o corpo físico é importante e precisamos cuidar dele, e do mesmo modo que muitas das coisas que podem acontecer são de importância vital, embora, por vezes, possam parecer triviais. Na verdade, poder-se-ia praticamente dizer que algumas das coisas que nos acontecem na Terra que superficialmente parecem ser do mais trivial, são, por vezes, da maior importância, e as coisas que por vezes parecem da maior importância são as mais triviais.

Precisamos lembrar-nos de que, se quisermos conseguir alguma coisa, ou quisermos avançar enquanto seres espirituais, precisamos experimentar todo o tipo de coisas. Não podemos viver e experimentar e progredir conhecendo apenas o bom; também temos que conhecer o ruim. Precisamos quase de certeza cometer erros. Podemos até por vezes fazer até mesmo coisas erradas. Só quando sentimos remorso, e olhando para trás vemos o caos que foi criado pela nossa insensatez ou pela nossa obstinação que aprendemos, e desejamos regressar de novo para compensar, e saber o que é fazer o que é correto.

Essas coisas que nos acontecem não acontecem de propósito nem por acidente. Não estou a sugerir com isso que tudo seja preordenado, porque caso contrário seria sem sentido; aquilo que estou a tentar dizer é que embora nos seja concedido livre-arbítrio, não podemos pela nossa própria natureza ou desejo fazer necessariamente sempre a coisa acertada. Por vezes as próprias circunstâncias da vida, as pessoas que encontramos e as que conhecemos, e até mesmo os nossos pais e professores, etc., criam circunstâncias em que nos vemos forçados a uma situação em que não podemos perceber com clareza, e cometemos enganos e talvez cometamos erros. Não estou a desculpar esses erros que não só eu como todos os seres humanos devem cometer, mas estou a procurar clarificar a posição de que somos todos viajantes no caminho do eterno progresso, e que cada um de nós deve, pela nossa própria natureza, cometer erros.

As pessoas estão sempre a dizer: "Isto é errado" ou "Aquilo é errado"; claro que, em certo sentido, essas coisas são erradas, mas se não fosse pelo erro, jamais haveríamos de reconhecer o certo. Se não fora pelo negro, não entenderíamos a pureza do branco. Por outras palavras, temos que aceitar o facto de estarmos a toda a hora a lidar com complexidades e situações criadas pelo próprio homem. Deus não interfere com o seu trabalho.

No começo Deus criou todas as coias que são boas, mas se o homem com a sua insensatez e obstinação criar condições de adversidade, aí precisará aprender gradualmente, através do sofrimento e da tribulação, o caminho certo e a melhor maneira. Deverá construir e reconstruir, e voltar a construir se necessário. Agora compreendo cada vez mais a sabedoria da vida, mas é sempre difícil expor isso por palavras. Tenho esperança de que com o passar dos anos que ainda te restam eu venha a ser capaz de discutir muitas facetas desses tremendos problemas, desta tremenda verdade—mas lembra-te sempre de que te posso falar somente na medida em que puder, e pelo melhor de que for capaz, sob as circunstâncias que prevalecem.

CAPÍTULO SETE

OS PERIGOS DO DOGMA

Mickey: O seu marido está aqui!

Douglas: Seria bastante estranho que não estivesse; após todos estes anos de constante comunicação seria muito estranho se subitamente eu desaparecesse e não viesse falar contigo. Ficarias a imaginar o que teria acontecido.

Eu: Certamente que sim, querido.

Douglas: Jamais deveria fazer isso Enquanto dispusermos da oportunidade da comunicação, aproveitarei toda a vantagem que puder dela. Significa tanto para mim e, estou certo, para ti; aparte do facto de esperarmos que eventualmente venha a interessar a outros. Terás alguma coisa de particular em mente que queiras que aborde aqui?

Eu: Fala do que quiseres.

Douglas: Agrada-me sentir que aquilo que discutimos tem valor e interesse para muitos, em vez de falar de coisas mundanas como muitos fazem. É claro que é muito natural e necessário nas primeiras comunicações falarmos sobre coisas ordinárias; mas lá chega uma altura em que sentimos chegada a altura de diversificarmos e discutir coisas que digam respeito não apenas a nós, como a toda a humanidade. O todo da vida é de tal modo vasto e imenso que cada alma individual se vê presa nele de alguma forma, de uma maneira ou de outra, e fazemos todos parte uns dos outros. A vasta maioria das pessoas na terra não tem conceção nenhuma disso.

As pessoas gostam de presumir, e até certo ponto é claro que é verdade, que são indivíduos separados. É verdade que possuímos corpos distintos, e espíritos individuais, mas também fazemos parte do Espirito Universal. Estamos todos envolvidos uns com os outros em todo o sentido na verdade, não só no teu mundo como neste mundo igualmente. Embora gostemos de sentir que somos indivíduos, na verdade somos o produto de séculos dos pensamentos e ideias dos outros. Cada uma das diversas vidas que possamos ter tido quando tivermos retornado à terra, embora a seu modo distintas, é parte de um todo perfeito.

A tragédia da vida está em que as pessoas passam a existência na terra a considerar-se como algo completa e absolutamente distinto, como indivíduos separados dotados de uma atitude de espírito egoísta, que raramente se esquecem de si através do préstimo e dedicação aos outros. Todos os grandes mestres perceberam que o único modo para se descobrir o verdadeiro eu passa por nos perdermos. A ideia que muita gente na terra tem é a de fugir à vida o máximo que puder em vez depositar o que puder nela, votar-se ao amor e ao auxílio e partilhar as suas vidas com os outros. A vasta maioria das pessoas, na medida do humanamente possível, tenta evitar problemas ou tenta evitar expressar-se no que respeita aos outros.

A causa fundamental de todas as indescritíveis tragédias da vida—as guerras, os conflitos, e a infelicidade que se segue—devem-se a que o homem seja egocêntrico, não só individualmente, mas a nível coletivo. Esse é um outro grande erro. Não deveria imperar esse espírito nacional, esse elemento competitivo; não deve imperar essa sensação de que a *nossa* nação é *a* única, e de que todas as outras sejam inferiores. Sabemos que há certas raças que em certos aspetos não progrediram tanto quanto as outras, mas o mais das vezes

isso deve-se a que tenham sido suprimidas e travadas ou impedidas; não lhes foi dada a oportunidade nem a educação ou, se a tiveram, terá sido bastante limitada.

Esse medo pavoroso constitui igualmente a maldição do mundo. Vivemos duas grandes guerras que, fundamentalmente, foram levadas a cabo através do medo e da intolerância. As nações e os povos deviam perceber que têm uma aliança e um dever não só para consigo e a sua nação particular, mas que são cidadãos do mundo, e que estão todos envoltos nesta coisa do viver. Deverão eventualmente aprender a viver como um só povo—e não como povos separados devido à sua cor ou por ter um idioma diferente.

A língua é obviamente uma das grandes barreiras do progresso civilizado. Na verdade, há tantas coisas que nos causam preocupação que queremos tentar ver se pudemos reparar e auxiliar. Essa é uma das razões porque retornamos; não é por razões individuais—embora, é claro, nos apraza falar àqueles que amamos—mas congregar todos os povos como uma família e derrubar todas as barreiras que foram erguidas por meio da ignorância, da intolerância religiosa e da intolerância nacional. Esses são os grandes males do mundo.

Eu: Elas estão gradualmente a desaparecer, querido. Por falar nisso, queria perguntar-te se, quando reencarnamos a personalidade toda retorna à terra, ou apenas uma faceta da consciência individual. Falaste recentemente na alma-grupo; referes isso no sentido individual ou coletivo?

Douglas: Isso é muito difícil de explicar. Quando nos é dirigida essa questão percebe-se a praticamente irremediável posição em que somos colocados de tentar responder-lhe, porque pela sua própria natureza é complexo; o que se poderia aplicar num caso não se aplicaria necessariamente noutro. Não há resposta que se enquadre todas as várias condições das encarnações.

Embora exista uma característica fundamental—e quisera poder explicar isto melhor—exista um fio que percorre as vidas todas, não é necessariamente fácil explicar o padrão. Assemelha-se a uma grande tapeçaria tão vasta na sua conceção que em certo sentido jamais é concluída. Tem tantos encadeamentos e matizes, tanta luz e tanta sombra, que só se consegue perceber frações à medida que progredimos. Em certa medida precisamos presumir o aspeto que o todo completo venha a ter.

É somente quando mantemos uma certa equidistância que conseguimos percebê-lo em toda a sua beleza e percebemos a necessidade da luz e da sombra. O padrão que foi tecido ao longo do tempo só pode ser apreciado quando conseguimos essa equidistância em relação a ele, e o examinamos, o analisamos, ou se preciso for, o criticamos, por também aprendermos através da crítica. Precisamos perceber que somos bastante complexos; não quero dizer num só sentido, ou seja, no sentido material; somos igualmente até certo ponto complexos no sentido espiritual. Não conhecemos as respostas todas; não conhecemos o quadro completo.

As pessoas por vezes dizem: "Viste Deus?" "Que aspeto tem Deus?" "E o das esferas celestes?" Todo o tipo de perguntas. Mas nós só podemos perceber, segundo a nossa evolução e desenvolvimento e de acordo com a nossa experiência, certos aspetos dessas coisas. É impossível que qualquer alma deste lado—devo imaginar particularmente as almas mais evoluídas—seja capaz de voltar atrás num sentido material e descrever, em linguagem terrena, muitas das coisas que terão experimentado. Podemos traçar-lhes pequenos indícios aqui e ali. É quase como aquela tapeçaria de que falava, podemos dar-lhes uma certa luz; podemos, por assim dizer, ajudá-los a apanhar o fio de modo a que possam fazer o que lhes compete, ou ajudar a suscitar uma certa luz, ou sombra se necessário, no quadro. Mas a questão está em que é tudo imensamente entusiasmante, imensamente complexo, e isso é, claro está, o que realmente constitui o viver.

Nada poderia ser mais erróneo do que essa ideia que certas pessoas têm de que nós deste lado vivemos (quer dizer, se é que chegamos de todo a viver!) num perfeito estado de existência, porque na medida em que se poderá imaginar—pelo menos na medida do que qualquer um de nós sabe—não existe tal estado. Existem estados de existência que possuem forma e perfeição em que poderemos existir, e bem que poderemos ser tão perfeitamente felizes que possamos presumir que seja um estado perfeito. Mas se alguma vez alcançássemos tal condição de estado de existência perfeito, que haveria de implicar que dispomos da chave para todas as questões, haveria de se tornar numa condição intolerante de vida. Nada haveria de ter de novo, nada de excitante, nada de novo a descobrir; não deveria haver mais nenhum avanço sob qualquer forma que fosse e haveríamos de nos aborrecer e desinteressados e passado um tempo perder a faculdade de ser capaz de apreciar a vida.

A beleza e o gozo da vida está no facto de ser contínua; é uma aventura contínua, uma contínua experiência num novo estrato de conhecimento, e iluminação de mente e espírito. É a mudança constante, embora isso nem sempre seja óbvio. Talvez, num certo sentido, seja subtil. Levará, se precisarmos usar a expressão do tempo no que a nós concerne, de éones e éones de tempo. E embora possamos voltar à terra em várias alturas por diversas razões—quer para obter um certo conhecimento que só possa ser obtido pela experiência terrena, ou porventura a fim de executar algum trabalho específico de encorajamento e esclarecimento dos outros menos informados—mesmo supondo que voltemos porventura uma dúzia de vezes ou mais, que no contexto do próprio tempo é infinitésimo. Progredimos e experimentamos toda a sorte de coisas em diferentes planos da existência ou consciência e, em consequência, a vida é sempre variada. Nisso reside a alegria da vida!

A ideia de existir num estado de perfeição de conhecimento de todas as coisas, especialmente, se é que o posso dizer, do tacanho aspeto religioso que tantos associam à vida posterior à morte, haveria de ser tão completamente enfadonha e angustiante que ninguém poderia possivelmente levar uma existência dessas. Pode ser muito apelativo, por exemplo, e bastante reconfortante, ter certas ideias fixas com respeito à religião e encontrar prazer e satisfação em frequentar a igreja e ouvir os diferentes sermões e cantos de hinos. Tudo isso poderá ser muito agradável uma ou duas vezes por semana, mas se as pessoas tivessem que passar a eternidade com tais convicções religiosas haveriam de ansiar pela morte.

Penso que não haja nada pior do que viver numa comunidade de sacerdotes todos a discutir várias facetas das suas particulares crenças religiosas, todos a discutir doutrina, todos a presumir que por causa da sua posição na terra, tenham atingido o máximo. Sinceramente estou certo de que essa gente—muitos deles sãos e inteligentes, e não insensatos—deve perceber bem no seu âmago que a coisa toda é ridícula. Para dizer o mínimo não deve fazer nenhum sentido. Sei que muitos desses bem posicionados membros da Igreja não acredita num décimo daquilo que pregam. Mas creem sinceramente que Cristo tenha existido e que pela sua própria natureza Cristo tenha sido uma pessoa altamente espiritualizada. Suponho que possa haver alguns que ainda acreditem que Ele seja Deus na terra.

Eu: Parte do clero é mais esclarecido nas suas perspetivas atualmente.

Douglas: Pois sim, mas precisamos levar as pessoas, em especial aquelas de perspetivas tacanhas, a perceber a estupidez de muito do que pregam. Precisamos demolir as barreiras existentes entre os credos e o dogma que tem sido erigido pelo homem há séculos e séculos, barreiras à Verdade. Eventualmente teremos que ultrapassar isso, muito do que foi criado por razões óbvias de poder. O poder da Igreja ao longo dos séculos foi imenso, embora agora esteja gradualmente a diminuir. A base das doutrinas da Igreja—não a verdadeira base dos ensinamentos de Cristo, que era uma coisa inteiramente diferente—mas as doutrinas da Igreja conforme pregadas ao longo de séculos estiveram baseadas no medo. As pessoas eram contidas pelo medo A Igreja tornou-se poderosa através do medo, e não através do amor.

Eu: Em uma das nossas encarnações, creio que fomos apanhados numa perseguição religiosa.

Douglas: Pois, é bem verdade—enquanto Huguenotes. Mas que foi somente um de entre milhões de casos do estado intolerante do poder da Igreja. Por vezes deixa-me apavorado quando penso sobre o tempo e a história. A história da Igreja não suporta investigação; atrocidades aterradoras foram cometidas em nome de Cristo. Posso-te garantir que Cristo pode ser descoberto muito mais fora da Igreja do que nela.

Eu: Terás visto Jesus ultimamente?

Douglas: Aí está, vês?! Colocas-me uma outra questão que é praticamente impossível de responder.

Eu: Numa outra ocasião disseste-me que sim.

Douglas: Pois. Poderei dizer que vi um reflexo do Cristo? Isto é o mais que posso chegar perto de o descrever. Cristo, o espírito, o reflexo do infinito, o reflexo do divino e o poder de toda a luz—como poderei explicar isso? Podemos ver o reflexo dos céus nas águas da terra mas, sinceramente, só se pode dizer que temos consciência da presença do poder de Cristo; e temos consciência de que estamos, através de Cristo, a alcançar uma maior evolução rumo a um plano mais elevado da experiência e ser. A realidade é que Cristo *vive*, e nós temos

consciência do Seu poder e amor, e somos parte daquela unidade por que todos somos abrangidos e trazidos à existência. Não me perguntes acerca de estrutura e forma, porque isso é algo que não consigo descrever inteiramente—mas Cristo *vive*.

Preciso ir, mas, minha querida, não te preocupes nem te aflijas. Haverá muitos que ouvirão estas gravações que as não compreenderão por não quererem compreender, e por terem receio de o compreender. As pessoas, e em especial aquelas que viveram com convicção religiosa ou fé a maior parte das suas vidas, acham muito difícil mudar. Não se pode mudar uma pessoa com muita rapidez ou facilmente. Talvez seja uma coisa boa não o podermos. Até que a razão os acometa, e a Verdade os torne libertos, hão de permanecer agrilhoados. Podemos somente esperar que possamos até certo ponto, aqui e ali, desatá-los, de modo que se vejam livres para perceber e conhecer e compreender a Verdade. A Verdade é o objetivo final. A Verdade é o que importa. Tudo o resto é inconsequente.

CAPÍTULO OITO

VIDA PLANETÁRIA E COMUNICAÇÃO POR VOZ DIRECTA

Mickey: Consegue ouvir-me, Tiazinha?

Eu: Muito bem, Mickey, obrigado.

Mickey: Ótimo. Está a preparar-se para o Natal?

Eu: Ainda não, é muito cedo.

Mickey: (Assumindo um tom de surpresa) Ainda não comprou todos os seus presentes e coisas? Não vai à sua irmã?

Eu: Não desta vez, Mickey.

Mickey: Não vai ficar sozinha, vai?

Eu: penso que não.

Douglas: (na hora H): Que jovem mais metediço! (monte de gargalhadas). Na realidade, é claro, ele é muito amável. Ele pensa que provavelmente vais ficar só e na solidão. Como estás hoje?

Eu: Muito em forma, obrigado querido.

Douglas: Devo dizer que o dia acabou por se tornar bom para ti. Quero dizer que podes mover de modo confortável. De que havemos de falar?

Eu: Disseste há algum tempo que gostarias de te concentrar nas encarnações.

Douglas: O que me apoquenta é o facto de que, não obstante o que te possa dizer com respeito às encarnações, penso que seria extremamente duvidoso as pessoas virem a aceitá-lo, porque, como se há de prová-lo? Esse é o único obstáculo.

Eu: O facto de mo estares a revelar é prova bastante para mim.

Douglas: Sim, é prova para ti, mas duvido que um vasto número se viesse a sentir inclinada a considera-lo prova do seu ponto de vista. Posso-te contar todo o tipo de coisas acerca existência prévias que são de grande interesse e que tu haverias de aceitar, mas não deixo de me interrogar se as pessoas o fariam.

Eu: Tiveste mais que uma encarnação em Inglaterra?

Douglas: Não que eu saiba; posso ter tido, mas, é claro, não somos necessariamente capazes de recuperar memórias de todas as encarnações. Algumas encarnações destacam-se de forma proeminente, já outras não. A

encarnação Egípcia em que fui sacerdote ligado à organização religiosa da época em Karnak é uma que agora se tornou proeminente na minha memória.

Eu estive sempre em busca da verdade, a tentar descobrir mais caso conseguisse sobre filosofia e religião, e a tentar compreender o propósito da vida. Surpreende-me ainda agora que, com todas as minhas encarnações e toda a minha experiência e conhecimento—em especial aquele aqui obtido nos diversos períodos entre as encarnações—eu me tenha tornado tão tacanho nas minhas perspetivas, na minha última encarnação. Tenho uma forte sensação ao olhar para trás de que fechei o meu espírito, em certa medida, à verdade, do ponto de vista da sua busca por outras vias.

Eu: Talvez nem sequer tenhas ouvido falar do Espiritualismo.

Douglas: Ouvi falar disso, naturalmente, e tive conhecimento dos experimentos do Lodge e tudo isso. Mas embora tenha pensado que pudesse encerrar alguma verdade, nunca me senti atraído para o Espiritualismo por achar que fosse fundamentalmente errado. Achava que não tínhamos o direito de sondar nesse sentido, e que, se chegássemos a estabelecer contacto em absoluto com os ditos mortos, o provável é que fossem de baixa ordem.

Sei que existem muitos médiuns sinceros e genuínos, mas num certo número de casos, e pode não ser necessariamente sua falta, eles parecem contentar-se bastante no que eu chamaria uma vibração baixa em vez de aspirarem a contactar almas mais elevadas e mais evoluídas. Essas comunicações astrais poderão ter interesse e valor em certa medida, mas não creio que tenham qualquer significado real espiritual.

Eu: Para fins evidenciais no começo foram muito valiosas.

Douglas: Compreendo que precisemos do lado evidencial, devamos ter provas de identidade, e que a comunicação num primeiro caso deva ser com contactos pessoais—os nossos amigos e parentes, gente que tenhamos conhecido e seja capaz de apresentar provas de um tipo que nos convença—mas parece-me a mim que as comunicações se centrem mais no material do que no espiritual.

Percebemos que a verdade fundamental do espiritualismo é universal, e que se aplica a toda a vida humana e influencia toda a gente. Constitui a verdade básica

de todas as religiões, mas se deveria tornar-se em si mesma numa religião, isso eu sinto-me bastante inclinado a duvidar. Gostaríamos de achar que pudesse surgir u conhecimento universal, uma realização universal da Verdade, em que toda a gente possuísse uma compreensão comum eu rompesse com todas essas estúpidas barreiras da ignorância e do preconceito que foram erguidas há séculos.

A grande barreira, seguramente, na vida humana, no que diz respeito à religião é a intolerância que tem sido a base de ocorrências terríveis entre povos por acharem que têm razão e os outros estão errados. Cristo veio ao mundo para mostrar com a Sua própria vida como poderiam descobrir o reino de Deus, para mostrar como poderiam entrar nele enquanto anda na terra, tanto mental quanto espiritualmente, e superar a morte como ocorreu com ele, e provar a sua identidade como ele fez, aos seus discípulos, bem como a outros no Andar de Cima. Por outras palavras, parece-me a mim que Cristo veio para mostrar um modo de vida e para se tornar num exemplo, Mas o Cristianismo parece ter percorrido um longo caminho na direção oposta.

Eu: Voltando ao assunto das encarnações, querido, nós alguma vez encarnamos noutros planetas?

Douglas: Há certos planetas que realmente são mundos do espírito; são habitados por pessoas que viveram na terra e que se libertaram dos seus corpos físicos e que se alçaram da sua condição física da Terra e entraram numa nova vida a que vocês chamam os planetas. As pessoas do teu lado supõem que não poderia existir qualquer vida como a que vocês conhecem à face dos planetas, mas, é claro, que isso é completamente errado; muitos dos planetas são habitados.

Eu: "Onde te encontras tu, em relação aos planetas?

Douglas: "Bom, se queres que te trace uma área geográfica, isso é impossível. A questão está em que todos os nossos mundos, todos os mundos espirituais, constituem planetas. Eu não sei muito bem o que certas pessoas assumem com respeito ao nosso mundo, mas é claro que nos encontramos em mundos como o vosso, só que de uma ordem mais elevada. Mas uma vez que, aparte todo o resto, eles se acham afastados da terra e do pensamento terreno e das

condições terrenas, e não estão sujeito às mesmas leis da natureza, existem enormes diferenças. Esses planetas de que falo são os nossos mundos, e são mundos reais em que vivemos e temos a nossa existência, em que vivemos uma vida mais rarefeita e uma vida mais purificada.

Eu: Disseste em certa ocasião que a Rússia está praticamente em contacto com outros mundos—em termos científicos.

Douglas: Sim, penso que a Rússia está mais próximo de realizar comunicações connosco do que estão, por exemplo, de aterrizar em qualquer dos planetas. Só espero que quando isso suceder eles percebam a imensidão da coisa e o torne em algo de que todo o mundo possa beneficiar. Mas não devemos aqui confundir as coisas. Penso que existe uma vasta diferença entre a Rússia enviar uma nave espacial a aterrizar num dos planetas, e conseguir uma forma científica de comunicação com o nosso mundo, porque um é o mundo do espírito, enquanto o outro é uma forma de vida que não possui significado espiritual enquanto tal.

Eu: No entanto penso que terás dito que as pessoas nesses planetas são altamente evoluídas.

Douglas: Claro que são, mas esses planetas particulares acham-se muito afastados; de facto não são nem sequer visíveis às pessoas na terra através do mais aparelho mais especializado. São planetas de que vocês não têm conhecimento, esses planetas espirituais de que falamos. Aqueles que se acham próximos a vós e são visíveis—pelo menos alguns deles—são de uma ordem inteiramente diferente.

O que estou a tentar dizer é que é exequível que possa haver uma abordagem científica a certos planetas que não serão necessariamente de grande vantagem para o homem. Interessamo-nos, obviamente, com o desenvolvimento científico e comunicação com planetas elevados que venham a ter um benefício real. Precisamos lembrar-nos de que a terra em si mesma não passa de uma partícula no firmamento; não é aquilo que parece. Poderão dizer que o mundo é vasto, mas o mundo é infinitesimamente pequeno. Ouves as pessoas dizer: 'Bem, a existir essa coisa da vida pós-morte, onde é que todos os inúmeros milhões de pessoas que viveram e morreram ao longo dos séculos existem?' a nossa mente

não consegue entender que possam existir um mundo ou mundos que possam tornar possível a toda essa gente existir numa outra esfera.

A questão está, conforme eu disse, em que a própria terra é diminuta, mas existem tantos, tantos mundos—mundos espirituais. É por isso que as pessoas, quando veem de diferentes mundos e de diferentes planetas, lhes dirão porventura algo de diferente. Embora possa subsistir uma compreensão básica das coisas e as verdades fundamentais existam, existem tantas vias distintas de pensamento e experiência que uma pessoa pode-lhes dizer uma coisa que lhe diga respeito e ao seu reino de vida do espírito, e outra pode-lhes dizer muito de diferente. Cada qual lhes falará da sua experiência das coisas. Podem nunca ter-se encontrado; podem encontrar-se em planos inteiramente diferentes.

Eu: Numa sessão como esta, suponho, há almas de diferentes esferas?

Douglas: Sim, há muitos que se reúnem numa ocasião como esta, proveniente de diferentes esferas e planetas, que naturalmente gostaria de falar; mas como é mais fácil uma pessoa acostumada como eu a falar. . .

Eu: (Interrompendo) Bem, este é o teu segundo livro, querido.

Douglas: Espero que venha a ser um de vários, o que implicará numa tarefa e tanto para ti. Por vezes interrogo-me do quanto viermos a ser capazes de realizar no tempo que nos resta. Tu ainda podes ter alguns anos de vida. Ainda estou à espera que o primeiro livro seja publicado. Num ceto sentido ele representa uma introdução para o segundo, e porventura um terceiro. Há tanto que queremos dizer.

Eu: Algum dia gostaria de ouvir mais sobre a técnica da comunicação de voz.

A questão toda está em que se trata de uma transmissão de pensamento em som e constitui, num certo sentido, uma comunicação inteiramente artificial. Porém, não gostaria que com isso as pessoas presumissem que não seja eu quem fala. Claro que sou eu quem fala, só que não nas condições normais que eu usaria na terra no meu próprio corpo físico.

Até mesmo na terra a fala constitui a transmissão dos nossos pensamentos pela utilização do veículo da expressão, que afinal é meramente a laringe, etc.

Fazemos exatamente o mesmo. A única diferença está em que temos que usar uma laringe artificial que é formada de ectoplasma—uma substância retirada principalmente do médium e moldada numa forma similar à dos órgãos vocais. Isso reproduzirá os nossos pensamentos, mas se produz a nossa personalidade particular e características do discurso, eu não sei. Pode muito bem fazer em certas alturas, porém, não noutras.

A comunicação depende de tantas coisas - da condição atmosférica, da saúde do médium, assim como do poder que o comunicador possui em si. Se a sua personalidade for forte, ela impor-se-á de tal modo que reproduzirá não obstante ser feito artificialmente. Toda a coisa depende de muitas condições acertadas nesse instante.

Eu: Estás fechado numa caixa de voz?

Douglas: Não, diria que não estamos encerrados numa caixa de voz, mas é como se residíssemos, temporariamente, não propriamente num corpo desses, mas algo que possui os órgãos de reprodução do som—ou seja, possui uma laringe, possui órgãos vocais o que quer dizer que quando nos concentramos nela, ela responde. O problema está em manipularmos esta caixa de voz através da concentração e ao mesmo tempo recuperar memórias pertencentes ao nosso passado que precisamos fazer passar como prova e evidência quando necessário; assim como transmitir a mensagem que temos, particularmente se for uma mensagem que diga respeito à nossa vida aqui numa vibração inteiramente diferente. É, por vezes, como tentar fazer três ou quatro coisas ao mesmo tempo. Pode tornar-se bastante difícil e confuso; e mesmo com mãos experientes no comando como eu há alturas em que se torna extremamente difícil, e precisamos evitar a confusão. A confusão é um dos nossos problemas principais.

Habitualmente há muitas outras almas por perto, de pensamento forte. Muitas delas estão ansiosas, é claro, por comunicar. Embora tenhamos ordem e uma certa organização quando a comunicação ocorre, precisamos ter sempre em mente que os pensamentos são coisas vivas e muito poderosas, e por vezes os pensamentos do ou da médium, ou os pensamentos dos participantes na sessão, tal como tu, ou os pensamentos das pessoas que estejam por perto—

transeuntes ou observadores conforme poderemos chamar-lhes—poderão, se não formos cuidadosos, interferir inconscientemente com a comunicação.

É muito difícil de explicar, mas temos muitas coisas a enfrentar; e tornar-se realmente um bom comunicador necessita de muita prática e de tentativa e erro, uma aplicação constante e intensidade de pensamento e de concentração. Claro que, quanto mais oportunidade gozarmos, melhor será.

Eu: Achamos que sejas um excelente comunicador, querido.

Douglas: Bem, já o venho a fazer há uns bons anos, e agora que tu realmente estabeleceste o elo com estas sessões constantes, isso facilita-me ainda mais a coisa. Em todo o caso, estou muito satisfeito com o que fomos capazes de alcançar; e espero que venhamos a ser capazes de ter muito mais conversas sobre toda a sorte de assuntos.

CAPÍTULO NOVE

PROGRESSO ESPIRITUAL

Mickey: Onde vai no Natal, Tia?

Eu: Espero passa-lo com amigos, Mickey.

Mickey: Ah sim? Não me agrada pensar que vai ficar sozinha. Esta é uma altura em que as pessoas se juntam, não é?

Eu: É. Que é que vais fazer?

Mickey: Que é que vou fazer? Ah, vou-ma partir para um repouso e afastar-me de tudo.

Flint: (Divertido) Ah, não!

Mickey: Vou-me dar por muito feliz por me afastar das vibrações da terra por um tempo. (Com tristeza) Por vezes fico um pouco cansado.

Eu: A sério, Mickey? Mas pensa em todo o bem que tens feito com a vida de serviço que tens levado.

Mickey: É a única coisa que ainda me lava a continuar.

Eu: Nós amamos-te todos.

Mickey: (Com ar alegre) Obrigado! Feliz Natal!

Douglas: Olá! Tenho sentido ânsia por este dia. De que vamos falar?

Eu: Talvez das celebrações e festivais do teu lado.

Douglas: (Após uma pausa) Estou a tentar pensar como começar a descrever uma celebração ou festival, por palavras. Mas é claro que, o que representa um festival para um grupo de pessoas não o representará para outro, por depender da evolução que apresente, ou falta dela. As diferentes esferas, segundo as pessoas e segundo a perspetiva que tenham e conhecimento, expressar-se-ão de acordo. Algumas farão o que chamais de festa hilariante com todas as coisas que lhe associam, até mesmo comida. Mas isso aplica-se a uma das esferas mais baixas onde as próprias pessoas ainda não tenham evoluído o suficiente para perceber que muitas dessas coisas deixaram de ser essenciais e importantes.

Aqueles que vivem em planos mais avançados farão uma expressão de forma muito mais avançada e em consequência criarão para elas próprias funções em que a conversação se mostre altamente inteligente e altamente espiritual; toda a atmosfera será de extrema beleza, muito além de tudo que se possa esperar descrever. A questão está em que para essa gente será um período feliz e alegra sem as banalidades que se associam à celebração num plano inferior. É uma questão de progresso.

É claro que se assiste a imensas congregações de gente deste lado—em especial aquelas que pensavam bastante da forma que pensavam na terra—que fariam o que designarias por celebração Cristã. Celebram serviços religiosos similares em conceito ao que conhecem como serviço religioso no teu lado. Tanto depende no avanço que o indivíduo em questão tenha alcançado. Um estado evoluído de seres que tenham cultivado um pensamento sem restrições e livre, e sem nenhumas perspetivas ou ideias vincadas trazidas da terra, serão capazes de experimentar em pleno as alegrias e encantos desta vida, e criar uma condição que pela sua própria natureza evoque celebração de um tipo muito diferente dos festivais Cristãos.

Uma das primeiras coisas que temos que perceber deste lado é que muito do que nos foi ensinado e aceitamos não é estritamente exato. Isso de forma nenhuma desaprova Cristo e as Suas doutrinas. Aquilo de que precisamos divorciar-nos é das ideias e os rituais feitos pelo homem, e todo os aspetos e adornos que fizeram do Cristo, em larga medida, inaceitável para muitos.

Precisamos lembrar-nos sempre de que Cristo foi, pela sua própria natureza, um ser espiritual, e que embora Ele tenha vivido e operado num mundo material, Ele sempre se esforçou pela realização espiritual. Mas a Igreja ao longo dos séculos elaborou de tal modo este aspeto mitológico (e eu emprego o termo mitológico porque, embora a Igreja sempre tenha alegado pregar um Cristo vivo, na realidade criou um personagem mítico) que o Cristo se acha agora muito afastado da personalidade original que teve. Cristo foi homem tal como qualquer outro ser humano, porém, ele possuía o poder do espírito de tal modo vívido dentro dele que era capaz de se manifestar por todos os modos concebíveis—desconhecidos antes ou depois do Seu tempo.

Mas a Igreja erigiu esta imagem peculiar que, em muitos casos, desencaminhou as pessoas em vez de as atrair para o Cristo. Assim, é claro, o que é óbvio é que em muitas das esferas em que Cristo ainda é bastante mal interpretado e mal-entendido, vocês têm o que designam por festivais Cristãos—festivais religiosos muito semelhantes àqueles que conhecem na terra—com enormes congregações de gente em veneração e a idolatrar, a ajoelhar-se, a orar, a catar etc.

Há muitas denominações religiosas ou grupos—conforme creio que já terei referido—em que as pessoas ainda supõem que o seu é o modo correto e que a conceção particular que fazem do Cristo é a correta. Há muita gente que pela sua própria natureza, e pelo seu pensar, ainda continua a carregar essa atmosfera ao seu redor; e afinal de contas, que coisa será uma atmosfera senão forças do pensamento em operação?

Pelo seu próprio pensamento, as pessoas criam um ambiente em que existem - e se uma pessoa possuir convicções religiosas intensas—não necessariamente Cristãs, porque pode tratar-se de um Budista, ou de um Maometano—ele ver-se-á numa comunidade de gente dessas, em que naturalmente se sentirá mais que confortável; e para ele, é claro, isso será uma forma de paraíso. Essa é a glória, suponho eu, deste mundo, do mundo espiritual de que falamos; a da existência para todo ser humano de um nicho, uma forma de paraíso.

Não resta dúvida que podemos passar todo um período de tempo em que nos sintamos perfeitamente felizes e vivos ainda assim, num certo sentido, numa condição de ilusão. E depois gradualmente, de forma bastante gradual, começamos a pensar com maior profundidade e a questionar. A questão toda gira ao redor do facto de que não pode dar-se nenhum progresso *real* até que o homem comece a questionar e a sondar, até que comece a perguntar se existe a possibilidade da sua fé particular poder estar errada.

Tanto foi acrescentado, conforme tu bem sabes, ao longo dos séculos, à doutrina Cristã; tanto foi acrescentado à figura do Cristo. Estou bastante certo de que Cristo queria ser aceite como homem, só que um homem que seria impulsionado pelo poder do Espírito Santo; um homem que veio para mostrar um caminho, a verdade e a luz, que outros poderiam seguir imitando-O. O

Cristo não veio para ser reverenciado como um deus, nem sequer para criar uma religião no sentido em que a religião foi criada ao redor d'Ele.

Em verdade, foi Ele quem rompeu com a religião ortodoxa; na sua juventude Ele começou a perceber as fragilidades da natureza humana e os defeitos da sua particular fé religiosa em que ele foi criado. Ele percebeu que na realidade Deus falava a Ele e através d'Ele, e que num certo sentido Ele era, numa ligação sagrada com o Divino, e que tinha um trabalho e um objetivo. Também percebeu que esse poder divino não residia no corpo físico ou material, mas na mente e no espírito. É esse poder divino que é, pela sua própria natureza, capaz de superar todas as coisas, que e sobreviverá todas as coisas. Era essa força, esse poder vital, que interessava para Ele, e foi esse poder que Ele usou.

Eu: Como é que aqueles que superaram as ideias e costumes ortodoxos celebram o natal?

Bem, quando tivermos começado a pensar seriamente e começado a ver Cristo à luz real, percebemos que todos os grandes mestres e profetas dispensam a mesma mensagem, que vem por canais diferentes mas fundamentalmente a mesma. Assim, quando o homem cessa de abrigar este conceito tacanho e abre o espírito e todo o seu ser à Verdade, aí ele entra num mundo mais vasto e aceitável. Deixa para trás todas as barreiras religiosas e penetra num mundo onde há festivais que não são necessariamente Cristãos conforme os entendemos, nem necessariamente celebrados por, como na terra, ser época de Natal.

Existe toda a sorte de festivais em que a música desempenha função significativa. Grandes compositores, é claro, compõem trabalhos que são executados por grandes orquestras; grandes cantores criam sons harmoniosos e gloriosos.

É música que fala da evolução do homem; música que fala da própria vida, e de muitas vidas. Por veze são mostradas ilustrações das vidas das pessoas; por vezes uma pessoa que tem desejo de se expressar, cria, pelo seu próprio esforço, que projeta não só música mas um quadro de acontecimentos passados na sua própria vida e evolução. Porque aqui, quando escutamos num grande auditório música grandiosa, também somos capazes de visualizar quadros de

imagens num vasto ecrã natural (esta é a única maneira por que o consigo traduzir) dos grandes acontecimentos que dizem respeito a indivíduos e a grupos de indivíduos, e a grupos de almas. Diferentes encarnações podem ser reveladas. Toda a história, se preferirmos, da vida e esforço humanos é projetada e visualmente e em termos auditivos.

Eu: (Após uma pausa) Que é que vais fazer no Natal?

Espero poder passar algum tempo contigo no Dia de Natal.

Eu: Vou aguardar ansiosamente por isso. Aquela luz brilhante que tanta vez vejo me movimento, parecida com uma estrela, parte de ti?

Podia muito bem ser, mas não posso dizer com certeza. Faço todos os esforços por atrair a atenção e por te dar uma ideia ou impressão da minha presença, mas do modo como isso possa manifestar-se a ti de uma forma física, não estou sempre certo. Mas estou bastante convencido de que tu muita vez pressentes e sentes a minha presença; embora me não possas ver com os olhos físicos, estou certo de que me vês interiormente.

Eu: Vejo, sim. Vais estar com a tua família, querido?

Sem dúvida que nos vamos reunir no que tu chamas de período de Natal, não necessariamente por ser Natal mas porque, suponho, frequentemente desejarmos estar juntos, embora possamos não estar juntos muito. Mas é claro que há este tipo de compreensão que trouxemos da terra da reunião de Natal que as famílias fazem, e em consequência isso tem um certo efeito em nós. Por exemplo, muitas almas deste lado voltam à terra, ainda que só temporariamente, só para ver os amigos e aqueles que amam. É perfeitamente natural que o façam, em particular àqueles que não estão aqui há muito tempo—aqueles que ainda se encontram muito próximo da terra e têm muita consciência do que as pessoas na terra pensam. Em especial no período de Natal, em que normalmente se juntariam, eles gostam de sentir que ainda fazem parte da família; parte do interesse daqueles que deixaram para trás. Há uma grande ligação pelo Natal.

Eu: Se ao menos mais pessoas percebessem isso, haveria de erradicar muito pesar da vida.

Faria uma enorme diferença. Eliminaria esse medo da morte, e esta terrível solidão que tanta gente sente. Claro que estou ciente de que sempre haverá um tipo de solidão física para aqueles que estão separados dos ditos 'mortos', mas quando percebemos ou possuímos esse conhecimento ou perceção interna dessa Verdade, ela transmite um enorme conforto e auxílio. A tragédia no vosso mundo está em que tão poucos compreendem ou têm conhecimento disso. E nesta altura, suponho eu, é pior para aqueles que se sentem desprovidos daqueles aquém amam; se eles pudessem compreender o quão próximo eles estão deles.

Eu: O pobre do Mickey parece um pouco cansado.

O rapaz está sem dúvida cansado; estar constantemente de volta à terra deve ser muito cansativo.

Eu: Que efeito terá em ti o retorno às tuas próprias vibrações após deixares este local?

Felizmente para nós, em breve conseguimos livrar-nos dos efeitos materiais; em pouco tempo perdemos a consciência das coisas materiais. E, afinal, aquilo que nos atrai de volta não é tanto o aspeto material da vida terrena, mas o amor e afeto das pessoas que ainda se encontram na terra. Trazemos connosco da terra não pensamentos terrenos nem coisas terrenas, mas a perceção do amor e do afeto daqueles que ainda se encontram na terra; consequentemente, não se nos torna difícil livrar-nos das condições terrenas.

Os únicos que porventura encontrem dificuldade em se livrar dessas condições são aquelas que pelo seu trabalho e esforço deste lado estão constantemente a regressar; os guias, por exemplo, aquelas almas altamente evoluídas que tanto tempo dedicam no auxílio ao vosso mundo. Apesar de poderem pensar que, por causa da sua natureza e o seu elevado estado de evolução eles facilmente se livrem das coisas materiais, não é propriamente assim; torna-se-lhes difícil por

mergulharem tanto numa tentativa de auxiliar, e quanto mais sensível se tornar a pessoa, mais difícil se tornará livrar-se dessas vibrações.

Mas, para a pessoa comum, que somente aparece ocasionalmente para os ver e constatar como estão a sair-se, e só tem consciência efetiva do amor individual e do afeto da pessoa em questão, não se lhe torna difícil livrar-se das vibrações terrenas.

Eu: Entendo que os guias se retiram por essa altura.

Sim. Eu ia dizer-te que muitos dos guias—aqueles elevados que trabalham junto à terra, e com almas terrenas—no período de Natal se afastam da terra; é uma oportunidade de se recarregarem, poder-se-á dizer, com uma nova vitalidade e poder; logo regressam no ano seguinte revigorados para voltar a trabalhar.

Eu: Como são maravilhosos.

Pois, e tu és orientada e auxiliada não só por mim mas por muitos outros. Só quero que saibas que irei estar em definitivo contigo no Natal, e quero que te sintas feliz. Espero que fiques um pouco a sós, e estarei presente. Voltarei a falar contigo no Ano Novo

Mickey (surge a cantar alegremente o Feliz Aniversário). Adeus.

CAPÍTULO DEZ
NOS TEMPOS DE CRISTO

Mickey: Feliz Ano Novo!

Eu: O mesmo para ti, Mickey.

Mickey: Nós não temos Anos Novos. Isso é uma coisa material. Quero dizer, vocês orientam-se pela lua e as estrelas, e o calendário e tudo isso—mas isso não nos afeta. Seja como for, Desejo-lhe um feliz Ano Novo e muita paz.

Eu: Obrigado. Tiveste um bom descanso durante o Natal?

Mickey: Bem, sim - realmente tive. Decerto que não vim até o vosso lado (Ri divertido) Ah ah! Fiz um bom intervalo.

Eu: Viste os teus pais?

Mickey: Sim—eu vejo-os de vez em quando, mas nós não somos assim tão chegados. Com o devido respeito, eles não progrediram muito, entende. Tentamos ajudá-los mas eles são muito egocêntricos—e não refiro isto indelicadamente. Tudo quanto a minha mãe pensava era em ir aos bares—a bebida e tudo isso. Você não frequenta bares, pois não?

Eu: (A rir) Não, Mickey.

Mickey: Lembre-se, eu não vejo nenhum mal em ir a um bar e em tomar uma bebida; mas alguns ficam por lá a noite toda e embriaga-se, e isso não é bom, nem lhes faz bem nenhum físico, mental nem moral; e com frequência encontram-se com a gente do tipo errado, não é?

Eu: É verdade. A propósito, Mickey, lembras-te de alguma das tuas encarnações passadas?

Mickey: Ah, vagamente. Não me interessa muito. Afinal de contas, está acabado, não é? Passei por isso; experimentei-o; aprendi muito—ou pelo menos espero ter aprendido—e isso representou a sua parte; teve o seu propósito; mas não consigo ver muito sentido em repassar tudo isso. Para mim é o seguir em frente que importa.

Eu: Concordo absolutamente contigo, mas ao mesmo tempo acho que é útil ver o caminho que se percorreu ao longo dos séculos.

Mickey; Você é um caso e tanto! Você mudou muito. Mas você nunca foi tão tacanha quanto algumas pessoas, não é? O seu marido tinha opiniões firmes sobre religião, não tinha?

Eu: Não durante os anos em que o conheci.

Douglas: Olá! O que está o Mickey a dizer sobre mim?

Eu: Que tinhas opiniões firmes e fixas.

Douglas: Acho que eram firmes em certo sentido; mas é verdade que me tornei um pouco mais, digamos, de mente aberta, durante os últimos anos da minha vida. Mesmo assim, ainda me apeguei à fé Cristã.

Eu: Pois, é claro.

Douglas: E penso que a fé Cristã—prefiro chamá-lo de conhecimento Cristão—quando é adequadamente compreendida e aplicada, é uma coisa maravilhosa; é o ideal. Mas agora não tenho uma conceção estreita como tantas pessoas têm. Alterei os meus pontos de vista em alguns aspetos, mas apego-me à verdade fundamental do Cristianismo.

Eu: Descobriste algum novo elo nas tuas encarnações, querido?

Douglas: Descobri. Sempre esteve presente, mas não conseguia recuperar a memória de grande parte disso. Não há dúvida, eu tive uma encarnação na época de Cristo. Naquela época eu era apenas um camponês humilde e comum. Fui uma entre muitas, muitos milhares de pessoas que testemunharam a crucificação. Precisas lembrar, é claro, que a crucificação e muitas outras coisas eram comuns, e não se encarava isso da mesma maneira que se encararia agora. Quando você nasce, se é criado em uma determinada condição de vida, nós aclimatámo-nos e aceitamos muitas coisas como normais e naturais. Mas é terrível pensar nisso agora.

Fui um dos muitos que ficaram intrigados, para dizer o mínimo, com o Cristo. Muitas pessoas se interessaram e ficaram impressionadas até certo ponto, mas nunca se convenceram, nos Seus dias e época, de que Ele fosse Deus. Ninguém aceitou o facto de que Ele era o que afirmava ser ou, mais corretamente, o que outros afirmavam que Ele fosse. Para nós, Jesus era apenas um homem comum, mas muito esclarecido; de certa forma, um homem que não entendíamos. E quando não entendemos uma pessoa tendemos a criar certos preconceitos e receios em relação a ela.

As coisas que Jesus conseguiu realizar fizeram com que algumas pessoas o considerassem um mago. É extraordinário o efeito que ele teve nas pessoas de diferentes maneiras. Eu não era a favor nem contra; pensei que toda a questão da crucificação era terrível no caso d'Ele.

Auto: De que nacionalidade eras?

Douglas: Eu era Judeu, mas apenas um camponês comum. Eu não tinha lugar nem posição. Eu era um homem tão rígido quanto qualquer outro nas minhas crenças religiosas e aceitava tudo sem questionar, como todos nós fizemos mais ou menos.

Jesus era bem diferente do que muitas vezes foi retratado. Eu sei, pelo que me disseram e pelo que me lembro, que Ele era um homem de aparência impressionante, nada parecido com nenhuma das imagens que se vê tão comumente na terra. Ele não era um tipo de pessoa fraca, quase afeminada, mas era realmente muito rude: moreno e bronzeado, e de aparência bastante Judaica.

Ele foi definitivamente, do nosso ponto de vista, um homem de fortes convicções religiosas e uma personalidade forte, poderosa e convincente. Muitos de nós pensávamos que Ele era tanto político quanto religioso e é por isso que acho que alguns Judeus O seguiram. Eles pensavam que Ele iria redimi-los, não no sentido espiritual, mas no sentido físico de libertá-los do jugo Romano.

O povo considerou-O durante algum tempo como um líder e penso que era puramente nesse sentido que os Romanos tinham receio dele. Eles viam-no como um homem que criava muitos distúrbios políticos. Não creio que nem por um momento tenha sido o aspeto religioso que os preocupou; eles não poderiam importar-se menos com isso. Mas as pessoas faziam muito clamor em torno dele e os Romanos pensaram que estariam a criar uma organização política, e poderosa, se permitissem que continuasse, e acho que eles ficaram muito satisfeitos por se livrarem dele.

Eu: Achas que com o tempo poderemos ter uma prova decisiva da reencarnação?

Douglas: É viável, claro, é claro que acho que sempre será algo muito difícil de provar. Por exemplo, alguém pode, por meio de uma comunicação como esta, provar a própria identidade por meio de referências a eventos passados e circunstâncias que digam respeito a si próprio e à sua família. Pode-se provar a sobrevivência de alguém após a chamada morte, mas provar que viveu na Terra há séculos atrás é muito mais difícil.

Eu: Se te ocorrer pensar em alguma maneira de conseguir isso, avisas-me?

Douglas: É possível, mas não sei bem como. Suponho, por exemplo, que se alguém pudesse provar que certos manuscritos que alguém possa ter escrito ainda existam e nunca foram descobertos, e pudesse dar indícios para a sua descoberta—isso seria uma prova, não seria?

Eu: Acho que sim.

Douglas: Mas no meu caso não existe tal coisa. Houve um incêndio muito grande no mosteiro onde eu estava e muitas coisas foram destruídas.

Self: Essa foi uma encarnação muito interessante. (Após uma pausa) Podes falar-me mais sobre ti, o teu lar e o ambiente onde te encontras agora, no mundo espiritual?

Douglas: É muito importante que as pessoas percebam que este nosso mundo é um mundo muito real, não um mundo etéreo nem uma coisa insípida. É um mundo sólido no qual tudo ao nosso redor é sólido e real, e os nossos corpos, para todos os efeitos, são tão sólidos quanto as condições sob as quais vivemos. Não há nada de etéreo no sentido de que sejamos transparentes nem algo parecido.

Não precisamos, como vocês, de ar para respirar; conforme eu disse, os nossos corpos têm uma solidez própria e são tão reais quanto os vossos; e o terreno sobre o qual caminhamos—e nós podemos caminhar—é tão real quanto nós

próprios. Mas, é claro, estamos a referir-nos a um mundo que, pela sua própria natureza, é muito mais evoluído e está muito além do alcance e das condições da Terra. É um ambiente rarefeito, sem os aspetos menos bons ou angustiantes do materialismo. Não temos dores nem sofrimento. É como se pegasses todas as coisas mais belas e encantadoras da vida terrena e lhes acrescentasses outras experiências e aspetos da vida além do teu conhecimento e combinasses os dois em um todo perfeito.

Nós criamos para nós próprios o próprio ambiente em que existimos e os nossos corpos respondem a essa condição de maneira natural e automática. Não creio que alguém possa explicar isso, mas tenta perceber que o pensamento, que é produtivo e criativo aqui, torna possível experimentar e aproveitar a vida em todos os sentidos. É a poderosa força do pensamento que nutre o corpo; é o alimento pelo qual vivemos.

Parecemos muito iguais ao que éramos na Terra. Na verdade, acho que parecemos idênticos, exceto pelo facto de não parecermos velhos; voltamos à juventude. Mas isso mais uma vez é parcialmente algo que brota de dentro de nós. É uma consciência e perceção de si próprio no sentido mais elevado. A beleza reina na medida em que para onde quer que se olhe há beleza. Penso que os únicos lugares onde se encontraria fealdade seriam nos planos inferiores, que têm lugar mais próximo da Terra e são, em grande medida, criados pelas forças de pensamento de almas subdesenvolvidas.

Fundamentalmente, tudo é criado pelo próprio poder do pensamento e pelo desejo de coisas que são necessárias, mas essas coisas não acontecem apenas pelo pensamento. Existem substâncias que são extraídas da matéria ou condição de vida em que vivemos e podemos usar essas substâncias para construção. Temos artesãos e pessoas que são capazes de construir e projetar, e há muitos estilos de edifícios, de acordo com a visão do indivíduo ou ideia que tenha das coisas. É por isso que em algumas esferas encontramos uma arquitetura que é muito típica dos Tudors, enquanto outra terá uma aparência muito Grega. Na verdade, nas esferas de existência mais evoluídas, os edifícios são possivelmente mais do tipo Grego.

Auto: Qual é o estilo arquitetónico da tua casa, querido?

Douglas: Suponho que o designarias chamaria como do tipo Georgiano. É bem pequena. Pareces desapontada.

Eu: Não, de jeito nenhum. Agora fala-me do jardim.

Douglas: Esse é pequeno, mas agradável e tem muitas flores, e há um homem por quem tenho grande consideração, para quem o principal deleite é o jardim, que cuida dele. Mas, mais uma vez, não envolve o mesmo tipo de trabalho complicado que envolveria um jardim na Terra. Não existem estações no mesmo sentido que as entendes. As flores aqui florescem continuamente e temos todos os tipos de flores, muitas que nunca vemos na terra. Mas não deves pensar que lá por não haver trabalho e esforço, como os entendes no sentido material, haja pouco ou nada que fazer. As coisas simplesmente não crescem inteiramente sem esforço. Por outras palavras, é-lhes dedicado um esforço pela mente da pessoa que ama e cuida de um jardim aqui; mas não é um esforço físico.

Há jardins aqui que têm ervas daninhas; essas são causadas pelo ocupante. Por exemplo, um dos sinais seguros de uma alma subdesenvolvida aqui é o facto de que ela poder viver num ambiente que não seja necessariamente desagradável—para ela provavelmente será um lugar tranquilo—contudo, pode ter um jardim cheio de ervas daninhas. Essas ervas daninhas, em certo sentido, são os pensamentos dela que nunca evoluíram nem se desenvolveram de maneira correta.

Como vivermos e como pensarmos, assim seremos e assim criaremos. Muitas flores representam o pensamento do esforço de um indivíduo para ser bonito, mas devido a certa falta de beleza ou defeitos na sua natureza, há uma certa quantidade de ervas daninhas e vegetação rasteira de vários tipos, e muitas coisas que impedem a beleza que poderia existir. Um dos indicadores mais seguras do carácter de uma pessoa é a condição sob a qual ela existe e, se tiver um jardim, o seu estado condicional.

Certa vez, residi num edifício comunitário—um edifício vasto onde havia muitas pessoas, todas a viver numa espécie de estado comunitário muito agradável. Mas agora tenho esta pequena mas agradável réplica de uma casa estilo

Regency ou Georgian. É muito atraente e tenho certeza de que tu haverias de gostar. Na verdade, sei que sim, porque tu estiveste aqui durante o teu estado de sono; infelizmente, porém, não te lembras de nada acerca disso, quando estás acordada.

Auto: Estás perto de uma cidade?

Douglas; Estou, mas acho tudo isto muito confuso porque quando falamos de cidades, pensamos naturalmente em cidades de Inglaterra e de outros lugares. Existem cidades, é claro, que se situam em planos próximos à Terra e, em alguns sentidos, são semelhantes. Mas à medida que se progride, entra-se numa esfera diferente, que criamos e pela qual somos parcialmente responsáveis—embora as outras pessoas que a habitam também tenham desempenhado o seu papel. A questão é que estamos a viver numa comunidade que pode ser, se preferirmos, uma cidade, mas sem muitas das armadilhas da vida urbana como a entendemos.

Por exemplo, não há ónibus. Não há necessidade de transporte; podemos transportar-nos de um lugar para outro por meio do pensamento. Não temos condições climáticas adversas, o clima aqui é permanentemente agradável e, no entanto, não há sol propriamente dito. Há pouca ou nenhuma sombra aqui. Bem, poderás achar muito difícil apreciar um mundo onde não haja sombra; na verdade, algumas pessoas diriam que sem sombra não se pode ter nenhuma beleza real. Mas não há sombra no sentido em que vocês entendem o termo, porque não há sol a nascer e a pôr-se.

Existe uma espécie de condição crepuscular que nos proporciona uma certa mudança, e esse é o período em que, se desejarmos, podemos descansar, e por vezes fazemo-lo. Embora sombras enquanto que tais não existam aqui, isso não significa que tudo seja forte e brilhante; há aqui uma suavidade e uma beleza de luz que é muito agradável. Não temos nenhuma da escuridão nem do peso que vocês sentem, nem temos mudanças de clima e atmosfera como vocês as entendem. No entanto, nunca nos cansamos disto porque é sempre agradável, e sentimos o calor embora não exista calor propriamente dito. É muito difícil explicar como vivemos num mundo que é, em muitos aspetos, tão

completamente diferente do vosso e, no entanto, de acordo com o plano em que viveis, claro, pode ser tão semelhante.

Os planos mais próximos da Terra podem estar, e sem dúvida estão, sujeitos à influência da atmosfera que circunda a Terra. Assim como vocês são influenciados pela atmosfera, nós também podemos ser se estivermos em certas esferas próximas à Terra. Essas esferas têm noite e dia definidos porque estão sujeitas à lua e às estrelas, etc. Elas estão tão próximas da terra que podem até ser comparadas com a terra. Na verdade, em certo sentido, são réplicas da Terra e há todas as nacionalidades que vivem em comunidades em condições muito normais, não muito diferentes das terrestres. Mas quando avançamos e nos tornamos mais evoluídos, mais espiritualizados, então encontrámo-nos num ambiente alterado. Palavras que o retratem ou descrevam tornam-se impossíveis. Vais voltar de novo em breve?

Eu: Espero que sim.

Douglas: Fico muito ansioso por isso.

Eu: eu também, querido. A propósito, tenho-me interrogado se tu terás conhecido algum dos grandes naturalistas no teu lado. Gostavas tanto de história natural.

Douglas: Conheci, sim. Precisas recordar sempre que assim como temos uma vida humana, também temos uma vida natural. Temos pássaros e muitos dos animais que vocês associam à vida no vosso lado.

É claro que certos animais ou certas formas de vida animal já não existem aqui, por serem subdesenvolvidos. Eles deixam de existir, se assim posso dizer. Mas aqui existem animais que estiveram próximos dos humanos e participaram nos esforços humanos.

Cavalos, cães e assim por diante, especialmente quando estão intimamente associados aos humanos e recebem amor e carinho, são animais de estimação por aqui. A maioria das pessoas que conheci que tinham animais de estimação na Terra descobrem que os têm aqui também. Eles não os perdem com a morte;

eles ganham mais, em certo sentido, porque os animais podem comunicar-se com os humanos muito mais facilmente aqui, de uma forma mental. Aprendemos muito com os animais. Fazem parte do esquema da vida e devem ser respeitados e considerados; deve-se sempre ter amor e carinho por eles. Mas não são apenas os animais domesticados que existem aqui de qualquer modo, porque existem muitas formas de vida animal, que à sua própria maneira são bastante desenvolvidas; possuem sentimentos e emoções e enorme compreensão, mesmo quando estão na terra.

Auto: Que animais tens atualmente? Disseste que tinhas vários cachorros.

Douglas: Sim, e vários gatos, papagaios e pássaros de vários tipos.

Eu: Papagaios?

Douglas: Sim, isso surpreende-te? Aqui eles vivem no seu estado natural, e é uma grande alegria porque a plumagem dos pássaros aqui é maravilhosa. É claro que pode ser, e muitas vezes é, na Terra, e eu adoro cores. Este é um mundo cheio de cores—cores magníficas e muitas cores das quais não tens conhecimento. Às vezes preciso esforçar-me por dar uma descrição mais detalhada, mas é extremamente difícil.

Auto: Uma descrição da cor?

Douglas: De tudo...

Eu: Eu gostava muito.

Douglas: E embora possa parecer muito mundano, desejo-te um Feliz Ano Novo. Espero que seja, até certo ponto, um ano de mudança; podes não o desejar particularmente, mas será bom para ti, acho que ainda vais mudar de residência. De qualquer forma, vou te ajudar.

Mickey: Adeus. Feliz Ano Novo tia!

CAPÍTULO ONZE

AMBIENTES ESPIRITUAIS

Mickey (animadamente): E o que posso fazer por si?

Eu: Fala-me um pouco sobre a tua própria situação no mundo espiritual, Mickey.

Mickey: Ah não! Esse é um pedido e tanto! Passo muito tempo com o médium e a ajudar as pessoas do seu lado. É claro que passo algum tempo, tal como você o entende, aqui. Mas até que o médium faça as malas, até que ele termine o trabalho que exerce na terra, tipo, eu fico parado. Eu próprio escolhi o trabalho e estou muito feliz com o trabalho que faço. Mas tenho o meu próprio ambiente no mundo espiritual; estou em um lugar encantador, muito rural, mas de certa forma você poderia chamar-lhe cidade.

Eu: Tem alguma parecença com uma cidade na terra?

Mickey: É totalmente diferente. Aqui elas não têm trânsito e barulho. Esta é uma vida diferente—muito diferente. É tão pacífica e tranquila, tão tranquila; há beleza em todos os lugares. Tempo de sobra, sem pressa e agitação; e sabemos que conseguiremos evoluir e alcançar sem nos preocuparmos muito. É claro que temos que fazer um esforço, caso contrário a vida não teria sentido; tudo exige concentração e esforço, mas há tanto amor e desejo por trás de tudo o que fazemos que é uma alegria viver!

Vivo numa comunidade de pessoas que conseguiram um certo progresso. Temos muitas coisas interessantes, como concertos e teatros e locais onde as pessoas se reúnem e discutem, e se interessam pela comunidade. Não temos parlamentos nem coisas organizadas como vocês; tudo é administrado pela boa vontade. Todos estão automaticamente dispostos a servir com amor nos seus corações; todo o seu desejo é o de fazer o melhor para todos os envolvidos, sem pensar tanto em si próprios. É claro que a pessoa se interessa consigo própria—precisa estar—mas não tem isso em mente; todos servem a comunidade com a melhor ideia e intenção, e percebem que esses são trampolins para experiências maiores.

Auto: Vocês não têm problemas económicos?

Mickey (ri): Não precisamos de dinheiro nem de bancos aqui; aqui trabalhamos por amor e experiência—não pelo que obtemos com isso no sentido material. Tudo aqui deve ser feito com base no desejo espiritual. De qualquer forma, você não quer falar comigo a manhã toda, quer?

Auto: Eu gostaria de ouvir o Douglas também.

Mickey: Ele sabia que você estava a chegar e veio consigo—assim, obviamente, ele está presente e visível para nós.

Douglas: O Mickey poderia contar-te muitas coisas interessantes que provavelmente seriam, não necessariamente diferentes no seu conteúdo, mas de uma abordagem e atitude mental diferentes. Todos te apresentarão a sua própria compreensão e imagem que têm da vida como a conhecem e a veem aqui. Fundamentalmente, é claro, todas essas coisas estão interligadas, mas há muitos aspetos da vida que podem variar de acordo com o indivíduo em questão. Afinal, nem todos os que vêm de um grande continente do seu lado nos darão a mesma imagem; podem vir de uma parte completamente diferente do continente, ou os seus interesses e a sua atitude mental perante a vida podem ser diferentes. Certamente que não deixarás de encontrar diversidade de opiniões, mesmo deste lado.

Eu: Ias procurar dar uma imagem mais detalhada do teu próprio ambiente espiritual. As tuas árvores são como as nossas?

Douglas: São. Do ponto de vista do nosso entorno, temos, tanto quanto se pode dizer, tudo o que é comum à terra, mas não necessariamente apenas de um país. Aqui existem todos os tipos de árvores que normalmente não verias, digamos, na Inglaterra. Existem ambientes naturais familiares a todos os povos quando eles chegam, pelo ninguém se sente excluído. Todos sentem que esta pode ser, e é, uma existência feliz e uma condição de vida para eles; é uma existência familiar também.

Temos todas as várias espécies de cenários, não apenas de árvores e florestas, mas de lagos e rios e do que vocês chamam de regiões montanhosas. Mas no aspeto não é necessariamente idêntico aos da Terra, embora em alguns sentidos pareça assim; temos tudo o que vocês associam à grandeza e beleza cênicas da Terra, mas muito mais do que não poderíamos sequer descrever.

Não cultivamos o solo porque isso não é necessário. Há todo tipo de coisas que são necessárias para nós, e há muitas coisas que fazemos que têm um propósito definido, mas não muitas das coisas que associemos à terra; essas coisas são puramente materiais e não são necessárias aqui. Cultivamos flores na medida em que cuidamos delas e lhes damos o nosso amor e carinho, e as observamos a crescer. Nunca vi uma flor que tenha fenecido aqui, embora flores próximas à terra apareçam sazonalmente porque estão sujeitas às condições terrenas, mas onde eu estou, os arbustos e as árvores floridas parecem estar permanentemente no seu melhor; não há como fenecer.

Eu: O que é que tu fazes nesse ambiente glorioso?

Douglas: Aprecio-o, é claro! E penso que é a nossa afeição e o amor que sentimos pela natureza—pelo que chamamos de natureza—que a mantém sempre florescente e sempre bela. Se uma pessoa tem um belo jardim, é um jardim que ela própria criou cuidadosamente. Não há necessidade de esforço físico, apenas mental e espiritual. Mas conseguimos criar quando os nossos pensamentos são certos, quando nós próprios tornamos isso possível por meio das nossas ações e dos nossos pensamentos, não necessariamente apenas na

terra, mas aqui também. Aqui há sempre crescimento, sempre a possibilidade de novas ideias e novos aspetos da verdade a assimilar.

Tudo o que existe, embora seja criado pelo pensamento, é certamente uma realidade na medida em que apresenta textura, forma, substância. Mas pode muito bem acontecer que quando alguém deixa uma esfera particular, à qual esteve ajustado durante tanto tempo, para avançar para novas vibrações que conquistou ou mereceu, então aquilo que deixou para trás possa deixar de existir. Não sei ao certo se isso é verdade ou não, mas presumo que poderia muito bem ser. Gostamos de pensar que deixamos para trás algo belo para outra pessoa pegar, e isso pode muito bem acontecer, mas não tenho provas de que assim seja.

Nada é aleatório aqui; todos parecem receber justiça e consideração; tudo o que alguém possui, tudo o que faz, tudo em que se torna, deve ser possível graças às próprias realizações e esforços.

Na terra encontramos todo tipo de coisas que parecem tão injustas, e suponho que, em certo sentido, elas são. Mas, por outro lado, muitas vezes temos valores falsos. É verdade que há aqueles que são abençoados materialmente—isto é, no sentido financeiro; e eles podem ter o que pareça à pessoa média o melhor de tudo—uma bela casa, um lindo jardim, oportunidade de se locomover e viajar e liberdade de expressão por estarem em posição de fazer mais ou menos o que desejam. Isso pode parecer uma bênção, mas não o é necessariamente. Por vezes pode ser uma desvantagem e bloquear o caminho do progresso de um indivíduo, em vez de torná-lo mais compreensivo, mais atencioso, mais amável, mais tolerante, mais paciente.

Eu: Tens algum amigo especial?

Douglas: Tenho muitos, muitos amigos. Muitos novos amigos.

Eu: O que é que vocês fazem juntos?

Douglas: Temos interesses pelo que vocês chamariam de passatempos e desportos. Se uma pessoa quiser jogar ténis, ela pode jogar ténis. Se uma pessoa

quiser jogar bilhar, ela pode jogar bilhar. Na verdade, podemos fazer a maioria das coisas que fizemos na Terra em termos de desportos, jogos e interesses, e melhorá-los. E há outros desportos e jogos que praticamos.

Mas como já te disse muitas vezes, a música desempenha um papel muito importante nas nossas vidas e muito pouca gente deixa de sentir interesse pela música. A música fala connosco; é uma linguagem. É um som vibracional que nos confere uma consciência e uma noção de outras esferas. Na verdade, certas almas de outras esferas trazem-nos conhecimento e expressões de forças de pensamento pertencentes às suas próprias vidas através da música. A música é um factor muito importante.

Temos o que vocês chamariam de grandes anfiteatros e ótimos concertos ao ar livre. Repito, tudo aqui tem o seu significado e a sua finalidade. Nada parece ser feito apenas pelo mero prazer enquanto tal. Tudo o que nos acontece, seja em concertos ou conversas, nos desportos ou interesses, tem sempre um propósito e um significado, e algo por trás disso de útil.

Não há desperdício. . . Eu ia usar o termo tempo, mas não acho que isso realmente se aplique. Temos consciência de um tipo de tempo, mas não como vocês o concebem pelo relógio nem pelo movimento do sol, da lua ou das estrelas. Essas coisas não se aplicam. Temos a perceção da mudança, mas não da mudança como vocês a entendem; é uma mudança que está sempre presente, mas é muito sutil; é uma leve consciência do significado de tudo e do propósito que existe por trás de tudo o que pensamos ou fazemos.

Procura perceber acima de tudo que vivemos num mundo natural, um mundo real, um mundo de objetivos; um mundo de felicidade e tranquilidade, e de necessidade cada vez maior de novos empreendimentos e novas experiências que são sempre emocionantes; um mundo em que somos sempre tremendamente ajudados por almas de outras esferas que nos trazem conhecimento através de palestras, se quiseres, embora esse seja um termo pobre.

Muitas vezes recebemos o que vocês chamariam de aulas, mas não é como ir à escola porque é um acontecimento afortunado. Isso é algo que acontece

automática e naturalmente. Podemos ser reunidos numa comunidade e ver, na atmosfera, acontecimentos passados da história. Na verdade, o nosso próprio eu pessoal pode estar envolvido nisso; pode-se ver eventos passados dos quais tenha participado. Todas aquelas são coisas que estão registadas e que podem ser trazidas à consciência pelo esforço e pela ajuda daqueles que são experientes.

Tudo quanto é de consequência que já aconteceu ao homem é registado da maneira mais milagrosa, e podemos aprender com essas experiências e aceder a essas fontes na nossa consciência. Mas essas coisas exigem muito aprendizado; é necessária muita compreensão para alcançá-lo e aprender a fazê-lo. Precisamos de ajuda e recebemos ajuda de almas altamente avançadas.

É claro que quanto mais evoluído alguém se torna, menos necessário terá que recorrer a experiências passadas. Ajusta-se gradualmente à realização da vida em que se encontra; e o passado, que contribuiu de uma forma muito significativa ao longo porventura de séculos, já não tem o mesmo impacto ou atração. Mas se quisermos, ou sentirmos necessário fazê-lo, podemos sintonizar-nos com essas condições.

Eu: Pelo que li, os níveis mais elevados do mundo espiritual deixam-me um pouco alarmada.

Douglas: Não há razão para isso, porque essas coisas chegam até nós de uma forma muito lenta, e a pessoa ajusta-se mental e espiritualmente ao longo de eras do tempo. Pode-se estar milhares de anos num plano — isto é, pela vossa compreensão do tempo. Nada acontece de repente; tudo é um ajuste gradual.

Eu: Ao passarmos de plano em plano, por assim dizer, morremos?

Douglas: Não da mesma forma que alguém morreria na terra. É uma perda de consciência e depois uma tomada de consciência de novas condições e ambientes. Pelo que posso perceber, certamente não é como uma morte física. Talvez em algum momento eu consiga descobrir mais detalhes.

Auto; Sinto que estás na quarta esfera.

Douglas: Pode muito bem ser. Essa coisa de enumerar esferas e chamá-las por nomes pode ser útil para as pessoas na Terra terem uma ideia do nosso mundo, mas na verdade não temos muitos nomes, ou quaisquer lugares como tais. Suponho que só se pode dizer que cada plano é um estado de perceção, um estado de consciência, no qual tudo o que diz respeito a ele é real, e nós somos reais com isso; por outras palavras, é o mundo particular de cada um, a forma particular de existência de cada um. Sabemos que irá mudar gradualmente, e à medida que mudamos, o nosso ambiente e as condições também mudarão; estamos a progredir a todo instante de forma lenta mas segura. Mas o progresso é tão lento que simplesmente não percebemos.

É como na Terra: quando se é muito jovem, não conseguimos imaginar a velhice e, na verdade, enquanto vivemos na Terra, o progresso desde a infância parece muito lento. Embora à medida que se envelheça o tempo pareça passar mais rápido, desta vez as coisas são todas uma ilusão. Mas, é claro, que nos impossível analisar essas coisas nesse sentido por não estarmos sujeitos ao tempo.

Ninguém precisa temer o que ainda está por vir. É algo que se deve esperar e receber de braços abertos e ficar feliz ao perceber que se ficará livre de todas as preocupações materiais e de todas as confusões da terra. Não mais teremos os mesmos problemas que nos afligem. Estaremos num mundo onde haverá todas as oportunidades de progresso e uma condição de felicidade entre as pessoas que nos são chegadas e queridas, bem como outras que serão de grande ajuda e conforto para nós.

Tudo aqui é harmonioso; vivemos num mundo de liberdade de expressão e de pensamento, no qual podemos progredir e encontrar a verdadeira felicidade. Ninguém precisa recear a morte; é, de facto, a porta de entrada para a vida.

CAPÍTULO DOZE

A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO

Mickey: Olá. Tem feito toda a sua escrita?

Eu: Sim, ainda continuo.

Mickey: Suponho que um dia você o publicará, não?

Eu: Postumamente, talvez — como tu disseste certa vez, Mickey.

Mickey (hesitante): Postumamente? O que significa isso?

Eu: Tu próprio usaste o termo.

Mickey: Usei mesmo? Não me lembro de ter usado essa palavra. Devo ter ouvido, lembrado e depois esquecido! Mas como irá você publicar o livro postumamente? (Gargalhadas.) Você vai proceder a algum arranjo nesse caso? Você é engraçado, é sim!

Eu (A rir): Há muita gente aqui hoje?

Mickey: Há, porquê? Você tem alguém especial em mente?

Eu: O Douglas, é claro.

Mickey: Ah, ele sempre vem. Ele está sempre atrás de si, de olho em si para ver o que você está a fazer! Você ainda tem o seu quarto?

Eu: Sim, tenho, sim.

Mickey: Não se muda mais, então?

Auto: De momento não.

Douglas: Olá! Ele está a brincar contigo?

Eu: está. Chegaste no momento certo.

Douglas: O Mickey às vezes faz-se passar por um bocado ignorante, mas está longe de o ser. É realmente uma peça. Acho que ele faz pequenas piadas só para animar as pessoas, pô-las bem-dispostas e aliviar qualquer tensão que possa surgir. Não pensaria que fosse necessário contigo, mas ele continua a fazê-lo de vez em quando. Enfim, sobre o que queres que eu fale?

Eu: Descobriste outra encarnação? Gosto de ouvir falar das tuas vidas terrenas.
Douglas: Pareces dar tanto valor a isso. Suponho que, de certa forma, é muito interessante, mas não é tão importante como pode parecer-te. O facto de termos tido encarnações anteriores e de termos aprendido muito com elas é importante, mas não é tanto no passado que nos devemos concentrar, mas sim no futuro.
Eu: Tenho plena consciência disso, mas não deixa de fazer parte do romantismo da vida, não?

Douglas (divertido): Ah! Agora queres é chegar ao romantismo das coisas!
Eu (a rir): Intriga-me saber que nos encontrámos noutros períodos da História.
Douglas (enfático): Claro que nos encontrámos em várias encarnações: no Antigo Egipto, na Roma Antiga, na Itália da Idade Média e até em França. Já te contei algumas dessas coisas, mas não quero que fiques demasiado preso à reencarnação.

Não estou a sugerir que não tenha o seu lugar e importância. Tem, na vida de cada um; tem de ter. Mas penso que o mais importante, do nosso ponto de vista, é fazer as pessoas tomarem consciência da sobrevivência e da realidade da vida depois da morte. Para mim, o mais importante é que as pessoas tenham essa perceção e o conforto de saberem que a vida continua depois da chamada morte.

O facto de alguém poder voltar à Terra, e já ter voltado no passado, é importante. Como já disse antes, somos o produto das encarnações anteriores. Somos o que somos agora por causa do que já fomos. Passámos por muitos estágios de evolução e adquirimos, até certo ponto, uma grande experiência que era necessária e que só podia ser obtida na Terra. Moldámos assim a nossa personalidade e o nosso carácter.

Mas pode haver uma tendência nas pessoas, quando se interessam por este tema, para se tornarem cada vez mais curiosas acerca do passado; embora possa ser importante, não é tão importante como aquilo que está para vir. Afinal, é no futuro, em avançar em frente em vez de olhar para trás, que queremos progredir.

Eu: Sim, claro. Bem, querido, nas nossas conversas nunca falámos da vida amorosa entre os sexos nas várias frequências da vida espiritual. Recentemente li que, em esferas muito próximas da Terra, homens e mulheres fazem amor como na Terra e até têm filhos espirituais.

Douglas: Não sei de onde tiraste isso. Sinceramente, não tenho conhecimento de que as pessoas que vivem em esferas próximas da Terra tenham uma relação sexual e sejam capazes de trazer filhos ao mundo, como tal. Nada sei disso, nem consigo imaginar. As minhas experiências foram sempre de uma vida que, pela sua própria natureza, é puramente e totalmente espiritual.

Visitei condições de vida próximas das vibrações terrenas, onde há uma conceção muito mais material da vida, e onde as pessoas certamente têm uma vida muito semelhante, em certos aspetos pelo menos, à sua vida material terrena. Mas, no que toca ao ato físico de fazer amor, pelo que sei, isso não acontece; não vejo qualquer sentido nisso. Com isto não quero dizer que as

pessoas não possam amar-se; pode haver uma forma de reação física aparente e amor — mas, mais uma vez, penso que toda esta atitude mental depende muito de cada indivíduo.

Quando uma pessoa passa do vosso mundo para este, é muito raro que não se aperceba da mudança. Tudo à sua volta, e as pessoas que encontra, são diferentes, na medida em que os seus pensamentos são vitalmente diferentes e, como consequência, as suas reações, ações e as condições que criam são tais que seria muito difícil para alguém assumir que o amor físico como é na Terra poderia existir ou sequer ser desejado. Afinal, as relações entre as pessoas são muito mais profundas. Uma relação verdadeira, quando está no seu nível mais elevado, é algo que é puramente e unicamente da mente e do espírito.

O aspeto físico do amor é uma coisa material e física que se aplica a um nível material e físico, como na Terra, e não consigo concebê-lo como necessário ou particularmente desejado aqui. Pessoalmente, nunca o experimentei, nem tenho desejo disso.

O amor verdadeiro, tal como o entendemos, é algo de tão tremendamente poderoso! Vem do mais íntimo da alma. É, se quiseres, um casamento de mente e espírito entre duas pessoas aqui, e tudo nele é extraordinariamente emocionante, extraordinariamente forte; mas não tem uma reação física no sentido em que a tem na Terra. O aspeto terreno do casamento tem, claro, o seu lugar na Terra. É de importância vital, mas é apenas uma parte minúscula da realidade do amor.

A realidade do amor é verdadeiramente aquela em que duas pessoas estão tão entrelaçadas, tão unidas em mente e espírito, que à medida que sobem nas esferas se torna algo muito distante da ideia físico-material; não penso que haja comparação possível entre as duas coisas. Há almas na Terra que têm este amor espiritual profundo, e podem também ter um amor físico se isso lhes for necessário, mas penso que, à medida que envelheces e que progrides espiritualmente na Terra — isto se progrides espiritualmente de todo — as tuas emoções e reações em relação a uma pessoa estão num nível completamente diferente; és uno em mente e espírito e o interesse físico já não é o mesmo. És elevado aos píncaros pelo amor.

Eu: As afinidades espirituais acabam por se tornar um único espírito?

Douglas: Fala-se muita asneira sobre essa ideia das almas gémeas. Penso que cada pessoa, por ser um indivíduo, tem um espírito ou alma individual. É algo que desenvolveu ao longo de séculos, não só na Terra mas também aqui, naturalmente. Mas à medida que ascende a vibrações de pensamento mais elevadas e se torna mais evoluído, pode envolver-se, se quiseres, com outra alma de tipo semelhante.

Quando duas pessoas que na Terra são perfeitamente compatíveis em todos os sentidos vêm para aqui, estarão juntas. Mas isso não significa que se fundam e se tornem uma só, no sentido em que alguns supõem. Continuam a ser espíritos individuais; continuam a ter a sua própria visão, pensamentos e ideias. Embora possam ter grande semelhança entre si, não perdem a identidade; podem ser, de certa forma, como duas metades que se unem formando um todo perfeito, mas isso num sentido mais amplo, não no sentido de perder a individualidade e a personalidade ou a sua forma espiritual.

É como o mesmo vinho, mas em garrafas diferentes — sei que isto soa tolo, mas é a única forma que me ocorre de o descrever neste momento. Ambos atingiram um certo ponto de evolução e desenvolvimento, e ambos se espiritualizaram num grau elevado, mas mantêm a sua própria forma e essência. Se aceitássemos a teoria que alguns têm sobre essa união de almas em que nos tornamos tão harmoniosos que perdemos a forma, então tornar-nos-íamos algo como o ar que todos têm de respirar para viver na Terra, por exemplo. Se perdêssemos a nossa individualidade, deixaríamos de existir.

Eu: O que é o "Eu Superior"?

Douglas: Esta é uma daquelas perguntas que é extremamente difícil de responder; é muito difícil dar uma visão clara de muitas coisas que se aplicam a nós e que não têm equivalente semelhante na Terra. Gostava de saber como responder, acho que tenho de tentar, mas será apenas uma imagem muito vaga.

Quando estamos na Terra, temos de tentar perceber que somos o que somos por causa da forma como somos e como pensamos. Crescemos e expandimo-nos em conhecimento e experiência ao longo do tempo, através de vários graus e condições de vida de acordo com a nossa evolução. Não devemos esperar tornar-nos seres espiritualizados de repente só porque deixámos de existir num mundo físico e entrámos naquilo a que se chama, de forma vaga, um mundo espiritual.

Digo "de forma vaga" porque tantas pessoas assumem que este nosso mundo é um só mundo, quando na verdade, imagino eu, há milhões de fases diferentes de existência e diferentes condições e ambientes. E embora todos sejam, num certo sentido, parte do nosso mundo, estão em estratos tão diferentes que alguém pode estar num estrato e nada saber sobre outros estratos de existência; ou talvez apenas sobre um número muito reduzido deles.

A vastidão da vida é tal que se poderia dizer que é como uma escada que se sobe degrau a degrau, e que não tem fim. Não se pode perceber, estando na base, o que se encontra nas nuvens lá no topo. É como se estivesses a subir uma escada num enorme arranha-céus e, à medida que passas por diferentes andares, vislumbras, por assim dizer, os habitantes de cada piso. Durante algum tempo, naturalmente, tens de habitar esses diferentes andares, ficas a conhecer as pessoas, começas a pensar como elas pensam e a experienciar como elas experienciam. Sobe-se gradualmente; não há nenhum elevador rápido que te leve do rés-do-chão até ao topo!

Tantas pessoas assumem que, quando morrem, serão imediatamente transportadas para algum estado celestial onde tudo será perfeito, onde se tornarão perfeitas, e onde tudo será governado por algum Ser Supremo, presumivelmente a partir de um palácio magnífico. A ideia que o homem tem da eternidade, a sua ideia de céu, é tal que, muitas vezes, ele guarda esta noção muito materialista, que, claro, vem dos séculos mais antigos e, particularmente, da Idade Média. Foi feito um tremendo mal ao Cristianismo na Idade Média, mal esse que ainda hoje perdura. Foram acrescentadas coisas estranhas por pessoas cujo único intuito, parece-me, era manter o poder.

Naturalmente, havia muitas almas genuinamente sinceras, mas muitas delas construíram esta conceção estranha de Cristo, esta conceção estranha de Deus e do céu. Tantas coisas foram trazidas à existência que, na verdade, não resistem a qualquer análise.

É preciso perceber que toda a vida, pela sua própria natureza, tem de ser progressiva; tem de avançar de fase em fase. Uma vez dada a vida, ela tem de continuar. Após a chamada morte, o corpo físico desintegra-se e deixa de existir, mas o indivíduo, o carácter, a personalidade que se conhecia e amava, a pessoa real que é da mente e do espírito, continua. Evolui, desenvolve-se, e torna-se cada vez mais preenchida pelo Espírito Santo.

Este Espírito Santo é a essência da vida; é a força que dá vida. É algo que é indestrutível e, por ser indestrutível, por ser eterno na sua própria conceção, tem de dar vida, e tornar possível que a vida evolua para todos os tipos e condições de existência muito para além dos limites da Terra, muito, de facto, para além do que o homem pode imaginar.

De certo modo, sou irreconhecível para ti, porque não me vês nem me ouves falar, exceto quando vens aqui: normalmente, não tens ainda a visão do espírito. Isso não significa que te falte espiritualidade, mas sim que ainda não consegues ultrapassar suficientemente as dificuldades físicas do corpo e da vida material para conseguires elevar-te acima desses limites, ver com os olhos do espírito e ouvir com os ouvidos do espírito.

São Paulo, claro, sabia tudo isto, e se as suas instruções à Igreja tivessem sido seguidas desde os primeiros tempos até ao presente, penso que o Cristianismo teria progredido muito mais e teria ganho muito mais força do ponto de vista da realização espiritual das coisas. Todos os clérigos e os mestres da Igreja teriam desenvolvido as suas faculdades e poderes espirituais; seriam capazes de fazer as coisas que Paulo, Cristo e todos os outros grandes mestres exigiram e desejaram.

Seriam capazes de demonstrar os dons do espírito — o dom das línguas, o dom de curar, o dom de profetizar, e por aí fora. Todas estas coisas fazem parte do espírito do homem que habita um corpo físico enquanto está na Terra, e ele deveria ser capaz de ver, ouvir e fazer estas coisas. São dons naturais. Tal como

o homem pode desenvolver na Terra certas faculdades como artista ou músico, assim também deveria estar em posição de desenvolver as suas faculdades espirituais; e, sem dúvida, a Igreja deveria ensinar e comprovar estas verdades pela demonstração dos dons do espírito.

Cristo veio ao mundo para dar ao homem a consciência do poder de Deus e para demonstrar os poderes do Espírito Santo; e disse aos Seus discípulos: «Vai tu e faz o mesmo», e assim deveria a Igreja propagar tudo isto. Não serve de nada um pároco levantar-se no púlpito e falar sobre o que leu ou estudou; isso não serve de nada.

Deveria mostrar o poder do Espírito Santo. É disso que a Igreja precisa e é isso que lhe tem faltado durante séculos. É aí que reside a salvação da Igreja: na perceção de que dentro do homem está o poder de superar e de demonstrar o poder espiritual de faculdades adormecidas dentro dele que deveriam, particularmente na Igreja, ter sido desenvolvidas. Esse é o grande falhanço da Igreja. Fala e fala, e não demonstra nada. Enquanto não demonstrar o poder do Espírito Santo, não pode esperar progredir.

CAPÍTULO TREZE
O VALOR DO SERVIÇO

Mickey: Olá, tia Conacher! Queres falar com o teu marido?

Eu: Sim, por favor, Mickey, se ele estiver aqui.

Mickey: Ele está aqui. Sabia que vinhas.

Douglas (intervindo rapidamente na conversa): Teria de ser algo completamente fora do meu controlo para eu não vir. Adoro vir falar contigo e anseio por isso. Ficar-me-ia desesperadamente triste se não pudesse. Afinal, és realmente o único elo que tenho, e, francamente, sentiria muita falta destas conversas juntos. Sinto que quero fazer tanto deste lado para ajudar o mundo, se estiver ao meu alcance. Quanto mais vejo do vosso mundo, mais angustiado fico, como de resto todos nós, porque as condições são tão terríveis e não melhoram. Pioram, não achas?

Eu: Sim, de certa forma — pelo que posso perceber.

Douglas: Minha nossa! Para onde quer que olhes, há conflitos e tumultos; as pessoas parecem ter esta terrível apatia em relação à vida e às coisas que realmente importam. Não há estabilidade, nem compreensão, nem fraternidade.

Eu: Bem, querido, disseste que tentarias pensar num título e fazer um prefácio para este nosso pequeno esforço.

Douglas: Um bom título e uma boa capa são os dois factores mais importantes. Alguns dos piores livros alguma vez escritos foram vendidos por causa de um bom título e uma boa capa.

Eu: A sério?

Douglas: É mesmo verdade. Quando estão expostos nas prateleiras, uma capa atraente e um título engenhoso serão um dos factores mais importantes para vender um livro. Podes ter ali uma dúzia de livros muito mais interessantes, muito melhor escritos, muito melhores em tudo — mas o título e a capa são o que vende.

Eu: Bem, talvez penses num título adequado. Agora diz-me algumas das coisas que mais te encantaram desde que entraste no mundo espiritual — há quase nove anos.

Douglas: Voltar para falar contigo. Ouvistes o que eu disse? Voltar para falar contigo é uma das coisas mais importantes.

Eu: A sério? Fico tão contente.

Douglas: Estás a pensar que estou um pouco trocista esta manhã. Isto deve soar-te estranho, mas apesar de toda a intensidade que sinto em promover esta verdade e trazê-la à luz para que as pessoas tenham alguma compreensão das realidades, há momentos, quando me aproximo da Terra, em que me sinto um

pouco brincalhão. Sei bem demais as complicações e as dificuldades da vida material — mas há vezes em que volto para ti e quero pregar-te umas partidas.

Eu: Ah, queres? Talvez eu leve as coisas demasiado a sério.

Douglas: Sim. Às vezes quero animar-te, alegrar-te um pouco e mostrar-te que também tenho sentido de humor. Uma das coisas que as pessoas não percebem é o facto de o sentido de humor aqui ser tão importante como aí desse lado. O nosso mundo é um mundo muito real, fundamentalmente verdadeiro. É um mundo em que temos muitos dos melhores aspetos da vida que conheces. E, claro, temos humor, temos riso, temos alegria! Não é necessariamente uma alegria hipócrita. Nem é uma alegria no sentido religioso, não no sentido ortodoxo, ainda bem. Uma das maiores coisas que me aconteceu foi a forma como mudei de perspetiva — em relação à vida, às pessoas e, particularmente, à religião ortodoxa. Quase encolhes quando começo a falar de religião. Eu sinto-o.

Eu: Desculpa, querido, mas já tivemos bastante, e algumas das tuas opiniões acabam por travar as coisas.

Douglas: Sim, e isso preocupa-te. Achas que isso é o maior obstáculo?

Eu: Acho que sim.

Douglas: Isso é algo que sinto. Seja lá o que mais esteja errado no vosso mundo — e há tanto que está — penso que os jovens são mais abertos, mais francos e mais tolerantes. Penso que há mais possibilidades nos jovens dos próximos anos do que alguma vez houve na nossa geração. Não têm estas visões estreitas. Não estão tão presos como nós estávamos. São muito mais diretos.

Douglas: Eu sei que há muitos aspetos nos jovens que preocupam uma pessoa, mas penso que eles têm muito mais probabilidade de ler e levar a sério um livro como o nosso do que as pessoas mais velhas. Vês, tens de ceder, até certo ponto, às pessoas mais velhas, que são preconceituosas e têm opiniões fortes e limitadas. O que precisas é de um editor jovem — uma mente ativa — não alguém que esteja enclausurado e cercado, como tantos estão, por velhas ideias e velhos pensamentos.

Às vezes, infelizmente, é preciso atacar. Talvez não se goste disso, mas às vezes, para se conseguir alguma coisa, é preciso primeiro deitar abaixo para depois poder reconstruir. O alicerce é sólido o suficiente — Jesus, a realidade de Jesus, a realidade dos Seus ensinamentos, da Sua filosofia, do Seu modo de vida. Tudo isso é real. É um fundamento sólido, mas são todas as outras coisas que foram acrescentadas ao longo dos séculos que obscureceram a verdade e tornaram tudo mais difícil de compreender.

Eu (depois de uma pausa): las-me falar de coisas que te encantam no teu mundo.

Douglas: A liberdade de pensar, de vir a ser e de existir; a consciência de que o amor transcende tudo; que o amor torna tudo possível; que vivemos juntos como um só em espírito e em verdade, como verdadeiros irmãos. Há um grande sentimento, entre todos aqueles que conheci aqui, de vontade de servir no mais alto sentido.
Há alegria, uma realidade viva, na vida aqui. Cada momento, se posso usar o termo, é importante e vital.

Há tanto para experienciar de tantas formas diferentes e de tantas maneiras distintas; vemos nos outros muito do que é bom, e procuramos o bem em todos. E onde há defeitos — como tem de haver, porque nenhum mundo é perfeito e nenhum ser humano é perfeito — esforçamo-nos por ajudar uns aos outros. Almas de esferas mais elevadas, quando descem às esferas onde podemos habitar, vêm com tal amor e compreensão perfeita, tal desejo de ser útil. Tudo aqui parece estar em harmonia. A harmonia prevalece.

Apesar das diferenças, como tem de haver entre tantas pessoas — diferenças de temperamento, carácter, visão, experiência, conhecimento (ou falta dele) — ainda assim encontras esta unidade perfeita; este desejo de se esforçar sempre para subir para alturas maiores e uma maior realização do que isso implica, mas nunca avançando sem pensar nos menos afortunados. Esforçamo-nos por ajudá-los e, até, se quiseres, por vezes atrasando temporariamente o nosso próprio progresso. Essa é a alegria do serviço.

Penso que a história do «Bom Samaritano» é um bom exemplo. É uma história perfeita. Para mim, é a nossa história, e a da nossa vida aqui. Este esforço constante para alcançar a perfeição, este avançar contínuo no caminho da progressão eterna, e, no entanto, estar sempre consciente daqueles que caminham ao nosso lado; daqueles que talvez pareçam hesitantes e vacilantes; daqueles que param temporariamente à beira do caminho; ou daqueles que perderam a coragem.

Onde quer que estejamos — e há muitas esferas e muitas condições de vida — todos nos entrelaçamos uns com os outros, individual e coletivamente. Aqui parece haver tal união e harmonia perfeitas, e o desejo absoluto de dar. É como se se desse tanto e, ainda assim, nunca se tivesse consciência de estar a dar, como se fosse algo automático, num fluxo natural. Isto é difícil de pôr em palavras. A alegria e a beleza da vida aqui devem-se ao facto de estarmos todos juntos e, mesmo assim, continuarmos separados.

Eu: Por vezes deves encontrar pessoas que na Terra eram figuras conhecidas.

Douglas: Sim, claro, muitas almas — algumas que foram famosas na Terra e algumas até que foram infames. Mas visitamos até aqueles que menos progrediram e que estão em esferas muito escuras, escuras por causa do estado dos seus pensamentos e ações, não só na Terra mas também aqui. As pessoas não se tornam subitamente evoluídas, não se tornam subitamente anjos.

Há muitas almas que vivem num mundo muito sombrio criado por elas próprias. Visitamos estas esferas para encorajar e ajudar, se pudermos. Às vezes, é verdade, somos repelidos. Às vezes fazemos pouco ou nenhum progresso — tal como, quando voltamos à Terra, sentimos que, por vezes, fizemos pouco ou nenhum progresso. Mas para aqueles que mais precisam, há sempre almas que tentarão alcançá-los e ajudá-los. Mesmo para aqueles que caíram muito baixo, há redenção, há possibilidade de saírem das trevas para a luz. Nenhuma alma se perde. Há esperança para todos.

Vemos a vida, em certos sentidos, de forma muito diferente de vocês. Vemos como o ambiente, em particular, desempenha um papel tão importante na evolução. Percebemos que as pessoas são produto do seu tempo e época, da

sua sociedade e da condição em que nasceram. Muitos são vítimas da sua falta de educação ou, por vezes, são até vítimas da sua educação; na verdade, poderia dizer-se que aqueles que são menos sofisticados ou menos instruídos estão, de certa forma, mais próximos do plano divino do que aqueles que são «altamente evoluídos materialmente» do ponto de vista da educação e da sofisticação. Tantas coisas interferem no desenvolvimento de uma pessoa, particularmente no vosso mundo.

Eu: Concordarias que algumas das nossas tristezas e frustrações vêm do Karma?
Douglas: Sim, num certo sentido isso é verdade, mas há muita conversa solta sobre este assunto do Karma. Depende do que realmente se quer dizer e entender com isso. Não gostaria de sugerir, como algumas pessoas parecem fazê-lo, que certas coisas são predestinadas ou planeadas para uma pessoa. Se assim fosse, seria muito injusto, parece-me. Não penso, por exemplo, que algum poder divino chamado Deus decrete que certa alma deva ser criada em certas condições e cometer certos crimes horríveis, etc., por causa dessas circunstâncias ou por falta de desenvolvimento.

Não acho que fosse correto considerar que os males são predestinados. Acho que são coisas que têm de surgir, que surgem e que têm surgido ao longo da história do homem, provocadas pelos seus próprios pensamentos e ações. Não acredito de todo que tudo o que é mau seja planeado ou organizado, e que uma certa alma tenha de fazer certas coisas. Não penso que a vida de nenhum ser humano seja ordenada ou planeada ao pormenor.

Penso que é verdade dizer que, em alguns casos — particularmente em encarnações de quem renasce — as pessoas escolhem entrar num certo conjunto de condições ou nascer em certas famílias, para um propósito específico. Não só pelo desafio, mas também porque isso lhes dará uma oportunidade de viver de determinada forma e de contactar indivíduos ou povos que mais podem ajudar.

Faz-se muita suposição em relação ao Karma — que as coisas são predestinadas, e por aí fora. Se fosse assim, então parece-me que a vida não teria grande sentido. Se tudo estivesse planeado e organizado e, até certo

ponto, o livre-arbítrio fosse restringido, então seríamos meros fantoches. Eu não concordo com isso.

Eu (depois de uma pausa): Tens visto a Mãe ultimamente?

Douglas: Tenho visto a tua mãe, a minha mãe e outros membros das famílias, e muitos amigos. Deve soar muito banal para algumas pessoas quando ouvem estas gravações ou quando este tema é discutido, quando perguntam: «Então, estão felizes?» e nós dizemos: "Oh, sim, estamos muito felizes." Claro que devemos lembrar-nos de que, embora o que dizemos seja perfeitamente verdade, nunca se pode estar totalmente feliz se se tem consciência das necessidades e dos sofrimentos dos outros, muitas vezes sofrimentos desnecessários que as próprias pessoas provocam. Por outras palavras, estamos felizes, mas não egoisticamente felizes, se me entendes. É difícil explicar isto.

Eu: Suponho que tens períodos de felicidade plena?

Douglas: Sim. Seria verdade dizer que, quando vivemos no nosso próprio ambiente aqui, estamos felizes. Mas quando estamos conscientes, como devemos estar se quisermos progredir, das grandes necessidades da humanidade — não necessariamente apenas no vosso mundo, mas também nas esferas mais baixas do nosso lado, onde as pessoas são certamente muito pouco desenvolvidas, para dizer o mínimo — então, claro, não podemos estar totalmente felizes na nossa própria felicidade.

Como se pode estar feliz quando se percebe a necessidade dos outros, quando se sente a tristeza dos outros, quando se sente a angústia mental dos outros? Temos felicidade, mas não a deves interpretar mal, como alguns podem fazer, pensando que somos divinamente felizes. Somos felizes, mas nunca deixamos de pensar nos outros e nas suas necessidades. E, claro, isso deve, em certa medida, diminuir a nossa felicidade. Mas não deixamos que isso nos afete exatamente no mesmo sentido em que vocês entendem este termo.

Estamos felizes, mas somos mais felizes quando estamos a servir, quando estamos a ajudar, quando estamos a dar, quando estamos a amar. Esta é a vida; esta é a forma de existência que conhecemos. Há muito que nos aconteceu para

sermos como somos. Na verdade, penso que somos felizes quando estamos infelizes — mas isso soa estranho.

Quanto ao título do livro, não deixes que isso te preocupe. Ele virá, e há tempo de sobra. Sabe sempre que estou por detrás de tudo o que fazes e que estou aí. Embora, por vezes, possas sentir-te frustrada, e sintas que não estás a avançar como deverias, sabe que estou a tentar desesperadamente ajudar, e que tenho uma fé tremenda de que alcançaremos o que nos propusemos fazer. Basta ter paciência.

CAPÍTULO CATORZE
CRIATIVIDADE DO ESPÍRITO

As condições pareciam ter sido difíceis nesta ocasião. Passaram cerca de dez minutos antes de ouvir a voz do Mickey e a sua conversa inicial foi de um tom muito pessoal. O Sr. Flint e eu ficámos aliviados por ouvir a voz do meu marido.

Douglas: "Olá! Estás a ser interrogada?"

Eu: "Sim, bastante, querido."

Douglas: "Estive a ouvir a conversa do Mickey e fiquei um bocado com calor e frio por dentro da minha gola psíquica! Isto se alguém usasse gola e gravata; felizmente não é preciso. Aqui podemos vestir-nos de acordo com o nosso estado de espírito, de acordo com o que sentimos, e como a vasta maioria de nós há muito perdeu o interesse por roupas como gravatas e fatos e por aí fora, a indumentária geral é mais parecida com uma toga romana ou vestes gregas!"

Eu: "Deves ficar bem numa veste, querido."

Douglas: "Bem, para começar, pareço pelo menos quarenta anos mais novo do que quando me conheceste. Não sou um homem velho, sabes? E continuo interessado em livros. Temos aqui bibliotecas magníficas. Tudo o que foi escrito que vale a pena ler e guardar, grandes clássicos e obras novas, pode ser lido aqui. Embora seja possível aqui comunicar inteiramente pelo poder do pensamento, mesmo assim comunicamos verbalmente quando sentimos necessidade.

Muita gente aqui, que na Terra talvez tenha tido pouca ou nenhuma oportunidade de ler, ou que não sabia ler, tem acesso a todas as grandes obras de todos os grandes autores. Mesmo aqueles que escreveram na Terra e que ainda têm vontade de escrever, podem fazê-lo.

Aqui é possível não só ler um livro mas vê-lo, por assim dizer, numa espécie de visão, quase como se estivesses a entrar na realidade dele. Na Terra, de certo modo, podes fazer isso – a tua imaginação preenche as lacunas e és capaz de criar a tua ideia da personagem e por aí fora, dependendo, claro, de quão bem o autor escreveu. Mas aqui consegue-se isso de forma mais vívida; aqui é possível alcançar de forma extraordinária e visualizar tanto do que o livro transmite. Gostava de conseguir explicar o que quero dizer.

As pessoas não devem pensar que aqui tudo é nebuloso ou uma espécie de coisa bíblica. Sei que talvez não seja a forma certa de dizer isto, mas há muitas pessoas que vêm para cá com ideias estranhas – se é que têm alguma – do que esta vida será, e uma grande parte fica, claro, desiludida, especialmente aqueles que têm convicções religiosas muito fortes e imaginam uma espécie de céu bíblico. Não tem nada a ver com isso; é precisamente o oposto, na verdade.

Esta vida é uma vida tão real, na qual podemos e conseguimos realizar toda a espécie de coisas, e ninguém deve temer a morte; como já disse tantas vezes, é como adormecer num mundo e acordar noutro mais magnífico e mais belo, com maiores oportunidades em todos os sentidos. Muita gente que na Terra teve uma vida difícil e dura, na qual teve de manter o nariz no chão de tanto trabalhar e não pôde desenvolver nenhum dos seus talentos naturais latentes, pode fazê-lo deste lado.

Muita gente aqui estuda arte, estuda música, e contribui para o bem-estar dos outros dando de si mesma. Assim, muitos grandes artistas e músicos ensinam e ajudam aqueles que estão interessados. É muito importante que as pessoas percebam que este é um mundo que, pela sua própria natureza, é criativo e no qual temos toda a oportunidade de ser criativos.

Aqui podemos fazer muitas coisas que nos foram negadas na Terra. Os obstáculos, se é que existem, estão dentro de nós. Claro que há pessoas teimosas que chegam aqui com ideias firmes e fixas, que esperam certos padrões ou certos aspetos da vida que insistem em manter e, em consequência, criam a sua própria comunidade. Existem muitas comunidades de pessoas que vivem num paraíso de tolos. É uma condição que elas próprias criaram e, até que se consiga chegar até elas ou que façam por si mesmas um esforço para sair dessa estupidez, não há muito que se possa fazer.

Há grandes comunidades de pessoas que vivem num mundo religioso muito estreito criado por elas mesmas. É aí que entra o grande problema da religião, e não me refiro apenas ao Cristianismo, mas a outras organizações e grupos religiosos. Gostava tanto de ter sabido tudo isto mais cedo: teria feito uma diferença enorme na minha vida, não só na Terra, mas também aqui. Quando cá cheguei pela primeira vez, foi um pouco difícil para mim aceitar, mas agora, claro, vejo tudo claramente e estou muito ansioso por derrubar todas as barreiras de ambos os lados, se puder.

O maior obstáculo ao verdadeiro progresso é ter uma mente fechada ou ter uma visão estreita, seja em sentido religioso ou qualquer outro. A mente de uma pessoa tem de ser fluida, aberta e pronta a receber novos ensinamentos, novas ideias, mesmo que muitos deles venham a ser descartados ou não aceites. A coisa mais vital, quase, na vida humana é que a pessoa tenha uma mente aberta e saiba ouvir e, se necessário, receber. Nada é pior do que uma opinião fixa, forte, de que a tua opinião é a certa e a de toda a gente está errada. Não há nada que eu agora deteste mais do que uma mente fechada; sinto isso muito intensamente, como deves imaginar. Receio que muitos dos meus velhos amigos e conhecidos fiquem chocados por me ouvirem dizer algumas destas coisas. Quando olho para esses tempos, penso para comigo como éramos estúpidos;

aparecia um livro com uma ideia nova que não se enquadrava na corrente principal e era logo deitado fora – tal como o teu livro é!

Eu (a rir): "Ainda estás a publicar?"

Douglas: "Não, não nesse sentido. Não há lado comercial ou financeiro, mas há pessoas que adoram encadernar livros, por exemplo, gostam de usar materiais, de manipular e criar. Não deves pensar que o nosso mundo é um mundo onde basta pensar num livro e ele aparece. Tudo tem de ser trazido à existência. Este é um mundo real. Usam-se substâncias reais, e de toda a espécie. Mas a natureza aqui, que em muitos aspetos é como a natureza na Terra, só que muito mais vasta e magnífica, dá-se de boa vontade. É difícil saber como explicar isto sem dar a impressão errada. Não quero que penses que andamos por aí a derrubar árvores e coisas assim, mas há substâncias que podemos usar, e são usadas, e há instrumentos científicos para criar e expressar muitas coisas para as quais não encontro palavras.

Tudo aqui é feito para o bem da humanidade e para o bem da comunidade. Tudo aqui é criado com alegria, com beleza e com encanto. Nada aqui é usado com um motivo oculto. Não existe o mal como tal. Existem planos, ou esferas, ou países, chama-lhes o que quiseres, onde vivem pessoas que habitam em estratos de existência menos desenvolvidos, onde vivem, de certo modo, mais próximos da Terra. Aqui há pensamentos mais baixos, mas são condições.

Temos de abandonar esta velha ideia de céu e inferno e enfrentar o facto de que existem muitos estágios de evolução, muitas condições de vida de acordo com o desenvolvimento ou falta dele do indivíduo. Essa é a alegria e a beleza disto. É isso que faz sentido. Quando estás na Terra não consegues compreender o significado da vida eterna, simplesmente não encaixa. Mas quando percebes que há muitas fases de existência, e que o indivíduo evolui de um estado de ser para outro de acordo com o seu progresso, então a eternidade parece uma realidade plausível."

Eu: "Qual é a tua conceção de Deus?"

Douglas: "Deus é uma força, um poder vital, vivo, dinâmico, que está dentro de

cada alma humana. Na verdade, pode dizer-se que é o próprio sopro da vida. Temos de abandonar esta ideia de um Deus criado pelo homem, esta figura. É um termo."

Eu: "Qual é a nossa relação com Deus?"

Douglas: "A nossa relação com Deus, certamente, é o facto de sermos parte de Deus, de sermos a própria essência de Deus. Somos todos parte do mesmo espírito. É isso que nos anima e nos cria; é a vida. Ai, será que alguma vez encontrarei palavras para te explicar estas coisas! É tão difícil encontrar palavras para expressar algo que é puramente de natureza mental e espiritual. Por vezes há nuances que, em certa medida, conseguem retratar o que queremos dizer. Mas não te posso falar de muitos aspetos da nossa vida porque não saberia por onde começar; é demasiado sensível, demasiado delicado, demasiado complexo.

Esta comunicação significa tanto para mim e estou tão ansioso por que as pessoas leiam a verdade e percebam a realidade desta vida e quão maravilhosa ela é. É indescritível. Só posso dizer que a vida aqui é uma grande alegria. Ainda hoje sinto uma imensa maravilha em tudo isto."

CAPÍTULO QUINZE
CONTROLO DAS FORÇAS DO PENSAMENTO

Mickey disse: "É bom ver-te! Suponho que vieste falar com o teu marido?"

Eu: "Sim, por favor, Mickey."

Mickey continuou: "Ele era um caso, não era?"

Eu: "Parece que vocês os dois se dão sempre muito bem."

Mickey: "Oh sim, gosto dele. Tem um sentido de humor seco, e certamente mudou de tom. Teve de o fazer. As pessoas mudam. Ele agora percebe muitas coisas que antes não entendia, e acho que adoraria que toda a gente soubesse esta verdade."

Douglas apareceu e disse: "Olá!"

Eu: "Olá, querido. Que maravilhoso ouvir a tua voz outra vez."

Douglas: "Estou muito feliz por vir e falar contigo. Esperei tanto por isto. Já te instalaste de novo na tua casa?"

Eu: "Sim, obrigada."

Douglas: "Isso é ótimo. Acho que já cumpriste o teu dever, e agora podes relaxar um pouco. Sobre o que vamos falar?"

Eu: "Tiveste novas experiências?"

Douglas: "Sim. Estou sempre a ter experiências de uma forma ou de outra — conheço pessoas, descubro novos interesses. Há tanto para assimilar aqui e, na sua maior parte, eu nem saberia como contar. A vastidão da vida aqui é tão imensa."

Eu: "Mudaste de posição no éter? Quero dizer..."

Douglas: "Queres saber se a minha consciência se tornou mais consciente de novas condições de vida?"

Eu: "Sim, é isso que quero dizer."

Douglas: "Sim, fui gradualmente tomando consciência de novas condições, o que significa novas experiências e conhecer novas pessoas que estão, por assim dizer, na mesma frequência que eu. Quanto mais se evolui e se desenvolve, mais se progride para estas novas vibrações e mais afastado se fica da Terra e da experiência terrena. Aqui, por exemplo, podes voltar a captar, na atmosfera, todos os tipos de pensamentos. Podes ler um livro sem o teres na mão e sem sequer o leres fisicamente; lês pelo processo do pensamento. Num estado mais avançado de ser, consegues sintonizar-te com as forças de pensamento de um

autor e ver a representação de todo o livro — quase como um filme num ecrã. É uma forma de leitura, mas é uma leitura da mente, não da página escrita.

É possível sentar-se num vasto auditório aqui e ouvir obras de grandes compositores, que vibram na atmosfera pelo próprio poder da força de pensamento do indivíduo a compor música, sem sequer ser preciso uma orquestra. Um artista pode criar um quadro sem necessariamente usar a paleta e o pincel. Isto pode parecer muito estranho, mas as almas mais avançadas, através do pensamento, conseguem transmitir para o que vocês chamariam de tela toda a cor, as linhas e a beleza que estão dentro da sua força de pensamento, para o que na Terra precisariam de tintas e pincéis. Aqui aprendemos a controlar as forças do pensamento de tal forma que podem ser aproveitadas e transformadas em forma.

O que acho que se deve lembrar é que nada de verdadeiramente importante no campo do esforço humano se perde. As únicas coisas que se perdem, à medida que se progride, são as coisas menores, as coisas que, pela sua própria natureza, não têm importância nem significado espiritual. Tudo o que o homem alcançou que tenha verdadeiro significado, seja em arte, literatura ou música, existe neste mundo de forma mais aperfeiçoada.

Cada casa aqui tem a sua própria individualidade, personalidade e carácter, de acordo com os indivíduos que lá vivem e as pessoas que os ajudaram na sua criação. Um artista, por exemplo, pode decorar a casa de um amigo ou de pessoas que admire ou goste muito. Tudo aqui é trazido à existência de forma gradual. Não se habita de repente um novo ambiente sem antes ter passado por certas experiências que tornaram isso possível. Em consequência, estás, por vezes, quase inconscientemente a preparar a tua nova casa enquanto ainda vives noutra, já num plano diferente.

Eu: "Conheceste alguém muito interessante nesse novo ambiente?"

Douglas: "Conheci inúmeras almas, algumas que conheci na Terra, mas muitas que nunca poderia ter conhecido lá porque estávamos separados por séculos. Algumas das grandes almas que estão aqui há séculos e que evoluíram para um estado de ser muito elevado entram em diferentes esferas para dar palestras e

orientar outros que são menos afortunados ou que não progrediram tanto como eles. Vi, conheci e ouvi muitas almas muito grandes — grandes artistas, grandes músicos, almas que, quando estavam na Terra, se esforçaram por trazer reformas e novas ideias que beneficiassem o homem.

As pessoas que se encontra aqui e que realmente progrediram são, em especial, aquelas que, pela sensibilidade da sua natureza, mesmo quando na Terra, se deram livre e absolutamente em amor e serviço à humanidade, de alguma forma. Pode ser que, em alguns casos, tenha sido com o seu talento ou capacidade musical, noutros com a sua integridade artística e a reprodução de pensamentos maravilhosos em tela. Outros podem ter trabalhado de forma social no seu país, para criar uma melhor compreensão entre as pessoas e proporcionar melhores condições àqueles que eram menos afortunados. Conheci muitas almas que foram, na Terra, de todos os meios de vida."

Eu: "Deve ser tremendamente interessante. A propósito, querido, achas que 'Capítulos de Experiência' seria um título adequado para este livro?"

Douglas (após alguma reflexão): "Claro, sim."

Eu: "A ideia surgiu de repente ontem à noite. Pergunto-me se foste tu que ma deste."

Douglas: "É possível. Como já disse, este é um mundo onde comunicamos inteiramente por processos de pensamento. Estou constantemente em contacto contigo, constantemente em sintonia, por assim dizer, e por isso tu, por vezes, recebes obviamente os meus pensamentos e impressões. Mas, mais uma vez, temos de ter sempre consciência de que, neste processo, podem surgir momentos de confusão. Talvez uma alma mais próxima da Terra esteja, ao mesmo tempo, a tentar concentrar algum pensamento, e por vezes há confusão."

Eu: "Sim, percebo."

Douglas: "Mas acho que fazes isso extremamente bem. Na verdade, eu sei que fazes. Sei que recebes, mentalmente, uma quantidade enorme de informação

minha com precisão. Claro que tens de ter em conta que nem sempre há um canal limpo. Mesmo quando venho falar contigo assim, há momentos em que é muito mais difícil do que noutros. Temos de ter sempre presente que há milhares de pessoas deste lado ansiosas por comunicar, e às vezes, quando veem que alguém como eu tem essa oportunidade, também querem o mesmo. Por vezes, os seus pensamentos são muito fortes e podem, sem querer, interferir. Tem-se de tentar manter o canal o mais limpo possível."

Eu: "Vais contar-me outra encarnação?"

Douglas: "Sim, espero poder fazê-lo. Aqui voltamos, outra vez, ao processo de controlo do pensamento. É preciso sintonizar uma certa frequência ou vibração que esteja associada a essa encarnação específica e recuperar, por assim dizer, a memória e o pensamento passados que possam tornar possível dar-te exemplos e experiências dessa vida.

Quando se vive, como eu, num certo plano de consciência que se tornou natural, é muito difícil interromper de repente, mesmo que seja por aquilo que vocês chamariam um curto período de tempo, para aceder a alguma vida material passada. Por exemplo, acho que já me tornei bastante bom a comunicar como estou a fazer agora, mas quando me dizes: 'Agora consegues sintonizar uma vibração ou concentrar-te numa encarnação anterior?', tenho de interromper."

Eu: "Não quero dizer agora."

Douglas: "Eu sei, querida. A única forma de fazer isso com sucesso é preparar-me antecipadamente e recolher o máximo de informação possível, acedendo a essa frequência mais antiga que, com o tempo, se tornou muito ténue. Não é que eu não queira. Fico muito feliz por o fazer, especialmente se conseguir fazê-lo bem. Mas por vezes sinto que não passa de um esboço muito vago, sem substância. Em outras palavras, sinto que, se não conseguir ter substância, não tem valor. Vou continuar sempre a fazer o que puder. Vou continuar a ajudar-te e a apoiar-te o melhor que puder. Sabes disso. Dá-me uma grande alegria vir falar contigo, e fico contente por estares de volta a casa. Isso significa que

podemos retomar as nossas comunicações com alguma regularidade, espero eu, durante o verão."

CAPÍTULO DEZASSEIS
ENCARNAÇÕES EGÍPCIAS

Mickey: "É bom vê-la. Como está?"

Douglas (com urgência) respondeu: "Como se eu não soubesse! Como estás tu, interiormente?"

Eu: "Estou bem. Pareces muito preocupado comigo, querido."

Douglas: "Não estou propriamente preocupado, e não acho que haja nada de sério contigo, mas por vezes sinto que tentas fazer demais e acabas por te cansar muito. Não vais embora outra vez, pois não?"

Eu: "Não, por agora não."

Douglas: "Ótimo. Assim vais poder descansar na tua própria casa."

Eu: "Sim. As condições estão favoráveis para captar uma frequência mais antiga, como tu chamas, uma encarnação anterior de que ainda não me tenhas falado?"

Douglas: "Acho que já mencionei certos aspetos antes, mas houve uma altura em que estivemos os dois juntos nos tempos da Roma Antiga, em Pompeia. Alguma vez te falei nisso?"

Eu: "Em Pompeia? Não."

Douglas: "Pois estivemos lá. Foi há muito tempo, claro, e a memória está um pouco difusa. Felizmente, não estávamos lá durante o terramoto, nem durante a erupção do Vesúvio, mas tínhamos vivido lá alguns anos antes."

Eu: "Estás a referir-te ao tempo do Nero, quando estavas no exército romano?"

Douglas: "Não, esse foi um período diferente. Na verdade, tivemos três encarnações nos tempos romanos. E, claro, tivemos também várias encarnações egípcias. Tivemos até uma encarnação egípcia na Idade Média, em Itália. Itália sempre foi uma ligação muito próxima para nós."

Eu: "Gosto de ouvir a gravação sobre o tempo do Renascimento, quando eras padre."

Douglas: "Gostas? Às vezes pergunto-me como é que estas coisas devem soar a quem lê isto ou ouve as gravações — deve parecer-lhes tudo muito rebuscado."

Eu: "Não acho."

Douglas: "Bem, para ti ou para mim, claro que não, mas para pessoas comuns, que têm pouco ou nenhum conhecimento deste assunto, pergunto-me muitas vezes o que pensarão. E no entanto, não há como negar que a reencarnação é uma verdade, e uma realidade em si mesma; é fundamental. Para mim, é a única resposta. Temos, obviamente, de passar por muitas fases e condições de vida até chegarmos a um certo estágio de evolução, quando, por assim dizer, já extraímos da Terra tudo o que ela pode dar, e aprendemos todas as lições que só a vida terrena pode oferecer. E depois, claro, assimilamos tudo nessas diferentes encarnações e entramos nas esferas espirituais de forma mais consciente. Estamos mais preparados e mais aptos a deixar a Terra para sempre. Acho isso muito necessário. Muita gente não vê isto."

Eu: "Mas muita gente vê."

Douglas: "A Teosofia é um assunto tremendamente interessante — não que eu tivesse algum interesse nisso, enquanto estava na Terra. Mas responde a tantas perguntas. Vê, por exemplo, músicos como Mozart, que compuseram grandes obras desde tão tenra idade. Tens esses prodígios infantis e a única explicação para isso é, a meu ver, que são Almas Velhas; e também, claro, são ajudados deste lado por músicos eminentes. São excelentes sujeitos para sugestões. Afinal, toda a comunicação é um processo mental, e influências são exercidas sobre certos indivíduos que têm dons especiais.

Não há dúvida de que Mozart era uma Alma Velha, embora jovem em corpo. Foi claramente trazido de volta ao mundo para ser usado como instrumento. Desenvolveu as suas capacidades naturais, mas foi muito ajudado por almas deste lado.

Faz-se tanto de que as pessoas têm pouco ou nenhum conhecimento real: são orientadas, aconselhadas, e têm a oportunidade de fazer grandes coisas. Não há dúvida de que certos indivíduos escolhem voltar, mesmo quando não é necessário do ponto de vista da sua própria evolução individual. Escolhem voltar para agir em benefício dos outros, seja num sentido religioso ou como psíquicos de algum tipo.

O mundo não compreende totalmente o que significa ser psíquico. Não me refiro necessariamente a um médium, como os espiritualistas lhe chamam. Existem muitas, muitas grandes almas, instrumentos maravilhosos — médiuns de uma espécie — que não estão no Espiritualismo; de facto, muitas vezes estão fora dele. Parece-me que os próprios espiritualistas, embora tenham a verdade de forma fundamental, muitas vezes inibem o verdadeiro fluxo da verdade que poderia vir, por causa de ideias e sentimentos fortes que já têm. Por vezes fico um pouco preocupado com os espiritualistas."

Eu: "Mas eles têm levado este conhecimento espiritual ao mundo há muito tempo, e demonstram-no de tantas formas diferentes..."

Douglas: "Tudo isso aprecio plenamente, claro. Mas parece-me que muitos médiuns têm ideias muito fixas que excluem certas coisas que queremos dar a conhecer; é muito difícil para eles derrubar as suas próprias barreiras. Os médiuns são criaturas muito estranhas — descobri isso."

Eu (irritada): "Ressentimo-nos disso, não é verdade, Leslie?"

Sr. Flint (a rir): "Sim, de certo modo, mas ele tem razão."

Douglas: "Os médiuns deviam ser maleáveis e deviam permitir-se ser usados no sentido mais amplo. Mas muitas vezes tens médiuns que, quando estão a dar

sessões, erguem uma barreira quando algo surge que não se encaixa nas suas ideias fixas. Em vez de se deixarem usar puramente como instrumentos, às vezes ficam tão tensos que criam uma espécie de muro.

Tens também médiuns que têm opiniões muito fortes em relação à forma como esta Verdade deve ser apresentada: tens, por exemplo, aqueles que a abordam puramente numa base cristã. Têm ideias tão fortes e tão estreitas que impedem que a verdade completa passe. Se algo chega deste lado que encaixa no que já conceberam, então é tudo muito bonito e aceitam; mas se não, rejeitam. Acho isto muito perturbador.

Todos nós aceitamos o ensinamento de Cristo; todos nós aceitamos Cristo como um grande mestre e uma grande alma, que veio ao mundo para dar o exemplo e mostrar um caminho. Nisso estamos todos de acordo. Mas quando tentamos restringir isso com dogmas, cria-se grandes barreiras. Claro que sei que isto tudo soa muito estranho vindo do meu antigo eu, mas, graças a Deus, fiz algum progresso e vejo as coisas de forma diferente. Agora percebo que não há nada mais limitativo do que o dogma."

Eu: "Consegues lembrar-te de algo sobre a encarnação em Pompeia?"

Douglas: "Ah! Eu sabia que ias tentar desviar-me da religião."

Eu (a rir): "De que período histórico seria isso?"

Douglas: "Foi mesmo antes do virar do que chamamos A.D. — depois de Cristo. "

Eu: "Estávamos juntos, disseste?"

Douglas: "Sim. Nem sei bem como explicar isto, mas eu era novamente sacerdote, um sacerdote de Ísis e Osíris — um egípcio que, como tantos outros de várias nações, se tinha estabelecido em Pompeia. Na realidade, Pompeia, naquela altura, era mais representativa do mundo conhecido do que Roma. É uma coisa extraordinária, mas perfeitamente verdadeira; provavelmente havia mais ordens religiosas e seitas em Pompeia do que alguma vez houve em Roma.

E havia uma seita egípcia que trazia os ensinamentos e crenças do Egipto, e tinha o seu próprio templo e culto."

Era uma mistura estranha, claro — uma mistura da religião egípcia antiga trazida para a ideia moderna (para aquela época) e entrelaçada com as crenças romanas. Eu era um dos dois sacerdotes associados a esse templo em particular, e havia muitos romanos muito intrigados. Naquele tempo havia um fluxo psíquico muito forte, aquilo a que vocês chamariam uma crença na religião da comunicação. Realizavam-se sessões, tal como vocês chamariam hoje. Na verdade, era realmente um regresso aos ensinamentos de Akhenaton.

Eu: "Akhenaton é um dos meus preferidos."

Douglas respondeu: "Sim, eu sei. Na nossa encarnação egípcia, recuando alguns séculos, tínhamos sido seguidores de Akhenaton. Eu era um dos poucos sacerdotes naquela altura — parece que estive sempre ligado à religião — que se juntou a Akhenaton quando ele fundou a sua nova Ordem religiosa. Havia muitos sacerdotes no tempo de Akhenaton que tiveram, mais ou menos, de se submeter a ele, aceitar o novo regime e a nova forma de pensar, mas que o ressentiram muito profundamente."

Eu: "Mas tu foste um seguidor?"

Douglas: "Sim. Consigo ver o fio da minha vida e percebo que estive sempre à procura de conhecimento, sempre desejoso de encontrar a verdade. E, obviamente, nesta encarnação tive a boa sorte de descobrir diferentes vias de verdade."

Eu: "Conheceste-me no tempo de Akhenaton?"

Douglas: "Sim, tu eras da Corte, uma mulher de alta posição e estatuto, muito próxima de Akhenaton. Claro que sabes que as famílias naquela época estavam muito mais interligadas por casamentos do que nos tempos mais recentes. Suponho que a nossa família real moderna também se casou entre si nos últimos cem anos, aqui e ali, mas isso acontecia muito mais no tempo de Akhenaton.

Nunca seria aceitável que um Rei se casasse com uma plebeia, ou mesmo com alguém de alta posição — tinham de estar ligados por sangue real.

Nesta encarnação não estavas propriamente apaixonada por mim, embora eu estivesse muito apaixonado por ti. Em todo o caso, toda a situação era impossível. Tinha muito carinho e consideração por ti, e admirava-te à distância. Nunca nos foi permitido ficarmos juntos, pois eu estava em ordens sacerdotais e tal coisa estava fora de questão. Na verdade, tenho a certeza de que nunca terias permitido, mesmo que tivesses percebido o meu afeto. Não te recordarás nem entenderás agora porque já foi há demasiado tempo."

Eu: "Não, claro que não. Mas há alguns anos, o Harold Sharp, como instrumento para um artista chinês do lado espiritual, desenhou um gráfico da minha vida nesse período e depois interpretou-o por escrita automática."

Douglas: "Sim, eras definitivamente membro da família real de Akhenaton. Seria muito interessante se se pudesse recapturar muito mais deste período em particular. Mas tudo isso está ligado; toda a nossa vida esteve entrelaçada. Estávamos destinados a voltar a encontrar-nos vezes sem conta. Não há dúvida quanto a isso — somos almas gémeas, mas não no sentido vulgar do termo. As pessoas falam de almas gémeas de forma tão superficial e não percebem realmente o que estão a dizer. Somos do mesmo grupo, da mesma alma-grupo, e há milhares e milhares destes grupos de almas, onde os indivíduos se reencontram. Não há dúvida de que estivemos muito ligados ao longo de todos estes períodos."

Eu: "Onde é guardado todo este depósito de experiências e conhecimento do passado?"
Douglas: "Não gostaria de sugerir que temos vastos arquivos como tal, mas, ao mesmo tempo, estas coisas estão guardadas — tudo o que aconteceu, particularmente na Terra, por exemplo, está registado na atmosfera. Assim como podes ligar o teu rádio ou a televisão e captar da atmosfera (é tudo uma questão de vibração), nós podemos fazer exatamente o mesmo. Mas, claro, existem camadas diferentes — é a única forma que encontro para explicar isto — e há milhões de camadas de consciência de diferentes períodos da história, e assim por diante.

É possível sintonizar uma certa frequência ou vibração de um certo período e encontrar-nos lá, com as nossas ligações. Estas já não são realidades vivas; são armazéns de memória. Mas estão na atmosfera em redor da Terra. Quanto mais se evolui, mais difícil é sintonizar com elas. E, claro, não há necessidade disso — esse é o ponto principal. Deixas para trás certas camadas no processo de evolução. E, à medida que evoluis para uma consciência mais elevada, tornas-te tão mais avançado que o passado, embora tenha sido importante, deixa de o ser como tal. Mas continua lá, caso alguém queira sintonizar-se com ele.

O que estou a tentar dizer é que nada se perde. Tudo está guardado. Tudo está lá para uma alma voltar a captar, se precisar. Mas claro que raramente é necessário e, na verdade, se não fosses tu a fazer certas perguntas, eu nem pensaria nisso. Estou perfeitamente satisfeito — como, na verdade, está a maioria das pessoas aqui — com a minha situação atual e a consciência de mais progresso que virá. Nunca se olha realmente para trás; olha-se sempre para a frente."

Eu: "Sim, naturalmente."

Douglas: "Anseio tanto por te ver junta de mim, mas..."

Eu (interrompendo): "Gostaria de ter mais uns anos na Terra para terminar este trabalho que me pediste para fazer."

Douglas: "Não penso por um momento que estejas prestes a vir, e não estou a sugerir que haja algo de sério contigo, mas ao mesmo tempo pareceste-me extremamente cansada depois desta última viagem. Tens de ter cuidado para não exagerares."

Eu: "Obrigada por uma conversa tão interessante, querido."

Douglas: "Contarei mais."

CAPÍTULO DEZASSETE
A ALMA-GRUPO

Mickey (interrompendo a nossa conversa): "Do que é que vocês estão a falar?"

Eu: "Reencarnação, Mickey. Estava a dizer como algumas pessoas são muito contra a ideia."

Mickey: "Não deixes que isso te preocupe. Há de tudo neste mundo!"

Douglas: "Olá! Estavam a falar de encarnações."

Eu: "Sim. A teoria de uma amiga é que algumas pessoas partem com convicções fortes a favor da reencarnação e tentam 'impingir' a ideia do outro lado; caso contrário — como ela sabe que o médium tem uma mente aberta em relação a este assunto — acha que talvez sejam os próprios participantes na sessão os responsáveis."

Douglas: "Sinceramente, antes de vir para aqui, como bem sabes, tal coisa nunca me passou pela cabeça. Nunca pensei em encarnações ou reencarnação, como lhe chamam; nunca me interessou minimamente. Só desde que estou aqui, e tive o privilégio de olhar para trás, para encarnações passadas, é que cheguei à conclusão da sua verdade.

No início, a reencarnação não é fácil de assimilar deste lado, tal como não é do vosso; suponho que, de certo modo, temos uma certa resistência interior. O facto de termos de voltar, vez após vez, não provoca propriamente sentimentos de grande alegria!

Especialmente quando cá se chega há pouco tempo, e se está instalado e feliz e se têm muitos interesses, a possibilidade de ter de encarnar de novo na Terra é bastante repugnante. Posso garantir-te que, quando se fala de encarnações, há sempre a esperança de que nunca mais se tenha de encarnar; e depois de algum tempo, com nova experiência e nova compreensão das coisas, chega-se à forma de pensar de que isso é muito improvável.

Quando consegues olhar para trás e ver as várias encarnações, a necessidade de cada uma, as experiências que tiveste e os erros que cometeste, vês o traçado geral e a atitude progressiva em relação a ti próprio; e acabas por perceber que a probabilidade de ter de regressar à Terra é remota. Então tens a satisfação de sentir: 'Já fiz a minha parte', por assim dizer; 'já vivi tudo o que a Terra pode oferecer, e não tenho razão para voltar'.

A grande maioria das pessoas que regressa à Terra são indivíduos que escolheram deliberadamente voltar porque queriam prestar algum serviço específico à humanidade. Quando vemos as condições do vosso mundo e vemos a necessidade de esclarecimento, procuramos a oportunidade de servir de forma material, mas com uma base espiritual. Há quem regresse à Terra por livre vontade e escolha.

Também devemos lembrar que a Terra tem funcionado como base para a vida humana há milhões de anos, e a possibilidade de ter de voltar é muito remota para a grande maioria das pessoas. Muitos já estiveram na Terra muitas vezes e, em consequência, assimilaram tudo o que a Terra pode oferecer, progrediram por vários estágios de evolução na Terra e chegaram a um ponto em que não há necessidade, nem desejo, de regressar."

Claro que existem almas pouco evoluídas, e especialmente almas novas, que podem — e sem dúvida o fazem — regressar. Mas em todas estas discussões que temos sobre reencarnações, está-se bem ciente do facto de que não pode, num certo sentido, ser provado.

Eu disse: "Mas tu vês essas encarnações?"

Douglas respondeu: "Oh, nós vemos! Mas o que quero dizer é que, para ti, é muito simples porque tens uma mente aberta e estás disposta a aceitar o que te digo de boa-fé. Mas a vasta maioria das pessoas diria: 'Pois, mas como se prova isto?' Não direi que seja impossível de provar, mas é muito difícil. Há casos excecionais em que, por exemplo, uma criança morre no vosso mundo com cinco ou seis anos, e renasce muito rapidamente, conseguindo lembrar-se dos pais dessa vida anterior na Terra, do lugar onde viviam, e talvez dos irmãos. E, de facto, isso já aconteceu. Mas são casos raros, porque não é habitual uma alma

renascer imediatamente; normalmente há um período deste lado de descanso e recuperação.

Tudo o que possamos dizer há de parecer, para alguns, muito complexo e impossível de comprovar. Mais uma vez, esbarramos no preconceito pessoal. Para muitas pessoas, depois de anos na Terra com todos os altos e baixos, dificuldades, dores de cabeça, problemas e afins, a simples ideia de ter de voltar à Terra e passar por tudo outra vez é repugnante. Nem gostam da ideia, logo à partida."

Eu: "Talvez haja um medo de perderem a própria personalidade."

Douglas: "Isso, se me permites, é um pouco tolo. Se vamos assumir que a personalidade que construímos na Terra ao longo de sessenta ou setenta anos é o 'eu' completo, o 'eu' total, estamos a ser ridículos, porque o homem é uma criatura tão complexa. Todos nós somos produto dos pensamentos e ideias de outras pessoas. Tudo o que possamos ter alcançado, tudo o que nos tornámos enquanto estávamos na Terra, em termos de personalidade e por aí fora, é na verdade uma combinação de milhares de pensamentos e ideias de outras pessoas: dos nossos pais, professores, amigos, conhecidos, e das pessoas que vieram antes deles, que impregnaram ideias e pensamentos nas suas mentes. Na realidade, somos o produto de milhões de almas individuais.

Claro que existe um aspeto pessoal; não gostaria de dizer que não. Tenho a minha própria personalidade, é verdade, mas também tenho a consciência de que o que sou não sou eu, num certo sentido. É 'eu' no sentido de que, se me pudesses ver, dirias: 'Ah sim, é o fulano tal', e reconhecer-me-ias pelo meu modo de pensar, de falar, e assim por diante. Mas sei que sou produto, como cada alma humana é, de pensamentos e ideias de um número incalculável de pessoas. Não podemos escapar a isto.

Mesmo os nossos corpos físicos, que na Terra consideramos como 'nossos' (olhamo-nos ao espelho e dizemos 'Isto sou eu') não são o que parecem. Um corpo tem solidez porque acontece estar em vibração completa e harmonia com a matéria material na qual existe. Mas quando é decomposto, por assim dizer — percebes o que quero dizer — não é o que parece. Tudo o que olhas na tua

vida é uma ilusão; as pessoas nunca perceberão nem aceitarão isto, mas tudo, até certo ponto, é uma ilusão. Aquilo que parece real e sólido, por exemplo a cadeira em que te sentas, não tem solidez própria, mas apenas dentro da matéria em que funciona.

Temos de perder esta ideia de 'eu' e perceber que estamos todos envolvidos na vida; uma vida tão dinâmica que só a conseguimos ver em grau, e aquilo que parece realidade, ou parece a parte importante, é, possivelmente, até a menos importante. Gostava que pudéssemos ver-nos como realmente somos. Somos, num certo sentido, indivíduos, mas mais importante ainda, somos muitas pessoas ou muitos estados de ser. Esta questão de reduzir tudo ao pessoal é, suponho, muito agradável e lisonjeiro. É aqui que se chega à base das atitudes das pessoas em relação à vida, e particularmente em relação à religião. É aqui que, claro, me afastei muito das velhas ideias e dogmas. É presunçoso assumir que somos, nesse sentido, importantes enquanto indivíduos. Somos importantes num sentido coletivo.

Quando digo 'sentido coletivo', não gostaria que se pensasse que, em consequência, não temos um lugar real aqui ou que perdemos a identidade completamente. Não perdemos. Mas somos uma confusão de muitos pensamentos; somos produto de muitas mentes. É apenas ao esquecermos o 'eu' que começamos a descobrir o nosso verdadeiro eu, que é, claro, parte integrante de toda a vida. Temos de ver-nos com uma visão mais ampla.

Quando uma mãe perde (como o mundo diz) o seu filho, é muito humano e natural que o imagine como o reconhecia em vida, como está na fotografia, e por aí fora. Mas essas são semelhanças exteriores. Mesmo as pessoas mais próximas, que estiveram juntas durante muitos anos e pensam conhecer-se muito bem, na realidade só conhecem uma pequena parte dessa alma individual tão vasta. Mesmo no caso da mais querida alma gémea, só se toca à superfície. Sente-se, talvez, mais do que se sabe, e sente-se lá bem dentro uma afinidade de almas, é verdade. Mas quanto mais nos aprofundamos, mais percebemos que somos parte de vastas almas-grupo.

Quando se compreende esta ideia de almas-grupo, quando se entende o que significa, volta-se à reencarnação, porque um número imenso de pessoas que

viveram em épocas passadas faz parte das mesmas almas-grupo, passando por certas experiências essenciais — não apenas individualmente, mas também como grupos. São parte deste todo imenso.

É tão difícil explicar isto. É como os átomos — há biliões de almas que estão todas na mesma condição vibratória de vida, nos mesmos planos, se quiseres. Falamos em planos, mas é um termo vago. Existem vários estágios de desenvolvimento de acordo com os grupos que se reúnem, e para eles, isso é o seu mundo particular; é o seu mundo espiritual, por assim dizer. Mas não ignoramos o facto de que existem milhares e milhares de outros mundos espirituais. É aqui que a eternidade se torna uma realidade.

As pessoas na Terra dizem: 'Oh, meu Deus, eternidade!' E não conseguem perceber, vês? Mas quando compreendes, como eu estou a começar a compreender, a vastidão do espaço (como lhe chamam) e a vastidão dos mundos do espírito, então a eternidade torna-se uma realidade.

Quando percebes que vais progredir de uma condição para outra, percebes que, à medida que expandes o teu conhecimento e experiência e te tornas mais evoluído, assim também te tornas mais consciente de novas formas de existência. A vastidão de tudo isto é tão emocionante; nunca há um momento aborrecido. E falando de momentos aborrecidos — nem sequer estamos ligados ao tempo como vocês o conhecem.

Mas o que é tão maravilhoso é o facto de, por mais longe que alguém possa ter evoluído, ainda se poder sintonizar com a Terra e com as pessoas que ama; ainda se pode comunicar, tendo uma oportunidade como esta. E, se necessário, ainda se pode falar do quotidiano e do mundano, o que muitas vezes, como bem sabes, agrada às pessoas na Terra que ficam para trás.

O facto de estarmos conscientes dos vossos problemas diários e afins é muito bom, mas, ao mesmo tempo, à medida que progredimos, vemos que os indivíduos que conhecemos e amamos, e com quem comunicamos, estão a expandir a sua visão; estão gradualmente, através da nossa orientação e ajuda, a perder o apego em sentido físico e material, tornando-se mais sintonizados com a mente e o poder do espírito que tentamos trazer até vocês. Essa é a alegria

disto tudo e, claro, é assim que a vida devia ser. A vida terrena devia ser uma existência equilibrada na qual, naturalmente, tens de continuar a tratar dos teus assuntos materiais, mas em que também tens um despertar espiritual para uma consciência dos mundos maiores que te esperam; em outras palavras, tens uma abordagem mental mais equilibrada em relação a tudo.

Foi isso que Jesus quis dizer quando disse: 'Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.' Consigo ver isto tão claramente agora. Jesus conhecia estas verdades e compreendia-as plenamente. Ele sabia que o poder do espírito se podia manifestar ainda na Terra, e que muitas das coisas terrenas podiam ser revitalizadas com essa força espiritual.

As coisas que Jesus fez, que foram vistas como milagres, eram na verdade acontecimentos normais, porque a base de tudo, mesmo na Terra, é espiritual. Tudo pode parecer terrivelmente material; pode haver muitas coisas que parecem horríveis e pouco atraentes até num sentido material, mas por trás de tudo isso existe um poder espiritual, ou uma faculdade espiritual. Chama-lhe o que quiseres, mas está lá.

O homem usa muitas vezes esse poder, que é a sua herança natural, na direção errada. Se fosse usado na direção certa, seria para o bem — para realização e bênção espiritual. Ainda hoje, os cientistas estão a inventar coisas que têm um significado espiritual e que, se usadas corretamente, poderiam beneficiar o homem; mas são usadas, infelizmente, de forma muito material e são, por isso, uma maldição para o homem."

Em tudo existe dualidade. 'Do mal nasce o bem.' Se ao menos o homem pudesse ver que tudo o que há no mundo, tudo o que ainda está por descobrir, pode ser usado para o bem ou para o mal. Não há razão para que todo o mundo terrestre não pudesse ser transformado de tal forma que se tornasse verdadeiramente um paraíso na Terra. Há tanto que o homem poderia realizar, tanto que poderia descobrir, tantas bênçãos que poderia trazer à humanidade através da sua investigação e abordagem científica. O homem recebe inteligência e oportunidade para se desenvolver. Mas muito do que é descoberto não é usado como deveria — é trazido para um nível material baixo e usado,

muitas vezes, lamento dizer, em prejuízo do próprio homem. Tudo isto é uma tragédia.

Mas o ponto principal é que tudo faz parte desta dualidade, desta evolução extraordinária do homem, onde o bem e o mal (ou o que se chama de mal) andam de mãos dadas. Não estou a desculpar o mal, isso seria a última coisa que faria; mas parece que o homem tem escolha. Tem o livre arbítrio de usar tudo o que lhe chega às mãos para o bem e, se seguisse os seus instintos espirituais e os aspetos melhores de si mesmo, gradualmente os aspetos menores diminuiriam.

É por isso que sentimos que a inspiração e a mensagem do espírito que trazemos poderiam mudar o mundo inteiro; poderíamos trazer uma evolução de alto grau para o homem, de forma que o mundo terrestre fosse verdadeiramente um trampolim no melhor sentido. Nunca mais haveria necessidade de encarnações e, eventualmente, o vosso mundo tornar-se-ia parte do nosso mundo; enquanto, como é agora, é uma existência separada, o que nunca foi a intenção.

Eu disse: "Que conversa tão longa e interessante, querido."

Douglas respondeu: "Mas é muito difícil. Quero tanto dizer coisas importantes e úteis, mas as palavras são incapazes de descrever o que sinto. Só posso dizer que quero apenas que continues, no teu jeito calmo e discreto, a fazer o que podes, a registar as gravações, e estou convencido de que os nossos livros hão de sair. Tenho de ir. Todo o meu amor e bênçãos. Adeus, querida."

CAPÍTULO DEZOITO
ESPERANÇAS PARA O FUTURO

Antes da sessão, o Sr. Flint tinha dito, com pesar, que as condições não pareciam estar boas, pois nada tinha vindo para a pessoa anterior. No entanto, depois de esperar alguns minutos, fiquei encantada por ouvir a voz do Mickey.

Eu: "Estou tão feliz por teres conseguido passar."

Mickey respondeu: "As condições não estão muito boas hoje."

Eu: "Porquê?"

Mickey: "É uma daquelas coisas; não parece haver muita força. Não gosto de desiludir as pessoas. Tentei mais cedo hoje, mas foi demasiado difícil. De qualquer forma, vou fazer o meu melhor por ti."

Douglas: "Olá, minha querida! Não tenho a certeza se me consegues ouvir."

Eu: "Sim, muito claramente, obrigada."

Douglas: "Parece haver alguma dificuldade."

Eu: "Como chegaste aqui?"

Douglas: "Vim contigo; faço-o sempre. Venho ver-te todos os dias e, mantendo-me em contacto constante contigo, sei pelos teus pensamentos quais são os teus planos; e se vens aqui, faço questão de vir contigo. Não fico apenas por aqui à tua espera!" (riso)

Eu: "Consegues ver o Leslie e a mim sentados aqui?"

Douglas: "Sim, claro que consigo, mas estou mais consciente dos teus pensamentos. Mesmo antes de pronunciares uma palavra, invariavelmente consigo captar o pensamento, é tão rápido. Comunicamos inteiramente pelo pensamento deste lado, mas isso não significa que não possamos falar uns com os outros, ou que uma pessoa que tenha tido uma voz gloriosa no vosso lado e ainda queira cantar não possa cantar. Temos som. Não gostaria que pensasses que este é um mundo sem som. Mas em relação à comunicação, podemos — e

na maior parte das vezes fazemos — comunicar pelo processo de pensamento. E mesmo assim, essa transmissão pode transformar-se em ondas sonoras e vibração. Temos vibrações e ondas sonoras mas, claro, são muito mais elevadas do que as vossas.

Na música, por exemplo, não há limite para a extensão. Um grande pianista do vosso lado, que tenha composto grandes obras, sem dúvida muitas vezes se sentiu frustrado porque a extensão era demasiado pequena. Aqui, claro, isso não se aplica. Um grande músico descobrirá que a extensão é tão imensa que consegue dar origem a sons que, francamente, nem seriam audíveis para os vossos ouvidos."
Eu (após uma pausa): "Como estás hoje, querido?"

Douglas: "Muito parecido com o que era na Terra, mas muito, muito mais jovem, e sem dores, graças a Deus! Pareço-me como era nos meus trinta."

Eu: "Eras muito mais velho do que isso quando te conheci, mas o teu retrato psíquico feito pelo Frank Leah mostra-te como um homem jovem. De que é composto o corpo espiritual?"

Douglas: "Ah, agora fizeste-me uma pergunta à qual não sei mesmo responder. À primeira vista parece idêntico ao corpo físico no auge da sua forma, mas qual é a sua composição real, não faço ideia."

Eu: "Quando vi a nossa sobrinha Julie, alguns meses depois da sua chamada morte, ela estava radiante, lindíssima, tão translúcida e luminosa."

Douglas: "Acho que é verdade dizer que o nosso corpo psíquico ou espiritual — pelo menos o corpo que temos aqui — é, num certo sentido, translúcido na aparência. É muito vital, e muito vivo. Em alguns aspetos é igual ao corpo terreno, mas isto é uma daquelas coisas que acho que nenhum de nós consegue mesmo explicar. Para nós, sente-se igual; é sólido e real, nada de vago ou difuso. Estamos muito mais vivos mentalmente do que jamais poderíamos ter estado na Terra, e tudo o que nos rodeia é uma realidade tão intensa; não há nada de 'nebuloso' nisso também.

Estamos muito em sintonia com tudo, mas embora seja físico no sentido em que é sólido para nós, suponho que seja realmente um mundo mental. É um mundo onde o pensamento é tão predominante que tudo o resto é criado pelo processo de pensar. Mas isso não quer dizer que, por pensares em algo, isso apareça automaticamente; é necessário fazer um esforço que tem de vir de dentro do mais profundo do ser.

Em certos aspetos, claro, tem-se de fazer coisas com as próprias mãos, num sentido criativo. Temos substâncias que são tão reais para nós como as coisas são para vocês. Temos materiais que podem ser tecidos e usados. Algumas pessoas parecem assumir que nos vestimos apenas com uma força de pensamento, o que em certo sentido é verdade; acho que almas mais evoluídas em planos superiores conseguem, e fazem, isso. Parece ser um estado de ser que se pode alcançar numa fase mais avançada da evolução. No meu estado atual de consciência, pessoalmente, não sentiria grande satisfação se não fizesse um esforço. Mas não estou a sugerir, claro, que essas almas superiores não façam esforço.

Tudo aqui é criado e criativo; não é algo que desejas e de repente existe. Tens de trabalhar para isso. Mas temos de perceber que cada alma está em planos diferentes de evolução. Existem planos onde as pessoas usam as mãos, por exemplo, a manusear ferramentas para coisas como carpintaria, mas este é um plano de vida tão próximo da Terra que é, num certo sentido, quase Terra.

As pessoas ainda não se habituaram a pensar que existem muitos mundos, e que muitos dos planetas são também mundos onde as pessoas têm substâncias e uma forma de vida que, em certos aspetos, se assemelha à da Terra. Muita gente assume que a Terra é o berço de toda a vida — bem, é o berço da vida humana na forma que conhecemos, mas não é o princípio e o fim, como alguns gostam de pensar. Alguns dos mundos no espaço exterior são habitados por pessoas que já viveram na Terra e que agora estão num estado de ser mais elevado. Também existem outras formas de vida que estão apenas a começar, e que são, se quiseres, inferiores ao humano. É muito difícil explicar isto."

Eu: "Já foste a algum dos planetas?"

Douglas: "Não, só sei o que me foi dito, e não tenho razão nenhuma para duvidar. Na verdade, parece-me tudo muito lógico e sensato, e acho que o homem tem de se habituar à ideia de que não vai ter apenas uma existência. Se alguém aceitar, como algumas pessoas aceitam, que existe apenas uma existência — do nascimento ao túmulo na Terra — então tudo, na minha forma de ver, torna-se sem propósito.

Temos de ver a vida na perspetiva certa. Tenho a certeza de que temos muitas formas de vida, e que a vida terrena é uma vida muito vital e importante; e podemos, e de facto voltamos a ela muitas vezes, e depois podemos, segundo me dizem (e não tenho razão para duvidar), ir para outro estado de ser que pode ser num dos planetas. E depois, gradualmente, ao longo de éones de tempo, evoluímos para um estado de perfeição. Não sei se posso usar o termo perfeição, porque se alguém se tornar realmente perfeito, então não há nada mais para existir, ou para se tornar, e a vida perderia o sentido."

Devemos ver a vida como uma mudança constante; na verdade, parece-me que esta é a única explicação. Possivelmente, num certo sentido, permanecemos os mesmos durante aquilo que pode parecer muito tempo, mas, em termos de tempo, isso não é nada. Podemos permanecer bastante tempo na mesma condição de vida, ou esfera, para que as pessoas que conhecemos e amamos evoluam connosco. Cem anos não são nada; e embora eu, por exemplo, possa estar aqui vinte ou trinta anos antes de tu chegares, quando estivermos juntos tu evoluirás comigo.

Posso transmitir-te o meu conhecimento e a minha experiência, e ajuda pode vir de várias fontes, de modo que, eventualmente, quando tivermos absorvido tudo o que é vital e importante, despertaremos automaticamente para novas condições e novos ambientes. Estes sempre estiveram lá, mas não os víamos porque ainda não estávamos prontos para eles.

Num certo sentido, é o mesmo no vosso mundo. Há tantas coisas que estão a ser gradualmente reveladas e das quais o homem sempre foi ignorante, mas que sempre lá estiveram, à espera de serem descobertas. Em outras palavras, não há nada de novo; é novo apenas porque de repente te deparaste com isso, de

repente o descobriste. Acho que é exatamente isso que nos acontece quando nós, assim chamados, morremos; a nossa consciência deixa de estar tão limitada pelo mundo material e começamos a ter um horizonte mais amplo. O horizonte sempre lá esteve, mas não o víamos.

Eu: "Espero não estar a atrasar-te, querido."

Douglas respondeu: "Não, não podias fazer isso, ninguém pode. As pessoas dizem: 'Oh, é errado chamar os mortos.' Não nos podem chamar; nós estamos aí de qualquer forma. Estamos convosco, num certo sentido, todo o tempo. Não quero com isto dizer que estamos convosco a cada cinco minutos do dia, mas estamos convosco de forma mental; num sentido espiritual, estamos conscientes das pessoas que conhecemos e amamos, das suas necessidades e desejos, e do facto de que o tempo está a passar para elas, aproximando-as de nós, mesmo que não se apercebam disso.

Posso estar perto de ti e, num certo sentido, contigo, e ao mesmo tempo estar consciente de circunstâncias noutro lugar. Não estamos limitados da mesma forma que vocês estão: não vivemos num mundo tridimensional."

Eu: "Algumas pessoas diriam que já estás morto há nove anos!"

Douglas: "Estou mais vivo agora do que estive em qualquer momento, que eu saiba. Como já disse, eu, como tu, e milhões incontáveis de outras almas, passámos por muitas existências; e é apenas à medida que alguém se desenvolve e evolui deste lado que gradualmente se torna mais consciente destas coisas. Embora, às vezes, pareçam memórias vagas, podemos ressuscitá-las se for bom para nós fazê-lo.

O que somos neste momento é, sem dúvida, consequência do passado. Mas, claro, chegamos a um ponto de evolução em que olhamos apenas para o presente e para o futuro (estas expressões são, na verdade, materiais, mas mesmo assim tenho de usar palavras materiais para tentar transmitir as coisas). Olhamos para a abertura e o florescimento da nossa alma mais profunda numa consciência e realidade que antes nos era negada, porque, sem dúvida, ainda

não tínhamos chegado ao ponto em que podia ser revelada. Percebo cada vez mais que nunca se deve ficar parado.

Essa é a tragédia, claro, de todas as grandes organizações e corpos religiosos, particularmente do Cristianismo, que ficou parado durante dois mil anos. Perdeu o caminho e a via; perdeu o verdadeiro ímpeto que lhe foi dado pelos primeiros discípulos e seguidores. Isto é uma grande tragédia. A verdade tal como Cristo a ensinou, a verdade tal como Ele a conhecia, há muito desapareceu, lamento dizer. Foi ofuscada por pompa e cerimónia, por credos e dogmas, por uma conceção material — até do céu. É tudo tão patético e muito triste."

Eu: "Isso vai passar."

Douglas: "Oh, sim, completamente. Eventualmente, o Cristianismo tal como é geralmente entendido hoje desaparecerá. E o verdadeiro significado de Cristo, assim como de todos os grandes profetas, mestres e videntes de todas as eras, será cada vez mais revelado através da abertura da comunicação entre os dois mundos. Vamos conseguir fazer um contacto direto numa forma talvez muito semelhante à vossa televisão ou rádio. É isso que estamos a antecipar, e os cientistas deste lado estão a trabalhar para esse fim. Tenho grande fé nessa possibilidade.

Não há dúvida de que um dia vamos ultrapassar muitos dos problemas e dificuldades que afetam a comunicação. Teremos aquilo a que chamariam na Terra um método científico de comunicação tão extraordinário que, pela sua própria natureza, as pessoas aceitarão a verdade de bom grado; e, claro, isso irá mudá-las e, em consequência, mudará o mundo. Mas embora talvez não falte muito para o início disto, pode levar muito tempo até que o seu impacto total se faça sentir.

Lamento não poder ficar mais tempo porque a força não está muito boa hoje. Todo o meu amor, querida."

Mickey: "Adeus. Foi difícil, mas fiz um grande esforço."

HOMENAGEM

No final da minha última sessão com o Sr. Flint, percebendo que poderia passar muito tempo até que eu pudesse retomar estas conversas (por causa da minha mudança iminente para longe de Londres), pedi ao meu marido que dissesse algumas palavras de apreço pelo Mickey.

Douglas: "O Mickey seria a última pessoa a querer que alguém o elogiasse."

Eu: "Gostaria de dedicar-lhe este livro, querido."

Douglas: "Eu sei, e concordo de todo o coração que sem o Mickey tudo o que fazemos seria quase impossível. Embora ele próprio, talvez, não diga muito ou não pareça fazer muito, por trás de tudo o que acontece está o Mickey. Ele ajuda de tantas maneiras; é tão bondoso, tão atencioso, tão prestável para todos nós. Na verdade, ele é uma personalidade notável.

Superficialmente, sem dúvida, as pessoas podem pensar que ele não é muito evoluído, mas se a verdade fosse conhecida, tenho a certeza de que é muito mais avançado do que muitas das almas que vêm aqui falar. Embora volte como uma criança, e às vezes fale no seu jeito Cockney bem-humorado, há ali uma alma profunda, maravilhosa, espiritualmente muito avançada; alguém por quem todos nós temos o maior respeito, carinho e consideração, porque sabemos que faz um grande trabalho. Ele ajuda muitas, muitas pessoas de ambos os lados. Ele é, por assim dizer, o apresentador a quem todos nós devemos uma grande dívida. Estou muito feliz e muito orgulhoso por o conhecer."

Eu: "E o Leslie também, claro..."

Douglas: "Sim, o médium, que Deus o abençoe, estamos muito gratos a ele por todo o esforço, o trabalho que fez e as muitas oportunidades que nos deu. Espero que a saúde dele continue por muitos anos, para que possamos fazer este trabalho e ajudar muitas almas no vosso mundo."

PÓSFÁCIO

No dia 3 de Maio de 1972, recebi a boa notícia de que o livro do meu marido tinha sido aceite. Mais tarde, um convite para conhecer de perto quem estava envolvido na sua publicação deu-me ainda o prazer de visitar novamente o Leslie e ter mais uma conversa com o Douglas. Esta sessão foi gravada a 10 de Julho de 1972. Uma sessão de grupo que frequentei alguns dias antes não tinha tido sucesso.

Eu (ao ouvir uma voz familiar): "Que alegria ouvir-te outra vez, Mickey."

Mickey: "Desculpa pelo outro dia, mas não conseguimos passar; as condições não estavam boas. Havia muita confusão e várias entidades estavam lá, que eram, para dizer o mínimo, pouco desenvolvidas; por isso achámos melhor não fazer nada. Como estás, Eira?"

Eu: "Muito bem, obrigada."

Mickey: "Fico contente com o livro, e o teu marido está radiante. Oh, sim, está emocionadíssimo porque quer levar a mensagem ao mundo. Vocês os dois trabalharam tanto. É muito gratificante, não é? Quando é que sai?"

Eu: "No início do próximo ano. Está dedicado a ti."

Mickey: "Oh valha-me Deus! E não ao Flinty?"

Eu: "Desta vez é para ti porque foste um grande amigo para nós os dois."

Mickey: "Eu fiz, de facto, o meu melhor, mas o que importa é o livro ser lido."

Eu: "Sim, é espalhar esta verdade que é importante."

Mickey: "Vi-te a tirar a fotografia. Acho que provavelmente ficavas melhor com o chapéu posto do que sem ele."

Leslie: "Oh Mickey! Que comentário tão rude."

Mickey disse: "Não. Acho que esse chapéu fica-te bem. De qualquer forma, logo veremos, não é? Eu não me admiraria nada se o teu marido tivesse aparecido nessa fotografia. Ele esteve ali parado o tempo todo."

Eu: "Não seria maravilhoso?"

Mickey: "Sim, maravilhoso! Espera! Vou ver se ele está pronto."

Douglas: "Olá! Finalmente! Já passou tanto tempo. Estava a ansiar tanto vir falar contigo. Fiquei muito desiludido no outro dia, embora, francamente, eu não fique muito contente quando há muita gente por perto. Prefiro muito mais estarmos só nós os dois. Consegues ouvir-me?"

Eu: "Perfeitamente, querido."

Douglas: "Às vezes é muito difícil para nós sabermos com certeza se estamos a ser bem entendidos. Bem! Bem! Estou tão entusiasmado e feliz com o livro."

Eu: "Como estás por aí?"

Douglas: "Muito, muito bem. Estou extremamente feliz e muito, muito ocupado. Tenho feito muito daquilo a que chamarias palestras. Eu não penso bem nisso assim, mas mais como discussões com outros, ajudando aqueles que estão a chegar. Temos aulas ou grupos de almas, em esferas onde há necessidade de ajuda e esclarecimento. A nossa tarefa é ir a outras condições de vida onde as pessoas são menos avançadas e onde estão mesmo a começar a abrir-se para algo que possamos oferecer. Alguns ainda estão muito receosos. Bastantes pessoas ainda estão mais mentalmente ligadas à Terra do que ao ambiente daqui.

Continuam agarradas a velhos pensamentos, velhas ideias, velhas memórias, e à sua maneira não estão propriamente infelizes. Mas estão certamente a começar a procurar, a questionar-se, a refletir sobre as coisas. É aí que entramos. Falamos com eles, aconselhamo-los e, em alguns casos, conseguimos mudar a sua atitude de pensamento.

A questão principal é que uma pessoa, neste mundo — e, num certo sentido, penso que é verdade dizer também no vosso mundo — não é mais do que aquilo que pensa. Assim como pensas, assim és, e há muitas pessoas aqui que se agarram a ideias antigas que são um obstáculo.

A primeira coisa que se tem de aprender ao chegar aqui é a descartar essas teorias velhas. Metade dos problemas, senão mais, do vosso mundo devem-se a pessoas cuja atitude mental é tão estreita e limitada. Muitas pessoas têm convicções tão fortes em coisas que não têm peso, nem validade. Temos ficado muito perturbados com o estado do vosso mundo. Vamos, de vez em quando, a vários lugares tentar ajudar. Recentemente estive na Irlanda do Norte. Aquilo é uma situação horrível que demonstra — para lá do aspeto político — que é, na verdade, profundamente enraizada num sentido religioso.

Mas não devo começar a falar de religião porque tu ficas logo preocupada quando o faço" (risos). "No entanto, não posso ignorá-la, porque vejo tão claramente como a religião, no passado, separou seres humanos e criou más relações. Na verdade, semeou sementes que, francamente, perturbam muito.

Até que o homem perceba a irmandade universal que tem de existir, que só pode acontecer através da consciência de que todos fazemos parte do mesmo espírito, todos animados pela mesma força divina que dá vida a toda a humanidade (e, de facto, a todas as formas de vida), continuarão a existir estas tragédias terríveis.

O homem separa-se sempre — pelo menos até certo ponto — do reino animal, por exemplo; mas é a mesma força que anima toda a vida. É a mesma força vital que é criativa. Nada se perde. Aqui temos o reino animal, temos a natureza; temos pássaros, árvores, florestas, lagos. Todas essas coisas que consideram materiais — que, num certo sentido, claro, são no vosso mundo — são também fundamentalmente espirituais, na medida em que a força espiritual por trás de toda a vida existe aqui em abundância, e é muito mais plenamente expressa.

Todas as belezas do vosso mundo existem aqui sem todos os aspetos materiais ou deprimentes que o homem trouxe à existência ao longo de séculos de pensamento errado e, em consequência, ação errada. O homem criou tal

destruição no vosso mundo. Mas aqui, porque o homem começa a abrir-se, a compreender e a expressar-se, e a perceber o poder e o potencial do espírito, o homem está a mudar toda a sua atitude perante a vida.

Em consequência, aqui temos todas as belezas e realidades do mundo natural sem muitas das coisas que no vosso mundo causam sofrimento e infelicidade. Todos os piores aspetos do homem vão diminuindo gradualmente. O homem liberta, por assim dizer, o seu próprio ser das correntes em que se prendeu.

Isto não é ser anti-religião, porque a verdadeira religião — a religião fundamental de toda a vida — é algo que se aplica a todos nós. Mas é quando o homem ergue barreiras, cria dogmas e credos que separam homem de homem — é isso que causa toda a destruição e miséria. Tal como na Irlanda do Norte."

Eu: "Descansas, por vezes?"

Douglas: "O que é descanso? Nós não ficamos cansados como vocês entendem o termo; não temos um cansaço físico, mas temos um cansaço mental quando sentimos necessidade de nos retirarmos. Temporariamente deixamos de estar mentalmente envolvidos ou ativos em algum interesse particular. Então ficamos num estado que vocês chamariam inconsciência; vocês chamar-lhe-iam sono. Não vamos, por exemplo, para a cama, mas podemos retirar-nos mentalmente de algo em que estamos imersos, e ter um período de tempo — embora o tempo não seja o mesmo connosco, na verdade não existe — de inconsciência. Mas isto não é algo essencial ou necessário.

Aqui a vida é tão cheia, há tantos interesses, e, no entanto, nunca os podes esgotar, tal como, num certo sentido, não podes esgotar-te a ti mesmo. Aqui há sempre algo novo, fresco e excitante para experimentar — novos rostos, novas pessoas, almas mais avançadas para conhecer; há sempre uma nova experiência pela qual ansiar."

Eu: "Ouvi-te dizer, quando acordei uma manhã recentemente: 'Encontrei alguém que não via desde 1625.' Lembras-te de teres dito isso?"

Douglas: "Sim, lembro. A questão é, como tantas vezes te disse antes, que aqui

encontramos pessoas que conhecemos numa encarnação anterior. Por exemplo, já conheci Shakespeare, e conheci Bacon, e posso resolver esse pequeno problema! Bacon não escreveu as peças, e Shakespeare escreveu-as definitivamente. Mas deves lembrar-te de que Shakespeare pegou em muitos enredos antigos e reescreveu imensa coisa. Na verdade, ele era aquilo a que talvez chamasses um escritor de ofício, mas ao mesmo tempo trouxe frescura e originalidade, e desenvolveu personagens nas suas peças que já tinham sido criadas antes, em alguns casos cem ou mais anos antes. Mas isso é uma longa história."

Eu: "Então tiveste uma conversa com Shakespeare!"

Douglas disse: "Sim, mas aí está, claro, as pessoas vão dizer: 'O teu marido diz que teve uma conversa com Shakespeare — muito bonito, mas como sabemos, como podemos provar?' Bem, suponho que, de certa forma, não se pode propriamente provar para satisfazer as pessoas do vosso lado. Há um aspeto disto que acho tão fascinante; se ao menos tivéssemos a oportunidade de vir mais vezes para conversar sobre estas coisas, e não só eu vir falar, mas outras almas também. Não vejo razão nenhuma para que Shakespeare, ou Bacon — se assim o quisessem, claro, e se estivessem dispostos — não pudessem vir e falar e discutir todo o tipo de assuntos. As pessoas não percebem as possibilidades tremendas deste tema. Na verdade, pode-se dizer que só arranharam à superfície."

Eu: "Às vezes vejo o que parecem fitas de luz com frases escritas nelas. Infelizmente, raramente sou rápida o suficiente para apanhar a mensagem. És tu o responsável, querido?"

Douglas: "Sim, e acho que tu sabes mais do que estás disposta a admitir. Mas claro que vens para cá muitas vezes durante o teu sono. Pergunto-me muitas vezes se te lembras de muito disso."

Eu: "Um pouco, às vezes, e certamente sinto-me muito melhor depois de ter estado aí contigo. Suponho que trago de volta um pouco da energia do teu lado."

Douglas: "Sem dúvida que trazes. Sabes, estamos muito mais próximos do que imaginas. Quando vens a Londres outra vez?"

Eu: "Não sei. Gostava tanto de ir."

Douglas: "Ainda há tanto que te podia dar, mas o problema agora é ires a Londres para falares comigo."

Eu: "Mesmo assim, adoro o País de Gales, é um ambiente lindo, e tenho uma vista maravilhosa da minha janela. Gostas do meu quarto?"

Douglas: "Gosto muito, é tão calmo e pacífico, isso por si só já é um grande conforto, e a atmosfera e a condição aí são muito boas."

Eu: "Como está o meu irmão Arnold?"

Douglas: "Ele está perfeitamente bem agora, e muito feliz. Queria que eu te enviasse o amor dele. A tua mãe e o teu pai também mandam amor. Conheci tantas pessoas de uma forma ou de outra, e vejo de vez em quando pessoas que conhecemos em anos mais recentes mas, talvez por estar tão mergulhado no trabalho que faço, conheci sobretudo pessoas associadas ao passado; pessoas de encarnações de há séculos que estiveram muito ligadas e envolvidas nas nossas vidas. Isto é algo que as pessoas nem sempre percebem.

Às vezes damos tanta importância às relações pessoais — estou a falar agora em especial da família — como se fossem tudo. São importantes materialmente enquanto se vive num mundo material, como têm de ser, mas aqui as relações de verdadeira profundidade não são necessariamente relações de família, mas relações de realização e conquista mental e espiritual. Não é tão importante quem te deu à luz; o que importa é a evolução e o desenvolvimento do espírito. Claro que, se estás muito envolvida e ligada a um membro da família, então obviamente permanecerás assim. Isto é invariavelmente porque são Almas Velhas, e estiveram muito ligadas numa encarnação anterior. Mas sinto que há tanto por dizer ainda sobre comunicação e encarnações passadas que,

francamente, não se pode esperar transmitir tudo, e eu aprendi tanto mais. Parece mesmo que já passou muito tempo desde que falei contigo."

Eu: "Já lá vão quase cinco anos, querido."

Douglas: "Mas estivemos em contacto na mesma. Quero que percebas que todos os dias que passam, estou muito perto de ti, e sem dúvida quando vieres a Londres, como quase de certeza virás no próximo ano, poderemos ter mais umas conversas juntos. Tenho de ir daqui a pouco, mas todo o meu amor, e estou tão emocionado e feliz com o livro, e sei, sei mesmo, que vai ser um sucesso."

Mickey: "Adeus, que Deus te abençoe, tia."

Eu: "O Douglas esteve muito bem."

Mickey: "Maravilhosamente, especialmente considerando que não tinha tido oportunidade de vir há séculos."